

JACIANE PINTO GUIMARÃES

PROJETO DE VIDA, DESLOCAMENTOS E CONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS –
MARCAS DE GÊNERO EM MULHERES DOUTORANDAS NA UFV

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de “Magister Scientiae”.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL

2004

JACIANE PINTO GUIMARÃES

PROJETO DE VIDA, DESLOCAMENTOS E CONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS –
MARCAS DE GÊNERO EM MULHERES DOUTORANDAS NA UFV

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de “Magister Scientiae”.

APROVADA: em 18 de maio de 2004.

Prof^a Alice Inês de Oliveira e Silva
(Conselheira)

Prof^a Ana Louise de CARvalho Fiúza
(Conselheira)

Prof^a Sandra Mata Azeredo

Prof^a Patrícia Fernanda Gouveia da Silva

Prof^a Maria de Fátima Lopes
(Orientadora)

"Sempre que penso nas mulheres me vem a imagem de um rio enorme e caudaloso que temos que atravessar. Umhas apenas molham os pés e desistem, outras nadam até a metade e voltam, temendo que lhe falem forças.

Mas há aquelas que resolvem alcançar a outra margem custe o que custar. Na travessia vão largando pedaços de carne, pedaços delas mesmas.

E pode parecer aos outros que do lado de lá vai chegar um trapo humano, uma mulher estraçalhada. Mas o que ficou pelo caminho é tão-somente a pele velha. Na outra margem chega uma nova mulher."

Zuleica Alambert

A Bárbara, Alice e
Maurício.

AGRADECIMENTOS

Finalizar este ciclo me fez refletir sobre os momentos vividos, afinal de contas foram três anos e meio de convivência diária. Tive a sorte de ter pessoas extremamente significativas, do ponto de vista teórico, como incentivadoras do trabalho intelectual sério e competente e que se mostraram fundamentais no âmbito afetivo. Não tenho dúvidas de que fui privilegiada em ter a oportunidade de aliar a formação intelectual acadêmica de qualidade no convívio direto com profissionais da maior competência em seus campos de atuação e a consolidação de vínculos que extrapolaram a relação institucional.

Ao Departamento de Economia Doméstica (DED) da Universidade Federal de Viçosa (UFV), pelo apoio e incentivo em todas as fases do curso, e ao seu corpo docente, pelo convívio respeitoso.

Ao CNPq, por ter disponibilizado um período de bolsa de estudos. A possibilidade de financiamento público do meu aperfeiçoamento faz com que este momento não apenas seja de conagração, mas de reforço na certeza do compromisso com a educação brasileira de qualidade.

Um agradecimento especial às mulheres doutorandas que se dispuseram a abrir suas vidas e participar desta pesquisa; sem elas nada disso seria possível. Espero poder contribuir, de alguma maneira, nas discussões acerca da ciência e da teoria de gênero.

À Professora Maria de Fátima Lopes, pela disponibilidade, incentivo e amizade ao longo desses anos de convivência. Sua orientação foi fundamental para o meu desenvolvimento acadêmico e crescimento pessoal.

À Professora Alice Inês Oliveira e Silva, pelo respeito, compreensão, incentivo e amizade em todos os momentos do trabalho. Ela é parte responsável por esta dissertação.

À Professora Ana Louise Fiúza, pela orientação, sugestões e críticas ao longo do caminho de elaboração desta pesquisa.

À Professora Patrícia Gouvêa, pela leitura cuidadosa do texto e pelas excelentes sugestões e críticas ao trabalho, por ocasião da defesa da dissertação.

À Professora Sandra Azeredo, por tão gentilmente ter possibilitado a minha participação em sua disciplina no Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais e, posteriormente, ter feito parte da banca de defesa; sua postura firme e crítica foi fundamental para que eu repensasse algumas questões do trabalho.

Às Professoras Neide Almeida, Lourdes Helena da Silva e Neuza Maria da Silva, pelas sugestões e críticas importantes e valiosas na defesa do projeto de dissertação, cujas contribuições foram decisivas no processo de elaboração do trabalho.

Ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero (NIEG), pelo convívio sempre respeitoso e de grande valor intelectual e afetivo; às Professoras Paula Dias Bevilacqua e Marisa Barletto, pela convivência e oportunidade de aprendizado; um carinho especial a Erlinda e Diná, minhas primeiras interlocutoras no NIEG; aos demais estudantes Andréa, Patrícia, Cristiane, Alex e Renato; e um agradecimento especial à Andréa, por ter auxiliado no trabalho árduo de transcrição das entrevistas.

Aos Professores Fábio Farias Mendes e Franklin Daniel Rothman, do Mestrado em Extensão Rural, pelas discussões importantes nas disciplinas cursadas em minha formação profissional.

À Professora Maria de Lurdes Mattos Barreto, coordenadora do Programa de Pós-Graduação, pela disponibilidade, dedicação e amizade.

A Efigênia, Lena, João e Roberto, funcionários (as) do DED, em especial à Aloísia, por estar sempre pronta a auxiliar nas burocracias acadêmicas.

Ao meu amigo Zezeu “baiano da gema”, pela parceria nas disciplinas e nas acaloradas discussões teóricas; sou extremamente grata por todo o aparato “logístico” e afetivo na entrega da versão final do trabalho; a Ângela, Naise, Eni, Antonia e Dilce, pela amizade e companheirismo – com elas dividi todas as ansiedades, alegrias e frustrações ao longo desses dois anos de curso; e aos meus colegas Dora, Maira, Renato, Joelma, Ivna, Kaká, Adriana e Júnia, cujo convívio ainda nos tempos em que eu era aluna especial foi decisivo na minha formação.

A Mariana, Viviane, Ailton, Edney e toda a turma da Extensão Rural, pessoas importantes em minha trajetória acadêmica, pelo companheirismo e aprendizado.

Aos meus amigos de outras tribos Rodrigo e Bia, Ratinho e Dani, Taís e Nelson, Vanderlei e o grupo dos “gaúchos”, sempre prontos pra fazer um churrasco e diminuir um pouco as saudades dos “pagos distantes”, pelo agradável convívio.

À minha grande amiga Jaqueline, por me ensinar a ser um pouco mais “mineira”, amiga de todas as horas e de muito além dos corredores acadêmicos. Jaqueline e Serginho são aquelas pessoas que ficarão marcadas pra sempre em meu coração!

À Ana Maria Aboid, por me acompanhar no difícil percurso do auto-entendimento.

À Associação de Psicólogos e Psicólogas de Viçosa, pessoas com as quais tive o privilégio de conviver e aprender.

A Vilma e suas filhas Miriam, Shirley e Ariana, por terem formado um “time”, auxiliando-me na dura tarefa de cuidar da casa.

A Plínio e Irema, meus pais, por, mesmo sem terem a dimensão exata do significado do mestrado, terem sempre acreditado em meu potencial, dando-me força em todas as decisões de minha vida, até mesmo naquelas em que nossa convivência foi adiada pela distância – Minha formação se deve a vocês!

À Miralva, minha irmã querida, que a cada encontro perguntava o que era mesmo o que eu estava estudando, mas que, do jeito dela, soube conviver com a distância e respeitar minhas opções de vida.

A Maurício e Luciana, pelos momentos alegres que passávamos a cada retorno meu ao Rio Grande do Sul.

À minha “outra” família Laerte e Clarice, Lúcia e Perci, Laertinho e os “meninos” Rafa, Chico, Pedro e a Maria Sílvia., pela acolhida carinhosa e pelo incentivo.

Às minhas amigas de Porto Alegre Cida e Yole, por, mesmo de longe, sempre terem torcido por mim e pela certeza de que o retorno seria possível.

Às minhas novas colegas da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, em especial à Professora Sita Mara Santanna, por terem entendido o momento delicado de defesa de uma dissertação.

Aos meus alunos do Curso de Pedagogia da Unidade São Francisco de Paula, da UERGS, por terem tido, nos momentos iniciais, uma professora dividida entre as aulas e a ansiedade diante da proximidade da defesa da dissertação.

Por último, e talvez o mais difícil de agradecer, ao Paulo César, companheiro de todas as horas, incentivador deste trabalho e responsável por minha vinda a Viçosa, pelo amor, pelo carinho e pela dedicação nessa caminhada que, juntos, começamos em Minas Gerais.

BIOGRAFIA

JACIANE PINTO GUIMARÃES, filha de Plínio Monteiro de Guimarães e Irema Pinto Guimarães, nasceu em Porto Alegre, RS, em 1969.

Em agosto de 1992, graduou-se em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

Em 1995, especializou-se em Psicologia Escolar pela referida universidade. Atuou durante 12 anos como psicóloga clínica e escolar em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

No ano de 2000, mudou-se para Viçosa e, em abril de 2002, ingressou no Programa de Pós-Graduação, em nível de Mestrado, em Economia Familiar no Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, submetendo-se à defesa da dissertação em maio de 2004.

Em abril de 2004, ingressou como docente na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

CONTEÚDO

	Página
RESUMO	xi
ABSTRACT	xii
INTRODUÇÃO	1
CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA: DA BIOGRAFIA À TEORIA	5
CAPÍTULO 1	9
A UNIVERSIDADE, CIDADE DE VIÇOSA E CORPO DISCENTE.....	9
CAPÍTULO 2	17
FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA	17
2.1. Procedimentos metodológicos	20
2.2. Sujeitos da pesquisa	22
CAPÍTULO 3	24
CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	24
3.1. Gênero	24
3.2. Família	27
3.3. Casamento/conjugalidade	30
3.4. Projeto de vida	35
3.5. Identidade.....	38

	Página
CAPÍTULO 4.....	40
CONSTRUÇÃO, APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS – AS ENTREVISTAS.....	40
4.1. Composição social das informantes do grupo A – Projeto acadêmico feminino.....	42
4.2. Composição social das informantes do grupo B – Projeto acadêmico do casal.....	65
4.3. Composição social das informantes grupo C – Projeto acadêmico masculino.....	74
DISCUSSÕES E ANÁLISES.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95
ANEXO.....	100

RESUMO

GUIMARÃES, Jaciane Pinto M. S., Universidade Federal de Viçosa, maio de 2004.
Projeto de vida, deslocamentos e configurações identitárias – Marcas de gênero em mulheres doutorandas na UFV. Orientadora: Maria de Fátima Lopes.
Conselheiras: Alice Inês de Oliveira e Silva e Ana Louise de Carvalho Fiúza.

Este estudo buscou compreender as identidades de mulheres migrantes em período de doutoramento. Tais identidades foram analisadas em termos de projeto de vida, trajetória acadêmica e construção da carreira de mulheres casadas, que se deslocam para a Universidade Federal de Viçosa, em Viçosa, MG, com o propósito de cursar programas de doutorado em áreas das ciências agrárias e biológicas. Procurou-se problematizar a inserção dessas mulheres em espaços culturalmente definidos como masculinos na academia e as negociações que acontecem ao longo desse período. As relações de gênero perpassam e, ou, definem as opções nesse momento de investimento nas carreiras profissionais e direcionam carreiras amorosas/afetivas desses pares. Como esse período, em média de quatro anos, é vivenciado por cada uma das mulheres que fazem parte desta pesquisa? Como são percebidas e negociadas as exigências da carreira acadêmica das escolhas afetivas? E, ainda, como são vivenciadas as relações de gênero entre os casais? Essas são questões fundamentais deste trabalho.

ABSTRACT

GUIMARÃES, Jaciane Pinto, M. S., Universidade Federal de Viçosa, May of 2004.
Life project, displacements and identity configurations – Gender marks in UFVs doctorating women. Adviser: Maria de Fátima Lopes. Committee members: Alice Inês de Oliveira e Silva and Ana Louise de Carvalho Fiúza.

This study seeks to understand the migrating women's identities in doctorate period. Such identities are analyzed in terms of life project, academic path and married women's career construction, who move to Viçosa Federal University - MG with the purpose of studying doctorate programs in agrarian and biological sciences areas. It is looked for to problematize these women's insert in culturally defined as masculine spaces in the academy and the negotiations that happen during that period. The gender relations go by and/ or define the options on the moment of investment in professional careers and guide loving/ affectionate careers of those pairs. The way this period, four years on average, is lived by each of the women that is part of this research; the way how is noticed and negotiated the academic career demands of the affectionate choices; and still the way gender relations are lived among couples, are this work's fundamental subjects.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, intitulado “Projeto de vida, deslocamentos e configurações identitárias: marcas de gênero em mulheres doutorandas na UFV”, buscou compreender as identidades de mulheres migrantes em período de doutoramento. Tais identidades foram analisadas em termos de projeto de vida, trajetória acadêmica e construção da carreira de mulheres casadas, que vieram para Viçosa cursar programas de doutorado em áreas das ciências agrárias. As relações de gênero perpassam e, ou, definem as opções nesse momento de investimento nas carreiras profissionais e direcionam carreiras amorosas/afetivas desses pares.

A relevância deste estudo reside na busca por compreender as trajetórias de casais “migrantes” e os arranjos conjugais em momentos bastante significativos do ciclo de vida, particularmente do casal envolvido e das famílias de forma geral. É sabido que esse período requer dedicação e empenho por parte do(a) estudante e uma enorme parcela de cooperação de todos os membros do grupo familiar.

Refletindo sobre as questões colocadas pelas teorias e pela observação empírica, a opção por analisar as trajetórias de doutorandas está relacionada à necessidade de conhecer os processos sociais e culturais envolvidos na mudança de “status” – no sentido da ascensão profissional, ou seja, de se tornarem doutoras –, do ponto de vista da construção de identidade de si mesma e de sua família e do modo que são representadas em razão do projeto de doutorado. Enfatiza-se que tais mudanças devem ser vistas à luz das condições de um momento quase sempre experimentado como de estresse vivenciado pelas famílias envolvidas nesse processo de mudança. Considera-se

parte dessa realidade aqueles que mudam de cidade ou aqueles que permanecem no local de origem, ou seja, continuam residindo em outra cidade.

A perspectiva analítica é a categoria gênero como conceito fundamental para se entender a construção de universos masculinos e femininos. É importante atentar para a maneira como os casais se organizam em suas vidas. Na maioria dos casos, o projeto de doutorado é dos homens e as mulheres os acompanham, muitas vezes abrindo mão de suas próprias trajetórias e carreiras ou, ainda, adaptando-se às possibilidades oferecidas pela universidade/cidade. Contudo, buscou-se compreender as trajetórias das mulheres, nas quais o projeto de ascensão é delas unicamente ou daquelas cujo projeto é relatado como um desejo do casal.

Este trabalho teve a pretensão de analisar carreiras femininas, em que o projeto de doutorado marca a trajetória das mulheres singularmente; como esse período, em média de quatro anos, é vivenciado por cada uma das mulheres constituintes da pesquisa; e, ainda, como são percebidas e negociadas as exigências da carreira acadêmica e as das escolhas afetivas e da construção de identidades sexuais.

Para a compreensão das exigências acadêmicas e as vivências afetivas, torna-se necessário discutir as concepções que nortearam os debates entre ciência e o feminismo. O pensamento ocidental que orientou a ciência moderna foi desenvolvido sob o domínio das ciências naturais. Como paradigma científico hegemônico até meados do séc. XX, está baseado na racionalidade instrumental e legitima as relações assimétricas entre homens e mulheres.

Shienbinger (2001), por exemplo, constatou que o feminismo trouxe mudanças à ciência, pelo menos na forma que as relações entre gênero e ciências são analisadas. Contudo, segundo essa autora, devem-se evitar as armadilhas clássicas das perspectivas biologizantes, estereotipadas, sobre papéis de gênero nos estudos científicos.

Apesar de existirem métodos alternativos de condução de pesquisas, eles não estão diretamente ligadas ao sexo ou a “qualidades eminentemente femininas”. Nesse sentido, as diferenças históricas entre homens e mulheres não devem servir de bases epistemológicas para novas teorias e práticas científicas, não havendo um estilo feminino ou feminista de ser fixada à bancada do laboratório, nos microscópios, hospitais ou computadores. Trata-se de incorporar uma consciência crítica de gênero na formação básica dos jovens cientistas e no cotidiano da ciência, um entendimento crítico de como os papéis de gênero se inscrevem na sociedade e na ciência.

Embora seja reconhecido o avanço das mulheres na sociedade moderna, particularmente com o aumento da escolaridade tanto nos níveis básicos quanto no superior, aliada à sua crescente inserção no mercado de trabalho e na vida política da sociedade, tais fatos não garantem a participação equitativa das mulheres como estudantes, docentes e pesquisadoras no campo da ciência e da tecnologia. Não se trata de assumir a categoria universal de “mulher”, mas sim problematizar que, mesmo dentro da categoria mulher, existem diferenças de raça, classe social, orientação sexual e de geração.

Nos últimos anos tem aumentado o número de trabalhos e pesquisas que versam sobre os índices da participação feminina na área de ciência e tecnologia. Em recente pesquisa divulgada pelo MEC (2003), viu-se que as mulheres já representam a maioria da população acadêmica, nos cursos de graduação e mestrado, mas, nos cursos de doutoramento e nas bolsas de incentivo à pesquisa, o número de homens permanece maior.

É possível pensar que as divisões tradicionais entre público e privado, emprego e lar, universos doméstico e profissional funcionem como obstáculos ao ingresso de mulheres nas profissões em geral e nas ciências em particular. Alguns dos problemas das mulheres nas ciências dependem de valores interdependentes, de ordens estrutural, psicológica e sociocultural. Adotar uma perspectiva de gênero possibilitaria problematizar imagens construídas e arbitrárias sobre comportamentos, interesses ou valores tipicamente masculinos ou femininos, garantindo, dessa maneira, relações mais equitativas entre os gêneros.

Tabak (2002), empreendendo pesquisas sobre a inserção de mulheres na carreira científica e acadêmica, mostrou-se bastante pessimista em relação a essa questão. Acredita que as mulheres ainda se localizam e se remetem para profissões tipicamente femininas como pedagogia, nutrição, psicologia e enfermagem. Para ela, é necessário que se criem políticas públicas e incentivos que motivem meninas a ingressarem em cursos “masculinos” e ajudem a derrubar estereótipos de gênero. Destacou uma pesquisa que versa sobre a carreira científica, concluindo que, tanto em relação à obtenção de títulos quanto de cargos acadêmicos, o número de mulheres diminui a cada etapa da carreira. Segundo ela, a fase crítica parece ser aquela que se segue após a obtenção do título de mestre, quando deve ser tomada a decisão quanto à continuidade da carreira ou não, por várias razões: casamento e filhos, acompanhamento de maridos em viagens e transferências por trabalho e estudos, transformando-se em impedimentos

para a construção das carreiras femininas. Nesse sentido, o foco deste trabalho compreendeu exatamente o momento posterior à opção pela continuidade da carreira acadêmica, ou seja, o curso de doutorado.

As mulheres de modo geral estão representadas em menor número nas ciências, e as oportunidades de fazer carreira também variam de acordo com o sexo. O que fica claro é que o desenvolvimento da trajetória profissional feminina é um processo mais complexo do que para os homens, devido a diferenças na socialização e às sanções que aparecem quando atitudes e comportamentos socialmente aceitos são transgredidos. O desenvolvimento das mulheres em suas carreiras parte da premissa de que a motivação básica de trabalho é a mesma em ambos os sexos, embora homens e mulheres façam escolhas diferentes em virtude de sua socialização e da maneira como as forças sociais estruturam as oportunidades para ambos.

Vale explicitar a eleição das categorias de análise que fundamentem o estudo. Essas categorias são gênero, família, casamento, projeto de vida e identidade, pois acredita-se que a partir de um aprofundamento teórico-conceitual dessas categorias e do cotejamento com o material empírico será possível um entendimento mais claro de como essas relações são constituídas e renegociadas ao longo da vida. Entretanto, antes da apresentação e diálogo das categorias eleitas, apresentou-se neste estudo o processo de construção e objeto desta pesquisa.

CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA: DA BIOGRAFIA À TEORIA

A definição do objeto de pesquisa passou por critérios de escolha definidos por opções teórico-metodológicas constituintes do itinerário profissional e acadêmico da autora deste trabalho. Tais opções passam necessariamente pela inserção no campo profissional como psicóloga comprometida com questões de ordem social e remetem a preocupações teóricas que acompanharam essas práticas ao longo dos anos. Dessa forma, a eleição da categoria gênero como referencial de análise está em consonância com tais preocupações teóricas. Entretanto, motivações de várias ordens estão necessariamente presentes, sejam elas pessoais, sociais – decorrentes da forma com que se integra na sociedade, de sua posição em sua estrutura, enfim, tem relação com a própria trajetória pessoal.

A mudança da autora para Viçosa não esteve relacionada à escolha profissional, pelo contrário, estava ligada a questões pessoais e afetivas. A condição de acompanhante do marido/estudante possibilitou o convívio com outras mulheres na mesma situação e que foram suscitando uma série de inquietações sobre a possibilidade de compreender as trajetórias profissionais e acadêmicas aliadas às trajetórias amorosas e afetivas de casais migrantes. A princípio, tais percepções não eram vislumbradas como um eventual objeto de reflexão. Entretanto, ao longo da inserção na Universidade, primeiro na condição de aluna especial¹, depois como aluna regularmente matriculada

¹ A UFV oferece aos interessados a possibilidade de cursar algumas disciplinas como aluno especial, ou seja, para aqueles que não tenham vínculos formais com a instituição. Dessa forma, a autora teve a oportunidade de frequentar as disciplinas de Estudo da Família e Antropologia Social, ambas ministradas pela Profa. Maria de Fátima Lopes, e que foram o seu primeiro contato com o contexto da Universidade.

no Programa de Mestrado do Departamento de Economia Doméstica, ela teve a oportunidade de se integrar ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero (NIEG)². A partir desse contato foi possível refinar reflexões sobre a temática de gênero, a história da Universidade, o próprio curso de Economia Doméstica e a histórica divisão culturalmente definida na UFV entre universos masculinos e femininos. Através de observações e reflexões, algumas situações sociais foram se colocando como rentáveis do ponto de vista do trabalho de mestrado, especificamente o grande número de famílias que migram para Viçosa com o propósito de ingressar em programas de pós-graduação da UFV.

O processo de construção deste trabalho iniciou-se com a percepção das dificuldades ou facilidades encontradas por algumas famílias/casais em estabelecer laços na sua nova condição de residentes em Viçosa. Em decorrência de observações empíricas de como alguns grupos têm suas identidades reforçadas no momento de mudanças, começou a se esboçar a curiosidade de investigar como se estabelecem, como são vivenciadas e reforçadas as identidades atravessadas pelas relações de gênero nesse contexto específico.

A partir daí foi se delineando o desejo de estudar qual era o lugar do masculino e feminino nesse projeto de vida, que estava pautado e se construía pelo curso de doutorado num contexto marcado por mudanças significativas nas rotinas conjugais e familiares previamente estabelecidas.

Em um texto bastante elucidativo, Neuma Aguiar (1978) relatou sua experiência de construção de objeto de pesquisa e estudo na região do Cariri, no Ceará, região muito particular para a autora, pois o local estava intimamente ligado à sua infância. Da mesma forma, Oliveira e Silva (1985) relataram a experiência de campo em sua dissertação de mestrado, quando realizou trabalho em uma cidade do interior mineiro, onde já havia residido e mantinha vínculos afetivos. Da mesma forma, Abreu Filho (1980), ao estudar a identidade e parentesco em uma cidade mineira, também muito familiar para ele, corroborou e problematizou o lugar do pesquisador no processo de construção do objeto. Embora todos esses trabalhos mostrem situações diferentes entre si, os três casos possibilitaram reflexões significativas sobre a inserção da autora em

² O Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero é um fórum de pesquisa que congrega professores e alunos de graduação e pós-graduação das áreas de Economia Doméstica, Pedagogia, Antropologia, Psicologia, História, Ciências Sociais, Comunicação Social e Veterinária. Um de seus objetivos básicos foi a integração dos três pilares da Universidade, ou seja, a integração entre ensino, pesquisa e extensão.

campo. Assim, o fato de estudar as relações entre projeto de vida, casamento e carreira estaria diretamente relacionado à sua própria história. A partir daí, o trabalho de dissertação ultrapassa a experiência particular, revelando aspectos de sua biografia, mas que exigiram atenção especial. Uma das tarefas mais difíceis, ricas, imprescindíveis e constitutivas de conhecimento do trabalho é aquilo que Matta (1978) descreveu como transformar o “exótico em familiar e o familiar em exótico”. Esse exercício de proximidade e distanciamento, que é próprio da atitude de relativização, foi conseguido pela construção teórica e explicitação da sua subjetividade imbricada na pesquisa, como forma de transcender o nível biográfico e atingir, dessa forma, o distanciamento necessário para alcançar os objetivos proposto neste trabalho.

Uma das questões que acompanha um(a) pesquisador(a) recém-iniciado(a) é a premissa tradicional da ciência cartesiana, que prega o distanciamento necessário e a neutralidade como garantia de objetividade nos resultados obtidos. Afirma-se que o pesquisador deve ser imparcial, e que envolvimento com o “objeto” podem comprometer a veracidade dos estudos. Ela compartilha das idéias e ensinamentos de autores que acreditam que seja inevitável um envolvimento com o objeto de estudo e que isso não constitua defeito ou imperfeição (VELHO, 1981; DA MATTA, 1978; BECKER, 1994).

É importante lembrar ainda:

que aquilo que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido. E aquilo que não vemos e não encontramos, pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente (VELHO, 1981).

Em alguns momentos, esse esforço foi enorme, pois muitas histórias relatadas e observadas foram, em vários aspectos, semelhantes à própria experiência de vida na cidade e na Universidade. Na pesquisa, esses pontos foram cruciais para o entendimento e execução do trabalho, pois, embora as situações tenham sido familiares, as vivências das famílias envolvidas muitas vezes eram completamente “exóticas” e heterogêneas. Reside aí a riqueza do trabalho de pesquisa, e acredita-se que só a crença na tarefa da ciência torna possível tal empreendimento.

Na construção do trabalho foram eleitas mulheres casadas formalmente ou que mantinham uma relação heterossexual estável com um companheiro; que estivessem matriculadas nos programas de doutorado, por se tratar de um período de tempo mais

extenso, e estivessem morando atualmente na cidade por esse motivo. Nesse cenário os objetivos delinear-se nos seguintes termos: Busca-se analisar os projetos de vida expressos nas trajetórias acadêmicas, bem como os processos de construção e, ou, reforçamento de identidades das mulheres que migram para Viçosa/UFV com o propósito acadêmico de aperfeiçoamento em nível de doutorado; Descrevem-se as trajetórias das mulheres estudantes quando o projeto de doutorado é delas; Procura-se compreender se há rompimento do projeto do casal em prol de um projeto individual que se constrói aqui e como esses sujeitos percebem a mudança de estilos de vida da família e de si próprias; e Procura-se identificar quais são os “modelos” de masculino e feminino que são referências e, ou, que se constroem nesse contexto e as representações de conjugalidade vivenciadas por esse grupo.

Este trabalho foi organizado em quatro capítulos, em que o inicial situa a cidade de Viçosa e a Universidade Federal de Viçosa. Descreve-se o perfil dos(as) estudantes de doutorado da UFV divididos por curso e sexo, com o intuito de mostrar os redutos historicamente construídos como masculinos e femininos da pós-graduação, e também procura-se problematizar os campos de atuação dessas profissionais.

Na segunda parte foram apresentados os instrumentos de análise metodológica. Discutem-se questões referentes ao pensamento da sociologia clássica representada por Weber e Durkheim, que auxiliaram e fundamentaram o entendimento das análises. Posteriormente, explicita-se a constituição do grupo pesquisado, bem como os instrumentos da pesquisa.

O capítulo 3 é uma síntese do debate teórico conceitual em torno das categorias fundamentais eleitas para fins deste trabalho. Nele, procuraram-se sistematizar os fundamentos que possibilitaram seguir numa compreensão específica, realizada no capítulo seguinte.

No último capítulo, apresentou-se e buscou-se analisar os dados construídos através dos instrumentos analíticos utilizados. Este capítulo tornou-se fundamental para a compreensão de trajetórias das pessoas envolvidas. Nessa parte, encontram-se as discussões propriamente ditas, com as categorias teóricas eleitas e as categorias empíricas do trabalho.

Nas considerações finais, procurou-se sintetizar alguns resultados significativos para a compreensão crítica do discurso das entrevistadas, além de indicar alguns desdobramentos possíveis do trabalho de dissertação.

CAPÍTULO 1

A UNIVERSIDADE, CIDADE DE VIÇOSA E CORPO DISCENTE

Para compreensão e elucidação da relevância deste estudo, especificamente nesta Universidade, a seguir procurou-se fazer um breve panorama histórico da Universidade Federal de Viçosa, privilegiando a inserção das mulheres nesse contexto; a criação dos cursos de pós-graduação, bem como a relação da cidade com a Universidade, que se apresenta como bastante paradoxal, ora de completa hostilidade, ora em pleno conagraçamento.

Deve-se atentar para aspectos específicos da cidade de Viçosa, que se caracteriza por ser uma cidade pequena da Zona da Mata mineira, com a população estimada em cerca de 64. 854 habitantes e tendo sua economia atrelada ao cultivo de café e, principalmente, ao setor de serviços³. O desenvolvimento da cidade está intimamente ligado à Universidade Federal de Viçosa. A Universidade tem sua história marcada pela presença norte-americana, uma vez que o primeiro diretor da escola foi o professor americano Peter Henry Rolfs, configurando, dessa maneira, uma importante parceria, que marcou e constituiu a história da UFV, sendo referência até os dias de hoje.

³ Viçosa está localizada a oeste da Zona da Mata mineira de MG e nomeia a microrregião 36, conforme subdivisão do IBGE. A microrregião de Viçosa faz fronteira com a de Muriaé a leste, a de Ponte Nova ao norte, a de Ubá e Juiz de Fora ao sul e a oeste com as zonas fisiográficas Metalúrgica e Campo das Vertentes. Disponível em: <www.ibge.org.br>.

Segundo Soller e Matos apud Lopes e Oliveira e Silva (2002), a cidade deve ser entendida como território que condiciona experiências pessoais e coletivas e, dessa forma, passa a ser vista como a história da espacialização do tempo e das escolhas coletivas. Dessa maneira, entende-se que a cidade nunca deve surgir apenas como um conceito urbanístico ou político, devendo sempre ser encarada como o lugar da pluralidade e da diferença, constituindo, dessa maneira, muito mais que o simples espaço de manipulação do poder, mas sim um espaço de construção de identidades dos atores que a compõem.

Partilhando dessa mesma vertente, Fonseca (2000) considerou a cidade como local por excelência de encontros culturais e apontou para as conexões entre as diferentes esferas — local, nacional, continental, global — produzindo, conseqüentemente, culturas híbridas e identidades policentradas.

Velho e Machado apud Lopes e Oliveira (s. d.) apontaram para o fato de que não há razões para considerar o individualismo e a impessoalidade elementos que caracterizem estritamente os grupos urbanos. No entanto, acredita-se que diferentes práticas e relações sociais coexistam tanto no meio urbano como no meio rural, proporcionando visões de mundo e estilos de vida particulares. Mesmo a cidade pequena pode abrigar grupos heterogêneos que realizam tanto experiências quanto interpretações da realidade social variadas. Viçosa é uma cidade que se caracteriza exatamente por favorecer um fluxo grande e heterogêneo de grupos sociais partilhando experiências que constituem e marcam as subjetividades de todos os que passam pela cidade.

Como se salientou no início deste capítulo, Viçosa tem tradição no ensino acadêmico. Em 1926 foi criada a Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ESAV. Em 1950, passou ao estatuto de Universidade Rural de Minas Gerais (UREMG) e contava com os cursos de Agronomia, Veterinária, Extensão Rural e Economia Doméstica. Justamente a partir da criação da Escola de Ciências Domésticas espaço culturalmente definido como feminino por excelência e conseqüentemente entrada de mulheres em seu corpo discente, a Escola de Agronomia de Viçosa ganha “status” de Universidade Rural. As universidades rurais pressupõem sempre o interior como espaço privilegiado para sua localização, ou seja, fora das grandes metrópoles. Esse fato determina uma série de singularidades que serão produzidas exatamente pelas condições geográficas/sociais dadas (LOPES, 1995).

Em 1969, a UREMG passa a ser administrada pela União e ganha o “status” de Universidade Federal de Viçosa. Durante muitos anos se configurou como eminente espaço masculino. A inserção das mulheres na Universidade se deu exatamente pela criação da Escola de Ciências Domésticas. Sua história está fortemente vinculada ao paradigma americano de ensino, pesquisa e extensão.⁴

A partir da década de 1990 houve aumento considerável no ingresso de mulheres nos cursos de graduação e pós-graduação. Várias pesquisas têm apontado para isso e para o fato de campos de estudos antes considerados masculinos serem povoados por mulheres, ou seja, essas áreas passam a ser cada vez mais procuradas por mulheres.

Nos programas de doutorado da UFV ainda é percebido um número maior de homens. Tal dado tanto acompanha os números publicados pelo MEC em relação ao acesso de mulheres ao doutorado quanto confirma a tendência de que existem áreas de conhecimento ainda dominadas pelos homens. Entretanto, é importante destacar que o número de mulheres nesses cursos é significativo, principalmente se se considerarem alguns campos de ensino como redutos historicamente masculinos por excelência.

A história da UFV está intimamente ligada à própria história da pós-graduação em Ciências Agrárias no Brasil. Em 1961 foram inaugurados os primeiros cursos formais de pós-graduação em Ciências Agrárias no país, quando foram iniciados os primeiros cursos de mestrado em Olericultura (atualmente Fitotecnia) e Economia Rural e, no ano seguinte, o mestrado em Zootecnia. A pós-graduação expandiu-se gradualmente, e em 1972 iniciaram-se os cursos de doutorado (Caderno acadêmico de Pós-Graduação, 2001/2002).

Com o desenvolvimento da política educacional brasileira dos anos de 1990, viu-se um aumento considerável de opções de cursos e da demanda de alunos(as) disputando uma de suas vagas. Com a pós-graduação também tem ocorrido o mesmo, uma vez que a busca de qualificação é cada vez maior, e nesse contexto as mulheres vêm ocupando mais esse espaço.

Atualmente, a Universidade Federal de Viçosa conta com 16 programas em nível de doutorado/mestrado e 06 em nível de mestrado somente, perfazendo um total de 22 programas e uma média de 660 alunos matriculados nos programas de doutorado. É considerada uma das mais bem conceituadas universidades do país e de referência na pesquisa em Ciências Agrárias, com reconhecimento tanto em nível nacional quanto

⁴ Conferir em: Lopes, M. F. “O sorriso da Paineira: Construção de gênero em Universidade Rural”. Tese de doutorado PPGAS- Museu Nacional, 1995.

internacional. Em razão dessas características, um contingente enorme de estudantes busca ingressar em seus cursos de pós-graduação.

A seguir é apresentada uma tabela com dados de 2003 mostrando os números de estudantes matriculados(as) em seus programas, divididos por sexo e curso, e que explicita essas considerações.

Configuração da Pós-Graduação

CURSOS/ DOUTORADO	MULHERES	HOMENS	TOTAL	MULHERES %
Botânica	05	01	06	83
Engenharia Civil	02	05	07	28
Microbiologia Agrícola	17	11	28	60
Fisiologia Vegetal	10	15	25	40
Meteorologia Agrícola	04	05	09	44
Engenharia Florestal	25	31	56	44
Entomologia	13	31	44	29
Bioquímica Agrícola	12	05	17	70
Economia Aplicada	11	16	27	40
Fitotecnia	24	44	68	35
Engenharia Agrícola	15	69	84	17
Solos e Nutrição de Plantas	14	43	57	24
Genética e Melhoramento	27	32	59	45
Fitopatologia	10	26	36	27
Zootecnia	26	64	90	28
Tecnologia de Alimentos	34	18	52	65
TOTAL GERAL	249	416	665	37

Fonte: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação.

É possível notar que o acesso às mulheres é mais baixo na pós-graduação, embora também seja crescente o contingente daquelas que ingressam em seus programas. Tais números se relacionam diretamente com a pesquisa citada anteriormente, realizada pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC no ano 2002 e publicada em vários meios de comunicação.

Nesse estudo foi constatado que o futuro da produção acadêmica é feminino, que as mulheres já são maioria nos cursos de graduação, conseguem o maior número de bolsas de iniciação científica e de mestrado, embora no doutorado o número de homens seja superior (JORNAL DA CIÊNCIA, 2003).

A UFV acompanha essa tendência; os programas de doutorado existentes são nas áreas de Ciências Agrárias, Exatas e Biológicas, áreas que podem ser pensadas como historicamente mais masculinas. Nas Ciências Sociais, em que o contingente de mulheres costuma ser maior, só conta com o mestrado em Economia Doméstica e alguns cursos de especialização *Lato Sensu*. Esse dado também poderia ser tomado como uma das razões para o menor número de alunas matriculadas. Cabe ressaltar que, no contexto estudado, esses números tomam dimensão mais específica, pois, como apontado anteriormente, a UFV até pouco tempo atrás era considerada um espaço masculino, e seus cursos convergiam para “saberes” historicamente assim identificados. Dessa forma, é importante qualificar os cursos de acordo com características que poderiam ser caracterizadas como historicamente masculinas, femininas e aquelas que poderiam ser consideradas como mistas. Assim, reorganizaram-se as informações da seguinte maneira:

Organização dos programas de doutorado

Muito Masculino	Muito Feminino	Misto
Engenharia Agrícola	Ciência e Tecnologia de Alimentos	Genética e Melhoramento
Zootecnia	Bioquímica Agrícola	Economia Aplicada
Fitopatologia	Botânica	Meteorologia Agrícola
Solos e Nutrição de Plantas	Microbiologia Agrícola	Engenharia Florestal
Fitotecnia		Fisiologia Vegetal
Entomologia		
Engenharia Civil		

Fonte: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação.

Com base nas informações apresentadas nesse quadro, é possível mapear a existência de redutos masculinos na UFV, como Engenharia Agrícola, com um número significativo de homens em relação ao número de mulheres; e Zootecnia, que também se configura como um espaço masculino. Além desses, existem outros, como Solos e

Nutrição de Plantas, Fitotecnia, Entomologia e Engenharia Civil, que poderiam ser vistos como campos ainda predominantemente masculinos na academia.

Nota-se que em outros seis cursos o percentual de mulheres é um pouco mais equilibrado, a saber: Engenharia Florestal (44%), Genética e Melhoramento (45%), Economia Aplicada (40%), Fisiologia Vegetal (40%) e Meteorologia Agrícola (48%). Observa-se que o número de homens é maior em relação ao de mulheres, contudo esses números não são tão expressivos em relação ao total de mulheres matriculadas. Tais números apontam maior equiparação de demanda entre homens e mulheres.

Existem apenas quatro programas em que o número de mulheres estudantes é maior: Botânica, com 83% de mulheres, Microbiologia Agrícola com 60%, Bioquímica Agrícola com 70% a mais e Tecnologia de Alimentos com um número mais significativo de 17 mulheres a mais do que os homens, perfazendo 65% da população. Com base nessas informações, seria possível pensar que esses cursos em relação aos outros possuem características que se alinham com um “jeito feminino” de fazer ciência? Será que tais cursos poderiam fazer parte daquele segmento entendido como “naturalmente” destinados às mulheres? E, ainda, seria possível fazer uma relação com as carreiras tradicionalmente femininas da Universidade? É importante sinalizar as discrepâncias na inserção de mulheres e homens no contexto da UFV, entretanto cabe salientar que a análise das carreiras de todo o universo desses cursos discrepantes ultrapassam os limites deste estudo, mas podem se configurar como objeto de investigação de um estudo posterior.

Tabak (2003) afirmou que as mulheres ainda procuram mais os cursos de Ciências Humanas e Sociais, pois a escolha da profissão ainda está vinculada a estereótipos de gênero arraigados na sociedade. Viu-se no caso específico da UFV que tais argumentos poderiam ser percebidos através da escolha de cursos mais masculinos ou mais femininos, estabelecendo-se também uma divisão pautada por atributos de gênero. Assim, a escolha da Universidade Federal de Viçosa como espaço de pesquisa deveu-se ao fato de a UFV apresentar características que fazem desse um espaço paradigmático para ser estudado; sediada em uma cidade do Sudeste do país, sabidamente uma das regiões com maior volume de investimentos no setor de educação, aliada ao conceito de qualidade acadêmica alto da instituição e, finalmente, pelo fato de ser uma cidade pequena que guarda características de cidade do interior.

As relações entre a cidade e a Universidade apontam para um paradoxo, pois, à primeira vista, pôde-se notar uma relação de dependência direta da cidade em relação à

Escola. Nos meses de férias acadêmicas ou mesmo durante as repetidas greves ocorridas e conseqüente período em que os estudantes voltam para “casa”, é possível notar um desaquecimento das atividades do comércio e setor de serviços em geral, causando um impacto negativo significativo.

Ao mesmo tempo, essa relação de dependência precisa ser problematizada, pois existe uma grande parcela da população residente em Viçosa que não tem o mínimo acesso à Universidade e a seus serviços. A partir dos últimos anos é percebido um aumento da periferia pobre da cidade, do desemprego e da violência e, conseqüentemente, da exclusão social de significativos segmentos da sociedade.

O que fica claro é que a população acadêmica forma uma espécie de gueto, com hierarquia definida entre os de “dentro e os de fora”, sendo, em sua maioria, os de dentro da Universidade os de fora da cidade, os “estrangeiros”, e os de fora da Universidade são os de dentro da cidade, ou seja, os “nativos”.⁵

No estudo realizado, pôde-se perceber que grande parte das estudantes e suas famílias não possuía vínculos extrauniversitários. Bruna, uma das entrevistadas, usou a metáfora da UFV como uma nave alienígena que pousou na cidade e que não conseguiu fazer contatos significativos com a população da cidade, que não está diretamente ligada à Universidade:

Eu acho que agora a periferia cresceu muito, eu conheci agora há pouco, o bairro de Nova Viçosa, que eu nem sabia que existia, na verdade é outra cidade, não é a Viçosa que a gente conhece. Eu acho que a universidade, ela não tem uma abrangência local, **que é como se fosse uma espaçonave, que pousou em Viçosa**. Antes eu via isso menos, na época do mestrado, mas agora quando eu vejo essa periferia, quando eu vejo essas pessoas tão excluídas do processo, eu vejo que a universidade se torna cada vez mais um **extra terrestre**, porque a gente vê lá e não tem nada a ver. (grifo da autora).

Esse relato expressa a disparidade estrutural percebida entre a organização da cidade e a Universidade. É importante destacar que, de uma forma ou de outra, a percepção da diferença é referida por todas as entrevistadas e também reconhecida pelo senso comum. A imponência da universidade causa impacto e marca significativamente as relações que se estabelecem entre a cidade e a comunidade acadêmica.

Acredita-se que a Universidade de Viçosa, por todas essas características, tornou-se um espaço singular e rentável para a realização deste trabalho.

⁵ Vários autores trabalham com essa questão, entre eles Elias, N. (1994) e Matta (1993).

No próximo capítulo, procuraram-se discutir alguns conceitos teórico-metodológicos que fundamentaram a pesquisa, além de explicitar os procedimentos de construção dos dados obtidos nas entrevistas e observações de campo.

CAPÍTULO 2

FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O referencial epistemológico que embasa este trabalho alinha-se aos pressupostos da Teoria Weberiana. Nessa perspectiva estão valorizados aspectos vitais à teoria do conhecimento, como a idéia de irredutibilidade do social e o caráter ficcional da reflexão científica, da dimensão ideal-típica dos modelos e da dinâmica entre universal e específico, mediante a proposta histórico-comparativa.

Embora se acredite que o referencial weberiano dê suporte à reflexão teórica, procurou-se aprofundar as leituras e reflexões dos textos de Durkheim, que também foram elucidativos para a compreensão da proposta teórico-metodológica da dissertação.

Weber (2001) foi representante da disciplina empírica e investigava fenômenos históricos particulares. Além disso, segundo ele jamais poderia ser tarefa de uma ciência empírica proporcionar normas e ideais obrigatórios que pudessem servir de receitas para a prática (formação de juízo de valor), de modo a determinar um denominador comum universal que pudesse ser aplicado para solucionar os problemas de todos. Para ele, as leis gerais servem apenas como meio para se chegar a determinado conhecimento empírico, mas não servem para explicar a finalidade da ação social. Assim, busca entender a construção dessas ações e seus nexos causais, entendendo que estes são múltiplos. Discorda de Marx nesse ponto e defende que as ciências sociais não podem

lidar com leis universais, pois há uma especificidade nos contextos históricos, além de a realidade ser dinâmica e situacional, havendo múltiplas possibilidades.

Para aquele autor, os juízos de valor são considerados hábitos enraizados, os quais não são suficientes para entender os fins e ideais pretendidos. Por isso, não deveriam ser extraídos da análise científica, uma vez que se derivam de idéias e têm sua origem subjetiva. Nessa linha de pensamento, o pesquisador define o seu objeto de estudo e seus objetivos e, posteriormente, estabelece quais meios são apropriados ou não para o alcance desses objetivos.

A partir do momento que o pesquisador define esses “meios”, pode-se ponderar acerca da possibilidade de alcançar determinado fim. Assim, ele reconhece que a subjetividade está presente na escolha do objeto de estudo e dos procedimentos metodológicos, mas a finalidade, os resultados da pesquisa, não pode ser comprometida pelo julgamento de valor. Para tanto, a objetivação pode ser alcançada pelo próprio contato com objeto empírico, pois a definição de elementos abstratos (teorias escolhidas a partir dos julgamentos de valor do pesquisador) tem o propósito de compreender o dado empírico. Segundo Weber (2001), a definição do objeto das ciências sociais está diretamente ligada aos procedimentos metodológicos.

Para Durkheim (1995), a sociedade é anterior ao indivíduo, e ele atribui a coletividade à força que envolve o indivíduo e o leva à determinação dos comportamentos, não excluindo o indivíduo desse processo. Admitiu que, apesar de as instituições sociais exercerem influência de fora para dentro, as pessoas não recebem passivamente. À medida que se assimilam instituições, está-se particularizando nossas ações, embora não se possam mudá-las radicalmente, pois têm existência própria.

A condição de objetividade é a existência de um ponto de referência, constante e idêntico, ao qual a representação pode ser relacionada e permite eliminar tudo que ela tem de variável, ou seja, subjetivo. Descreve, ainda, o que se pode chamar de morfologia social com a finalidade de construir e classificar os tipos sociais calcados em um raciocínio causal e, por vezes, evolucionista e arbitrário.

Nesse sentido é fundamental utilizar esse referencial teórico para entender o lugar dos projetos pessoais e familiares na pesquisa em questão. Partindo da argumentação durkheimiana, é possível perceber que a origem da vida social impõe ao indivíduo referências ao que aparece como norma social. Assim, no projeto familiar as marcas do grupo estão presentes, são hierarquizadas em termos do papel masculino e feminino e também estão calcadas em um discurso da família como instituição

primordial do grupo humano. Há uma prevalência do todo sobre o individual. Dessa forma, o investimento feminino em carreiras poderia ser pensado com uma maneira de se contrapor a essas normas e padrões de comportamento, trazendo contradições dentro do projeto de vida e casamento das informantes.

Na seleção do objeto de conhecimento estão presentes os valores do investigador, tornando esse processo de seleção subjetivo. Desde que sejam considerados apenas os valores do próprio ator social e não os do investigador em não comprometer a objetividade das respostas. Os atores sociais são os sujeitos carregados de significações que agem socialmente por meio da conduta do outro, de forma intersubjetiva. Nesse caso, o sujeito social é um ser ativo. O comportamento de um é pensando em termos da expectativa de resposta que o outro tem. E são os sujeitos que determinam as regras para a sociedade, não o inverso.

Para Weber (2001), os valores irão determinar apenas as questões da investigação e as respostas estarão livres de julgamento de valor, uma vez que os procedimentos metodológicos sejam corretamente empregados. Portanto, o objetivo de pesquisa será definido de forma valorativa, e o resultado será submetido a regras objetivas e universais. A objetividade da ciência empírica decorre única e exclusivamente na ordenação das categorias que são subjetivas no momento em que representam valores do nosso conhecimento e que os tornam verdadeiros à medida que são testados empiricamente.

Quanto à busca da objetividade no contexto do estudo de casais migrantes que fazem doutorado em Viçosa, acredita-se que o rigor metodológico necessário que fará com que a apreensão/construção dos dados seja a mais fidedigna possível será constituído pela exata explicitação do método de análise e das limitações encontradas em campo. Limitações essas que dizem respeito às subjetividades dos sujeitos da pesquisa e dos limites do método utilizado, bem como da própria história de vida e subjetividade da pesquisadora, que fazem e fizeram parte da coleta, produção e análise dos dados, uma vez que a própria escolha teórico-metodológica foi pautada por um campo de possibilidades orientado pela prática profissional, experiência de vida, enfim do lugar ocupado no mundo.

2.1. Procedimentos metodológicos

Optou-se pelo estudo de caso, uma vez que esse tipo de referencial favorece o conhecimento aprofundado de uma realidade que os resultados podem atingir e possibilitam a formulação de hipóteses para o encaminhamento de novas pesquisas. O estudo de caso não é uma única técnica que considera a unidade social estudada como um todo, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, mas tem o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos (GOLDENBERG, 1997). Por isso, os encaminhamentos metodológicos contam com a tradição antropológica do estudo de caso, pois esse tipo de metodologia permite reunir o maior número de informações detalhadas sobre o objeto, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de apreender a totalidade de uma situação e descrever a complexibilidade de um caso concreto.

Para fins deste estudo foram utilizados os procedimentos técnicos de observação livre, entrevistas e história de vida circunscritas “ao projeto de doutorado”. Os dados obtidos através dessas técnicas se por um lado se apresentam em desvantagem quanto a uma suposta homogeneidade quando comparados com aqueles obtidos através de técnicas quantitativas, por outro têm, todavia, a vantagem de evidenciar as diferenças internas. A análise qualitativa permite também a interrogação sistemática de um caso particular para retirar dele as propriedades gerais ou invariantes ocultas debaixo das aparências de singularidade (BOURDIEU, 1989).

A observação livre foi realizada nos encontros de campo com os sujeitos constituintes da pesquisa e teve por finalidade a descrição de todas as manifestações (comportamentos, expressões verbais e corporais, ações, atitudes etc.), que foram observadas (TRIVIÑOS, 1987).

As entrevistas semi-estruturadas foram obtidas através de um roteiro previamente elaborado, que contou com alguns pontos de referência para a elucidação da problemática que se desejava investigar (HAGUETE, 1997). Segundo Triviños (1987), a entrevista em profundidade “ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador oferece todas as perspectivas possíveis para o informante alcançar a liberdade e a espontaneidade necessária, enriquecendo a investigação”.

Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem e desejam, pretendem fazer. As entrevistas foram realizadas nas próprias residências das entrevistadas, ou na Universidade, conforme a disponibilidade das informantes. Fez-se

uso de gravador para facilitar o registro das informações, ratificando o uso de pseudônimos e suprimindo fatos que pudessem identificá-las. Em algumas situações foi solicitado que o gravador fosse desligado. Em apenas dois casos, o uso desse instrumento não foi possível, à medida que ambas expressaram desconforto com o aparelho. Todas as informantes se colocaram à disposição para eventuais esclarecimentos posteriores.

A utilização da entrevista é muito recorrente em pesquisas de natureza qualitativa. Segundo Haguette (1992), a entrevista pode ser entendida como uma interação social entre duas pessoas, com o objetivo de obtenção de informações de interesse do entrevistador, o qual faz uso de um roteiro de perguntas ou tópicos a serem abordados de acordo com a problemática central do seu objeto de estudo. Para ela, a interação é um processo com quatro componentes, dos quais advêm vantagens, desvantagens e limitações. Esses componentes são o entrevistador, o entrevistado, a situação da entrevista e o roteiro de entrevistas, os quais podem gerar desvios nos dados da pesquisa e, por essa razão, devem ser problematizados e estar continuamente submetidos aos cânones do método científico, sendo um deles a objetividade entendida aqui não como neutralidade, nem como a busca de uma verdade absoluta, mas como uma tentativa de captação do real, sem contaminações indesejáveis nem da parte do pesquisador nem de fatores externos, que possam modificar aquele real original.

Becker (1999) apontou que o mais importante não é saber se as informações obtidas são verdades absolutas que necessitam de contestação ou comprovação; afinal, o pesquisador não é um detetive. Para ele, o mais importante é saber qual o significado da declaração do informante e, principalmente, o que está por trás da narrativa do sujeito entrevistado.

A utilização da entrevista traz aspectos positivos e negativos à pesquisa. Os positivos estão relacionados ao contato direto com os sujeitos, possibilitando o encontro de diversas subjetividades que podem trazer à tona representações, que expressam, de forma mais profunda, sentimentos e conflitos. Já os aspectos negativos dizem respeito à influência das opiniões pessoais sobre o entrevistado; pouco contato, ou seja, um encontro apenas e, dessa forma, nem sempre as informantes podem ficar à vontade. Além disso, pode ser impossível captar a realidade em toda a sua grandeza e multiplicidade, principalmente se se considerar o tempo para realização do trabalho de campo, fazendo-se necessário dar um recorte nos dados, enfocando os objetivos da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas com as mulheres que migram para fazer o curso de doutorado. A intenção foi elucidar como se deu a tomada de decisão em mudar-se para Viçosa, como qualificam as mudanças na vida do casal/família e em seu próprio projeto de vida pessoal e profissional.

É importante atentarmos para aquilo que Becker (1994) chamou a atenção como o controle do *bias*/viés. Para esse autor, uma forma de controlá-lo seria a de primeiro reconhecer o *bias* para poder prevenir sua interferência nas conclusões, o que quer dizer apontar o “mito da neutralidade científica”.

Especificamente nesta pesquisa, em que se propõe realizar um estudo muito próximo da realidade da pesquisadora, tal percepção se tornou fundamental. A própria mudança para Viçosa remete a questões pessoais e afetivas; nesse sentido, existem muitas semelhanças com a própria trajetória da autora e, dessa forma, tornou-se necessário estar bastante atento para tais questões.

2.2. Sujeitos da pesquisa

No primeiro momento foram selecionados todos os cursos de doutorado vigentes na instituição. De posse dos dados foi feito um mapeamento das mulheres migrantes, estudantes de doutorado, que possuíssem vínculo conjugal heterossexual, formal ou não, procurando entrevistar pelo menos uma das matriculadas em cada um dos 16 programas da Universidade. Na ocasião do trabalho de campo, verificou-se que em quatro desses cursos não havia mulheres doutorandas que atendessem aos critérios da pesquisa.

O contato com as possíveis informantes aconteceu de duas maneiras distintas. Em alguns casos, havia vínculos de amizade anteriores à pesquisa com as entrevistadas e, dessa forma, foi possível obter seus depoimentos. A partir dessas redes houve a oportunidade de realizar quatro entrevistas. Em um segundo momento e de posse da lista de estudantes de doutorado adquirida no sistema gestor de pós-graduação da UFV⁶, entrou-se em contato com as secretarias dos programas de doutorado. Através desse contato, procurou-se marcar entrevistas com as mulheres que se adequavam à proposta de trabalho e que tinham disponibilidade para participar.

Em apenas quatro programas de doutorado se obteve sucesso, a saber: Engenharia Civil, que é um curso muito recente na Universidade e por esta razão tem poucas(os) alunas(os) matriculadas(os), Meteorologia Agrícola e Bioquímica Agrícola e Microbiologia Agrícola. Nesses quatro programas, a informação foi de que não havia

⁶ Agradecimentos ao Prof. Ricardo Frederico Euclides pelo fornecimento de listas de alunos e alunas.

mulheres nas condições desejadas para a pesquisa, ou seja, casadas e não residentes fixas em Viçosa.⁷

Vale ressaltar que, no contato inicial nas secretarias, foi explicitado que a participação era voluntária e com garantia de anonimato. Dessa forma, ficava a critério das pessoas contatadas participarem ou não com seu depoimento. De todas as pessoas contatadas, apenas duas mulheres não concordaram em participar, alegando falta de tempo.

A pesquisa partiu da seguinte situação específica dizendo respeito às mulheres que são as estudantes e os maridos acompanhantes que se inserem ou não na Universidade, embora a iniciativa de mudança para Viçosa tenha partido da mulher.

Após o mapeamento dessas mulheres “migrantes estudantes” de doutorado, o estudo partiu dessas mulheres, a fim de investigar a sua trajetória e seu projeto de vida inseridos no projeto acadêmico. Tal análise pareceu fundamental, uma vez que se acreditava que o trabalho de campo reforçaria a idéia de que as mulheres que vêm estudar representam um número menor de sujeitos. Dessa forma, os sujeitos descritos dentro da primeira situação são importantes para se alcançarem os objetivos aos quais o estudo se propôs. Nesse universo estavam inseridas tanto as mulheres que deixam seus maridos quanto aquelas que migram também.

Buscou-se também mulheres que vieram acompanhar seus maridos, ou seja, aquelas que acompanharam o projeto profissional de seus companheiros. Outra categoria emersa no trabalho de campo indicou que existem alguns casos em que o projeto do casal está vinculado ao projeto profissional de ambos e que eles procuram aliar os interesses comuns aos dois.

A partir daí, o grupo de informantes foi dividido em três categorias distintas, a saber: Grupo “A”, em que o projeto de ascensão via doutorado é feminino; “B”, projeto do casal; e “C”, projeto masculino.

Tendo incursionado pelos procedimentos teórico-metodológicos que balizaram este trabalho, apresentam-se, no próximo capítulo, as categorias teóricas que fundamentaram esta pesquisa.

⁷ Ao procurar informações sobre possíveis participantes, obtiveram-se informações nas secretarias, e mesmo através de redes de informantes, de que existiam mulheres, mas estas eram solteiras, haviam feito toda a formação acadêmica na UFV ou eram “nativas” (termo utilizado para se referir às pessoas nascidas e residentes na cidade).

CAPÍTULO 3

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Para a realização deste estudo foi importante buscar subsídios teóricos que possibilitaram reflexões sobre o tema abordado, bem como a realização de um mapeamento das discussões acerca das categorias analíticas que fundamentam o trabalho, a saber: discussões sobre gênero, categoria essa que é pano de fundo das discussões do trabalho, além de família, casamento/conjugalidade, projeto de vida e identidade.

3.1. Gênero

A categoria gênero emerge como uma crítica ao determinismo biológico e para resolver questões metodológicas presentes nos estudos feministas ao focalizar o sexo ou a mulher como categoria analítica. O conceito de gênero passou a ser utilizado como oposição ao sexo, com o intuito de descrever o que é socialmente construído em oposição ao sexo que é biologicamente dado.

A distinção entre sexo e gênero foi amplamente utilizada para situar o que era culturalmente construído pela sociedade em oposição ao que era biologicamente dado.

Segundo Louro (1996), a incorporação do conceito de gênero em substituição ao “estudos de mulheres” não foi muito tranquila, pois a substituição daquele enfoque centrado nas mulheres pelo conceito de gênero provocou algumas inquietações. Por um

lado sugeriu de modo mais imediato um aporte teórico, por outro pareceu implicar uma abrangência que poderia representar o ocultamento do sujeito feminino.

O debate teórico da vertente pós-estruturalista procura explicitar que a categoria gênero é utilizada como referência para qualquer construção social que tenha a ver com a distinção masculino/feminina, incluindo construções de corpos femininos e masculinos. A sociedade forma personalidades e condutas e também as maneiras como esses corpos aparecem. Se o corpo é visto como uma interpretação do social, então não se pode fazer essa distinção entre sexo e gênero (NICHOLSON, 2000).

Sob essa perspectiva, um conceito de gênero é descrito por Scott (1988):

... gênero é uma organização social da diferença sexual. Mas isso não significa que o gênero reflita ou produza diferenças físicas fixas e naturais entre mulheres e homens, mais propriamente, o gênero é o conhecimento que estabelece significados para as diferenças corporais (...) Não podemos ver as diferenças sexuais a não ser como uma função de nosso conhecimento sobre o corpo, e esse conhecimento não é puro, não pode ser isolado de sua implicação num amplo espectro de contextos discursivos.

Para poder avançar no entendimento sobre a condição das mulheres, recorre-se a outro texto de Scott, em que as relações de gênero são definidas como “... elementos constitutivos das relações sociais, baseados em diferenças percebidas entre os sexos... um modo básico de significar relações de poder” (SCOTT, 1990).

Seguindo o raciocínio dessa autora, poder-se-ia dizer que o conceito de gênero é uma construção social e histórica de homens e mulheres. Entende-se, dessa forma, que o feminino e o masculino são construídos pelas práticas sociais feminilizantes e masculinizantes de acordo com as concepções de cada sociedade do que se classifica como sendo masculino e feminino. Assim, fazer-se homem ou mulher é um processo, ou seja, aprende-se a ser homem e mulher, conforme as visões de mundo que orientam as práticas cotidianas dos indivíduos.

Rubin (1993) dedicou-se a analisar os trabalhos de Engels, Lévi Strauss e Freud, em que cada um desses autores descreve os processos que tornam as mulheres submetidas aos homens, ou seja, pelo sistema de parentesco ou pela psicanálise. Segundo essa autora, tais estudos fornecem elementos conceituais para a construção de descrições sobre o *locus* da opressão de mulheres e também se estendendo às minorias sexuais e a certos aspectos da personalidade dos indivíduos. Ela chamou de “sistema sexo – gênero”, que seria: “um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade

transforma o sexo biológico em produtos da atividade humana, na qual essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (RUBIN, 1993).

Haraway (1991), lendo Rubin (1993), disse que essa autora acredita que a divisão sexual do trabalho e a construção psicológica do desejo (especialmente a formação edipiana) funcionem como fundamentos de um sistema de produção de seres humanos que atribuía aos homens direitos sobre as mulheres que elas próprias não tinham sobre si mesmas. Para garantir esse sistema, ela acredita que a heterossexualidade é obrigatória e essa obrigatoriedade é central na opressão das mulheres. A partir dessa constatação, Rubin (1993) e outras teóricas feministas propuseram uma sociedade “genderless”⁸ em que a categoria gênero não existisse mais. Esse conceito parece problemático, pois partilha da opinião expressa por Heilborn (1992, p. 34) em sua tese de doutorado, que atribui ao gênero uma importância fundamental, pois, segundo ele: “o gênero é um elemento constitutivo da razão simbólica, determinando assim a impossibilidade de supressão desse constrangimento”.

Para fins deste estudo, utilizou-se a perspectiva relacional de gênero, que permite ao (à) pesquisador (a) criticar totalidades universais e identificar valores ideológicos que, muitas vezes, engessam as possibilidades analíticas da pesquisa. Elegeu-se a perspectiva culturalista, segundo a qual as categorias de sexo não implicam reconhecimento de uma essência masculina ou feminina, de caráter abstrato e natural, mas apontam para a ordem cultural como constituinte de mulheres e homens.

Nos estudos de Psicologia, essa categoria foi durante muitos anos analisada e discutida, embasando-se apenas em diferenças biológicas, provavelmente por sua tradição como ciência calcada no discurso médico biologizante. Conseqüentemente, naturalizavam tais diferenças vistas como universais e, portanto, inquestionáveis. Alguns estudos apontavam para as características biológicas ou sociais, porém sempre a partir da referência de indivíduo. Tais viéses comprometeram as pesquisas científicas, pois, ao buscarem características de personalidades e de comportamento social, vinham embutidos de estereótipos em relação às mulheres (STREY, 2001). Nesse sentido, o avanço nas discussões e teorizações acerca da Psicologia Social Crítica vem problematizando, de forma eficaz, essa questão, permitindo práticas e reflexões/teorizações que abarquem a diversidade social.

⁸ Poderia ser entendido como androginização da cultura como condição de igualdade.

Buscou-se um diálogo com outras tradições disciplinares como a Antropologia Social e a História, para que seja possível uma interação interdisciplinar para entender e analisar como as relações de conjugalidade são socialmente construídas e elaboradas pelos sujeitos constituintes deste trabalho.

A próxima categoria discutida foi a família. Buscou-se problematizar verdades absolutas e naturalizadas, reforçadas pelo senso comum. É importante salientar a importância do conceito de gênero nessa discussão, pois é também na família, entendida como instituição eminentemente social, que diferenciações de gênero se cristalizam.

3.2. Família

A categoria família encontra inúmeras definições tanto no senso comum quanto cientificamente, porém é fundamental abordar a família de forma a relativizar seus conceitos, com o intuito de não incorrer no erro de tratar a categoria de forma universal e naturalizada.

Segundo Durham (1983), há uma tendência enorme de se naturalizar a família. Isso ocorre em toda as culturas, mas principalmente na nossa. Para ela, é passível de críticas pensar na família como um fundamento natural da sociedade, embora admita que a construção cultural de feminino e masculino é elaborada a partir de uma base biológica, que define aspectos inerentes à divisão sexual do trabalho. A referida autora identifica na sociedade brasileira um modelo de família que poderia ser descrito como conjugal ou nuclear. A existência de algumas diferenças entre esses modelos não significa necessariamente uma ruptura com estes. Acredita-se que as exceções ao modelo podem não afetar em nada sua dominância, pois ele continua sendo referendado como ideal e básico na ordenação de comportamentos (DURHAN, 1983, p. 32).

Bourdieu (1993) argumentou que essa família que se tem a tendência de considerar como natural é uma invenção recente e pode estar fadada a um rápido desaparecimento. Esse autor mostrou como a definição dominante, legítima de família “normal”, repousa sobre uma constelação de palavras (casa, gente de casa, lar, doméstico etc.):

Que sob a aparência de descrevê-la, constrói de fato realidade social. Segundo essa realidade, a família é um conjunto de indivíduos aparentados ligados entre si ou por aliança (o casamento), ou por filiação, ou ainda, e mais excepcionalmente, pela adoção (parentesco), que vivem sob o mesmo teto (coabitação) (1993, p. 1).

Nos termos de Bourdieu, ao se aceitar que a família é uma construção verbal, é preciso considerar as “representações que as pessoas fazem daquilo que designam por família”. O discurso que a família mantém sob ela mesma seria “o universo onde estão suspensas as leis ordinárias do mundo econômico; a família é o lugar da confiança (*trusting*) e do dom (*giving*) por oposição ao mercado e ao toma-lá-dá-cá (a troca pela troca) – ou para falarmos de Aristóteles, da ‘*philia*’, palavra muitas vezes traduzida por amizade e que designa de fato a recusa do espírito de cálculo; o lugar onde se suspende o interesse no sentido estreito do termo, quer dizer, a busca da equivalência nas trocas” (1993, p. 3). Para Bourdieu, esse discurso universal apóia-se nos modelos ideais das relações humanas. Nesse sentido, as relações familiares tendem a funcionar como princípios de construção, avaliação e fundamentação de toda e qualquer relação social.

Para avançar na compreensão de como a família passa de ficção nominal e torna-se um grupo real bem fundamentado, apoiando-se em laços afetivos intensos, é preciso levar em conta o trabalho simbólico e prático que transforma a obrigação de amar em disposição para tal e que tende a dotar cada um de seus membros de um “espírito de família” gerador de solidariedade, desprendimentos e de generosidades. Bourdieu acredita que as mulheres desempenham papel fundamental na perpetuação e criação desse sentimento familiar, uma vez que elas, muitas vezes, são as responsáveis pelas trocas de dons, de serviços, de ajudas, de visitas, de atenções, de gentilezas.

Para que essa realidade chamada “família” seja possível, é preciso que estejam reunidas as condições sociais, que não têm nada de universais e que não estão uniformemente distribuídas. A família, dentro dessa definição legítima, é um privilégio que foi instituído como normal universal. Esse privilégio de fato pode ser considerado como:

[...] uma das maiores condições de acumulação e de transmissão dos privilégios econômicos, culturais, simbólicos. Desempenha um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social, quer dizer, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais. É um dos lugares por excelência da acumulação do capital sob as suas diferentes espécies e da transmissão entre as gerações: salvaguarda a sua unidade para a transmissão e pela transmissão, a fim de poder transmitir e, porque tem a possibilidade de transmitir, é o sujeito principal das estratégias de reprodução (BOURDIEU, 1993, p. 7).

Na concepção desse autor, a família deve ser vista como um dado da realidade social, mas também como um instrumento de construção dessa realidade. Embora seja uma ficção, um artefato social, é uma ficção bem fundamentada porque, sendo

produzida e reproduzida sob a tutela do Estado, recebe dele a cada instante, os meios de existência e subsistência.

Ainda na perspectiva antropológica, a família é uma instituição universal e constitui uma dimensão transcultural da existência humana, embora seja organizada em diferentes moldes em sociedades específicas. Segundo Lévi-Strauss, “o estudo comparativo da família entre povos diferentes deu origem a alguns dos mais acirrados debates em toda a história do pensamento antropológico e, provavelmente, à sua invenção espetacular” (1992, p. 308).

Uma das correntes mais importantes e que fundamentaram os estudos antropológicos foi influenciada pelo evolucionismo biológico. Nela estava contida a idéia da existência de uma linha imaginária traçada de um lado pelos povos menos evoluídos (estádio primitivo da humanidade), chegando até as nossas próprias instituições, tidas como mais evoluídas e civilizadas. Tal argumento foi contestado à medida que os estudos etnográficos constataram que o tipo de família, caracterizado na civilização moderna pelo casamento monogâmico e seus desdobramentos, é muito mais evidente do que se pressupunha.

Embasado em uma série de estudos referentes às maneiras que diferentes povos organizam a questão de suas relações familiares, Lévi-Strauss questionou que “se não existe lei natural que legitime a família como universal, como explicar a sua ocorrência, em toda a parte?” Em seus estudos de campo, ele reuniu elementos da teoria psicanalítica freudiana e de estudos de lingüística representados principalmente por Saussure e, a partir daí, fundamentou a teoria do estruturalismo. Partindo da teoria da reciprocidade de Marcel Mauss, ele buscou resolver estruturalmente, por meio de modelos matemáticos, os impasses da proibição do incesto, vista como regra de reciprocidade por excelência. Para ele, o tabu do incesto seria a passagem da natureza para a cultura:

Lévi-Strauss demole definitivamente as fantasias sobre a família enquanto fato substancialmente natural, fundado sobre a essência biológica do ser homem: família biológica é uma abstração indeterminada, que não tem nenhuma relação com a realidade histórica. Ao contrário, com a resolução do enigma do incesto, a família expressa a passagem de fato natural da consangüinidade para o fato cultural da afinidade (CANEVACCI, 1981, p. 177).

No Brasil inúmeras (os) estudiosas (os) vêm se dedicando ao estudo da família. Segundo Bruschini e Ridenti (1994), famílias são espaços de convívio, de troca de informações entre os membros e onde possíveis decisões são tomadas coletivamente.

São vínculos nos quais os sujeitos se ressocializam, revendo seus valores e posturas na dinâmica do cotidiano e em função das necessidades do grupo, que se modificam a cada etapa da vida familiar.

Numa mesma sociedade há diversas modalidades de união entre as pessoas designadas família. Assim, na maior parte das sociedades modernas existem casais que vivem juntos sem serem casados, outros que, embora casados, vivem separados, famílias monoparentais e casais homossexuais, dentre outros arranjos.

O que fica claro é que não existe um modelo único de família, e a importância em desvelar o modelo de família para um grupo social está em que, a partir dele, podem-se apreender os valores morais e as regras sociais sobre os quais se constrói o conjunto das relações sociais, isto é, a família fornece o modelo de todos os corpos sociais, funcionando como um princípio de construção social (BOURDIEU, 1993, p. 34).

Dessa maneira, acredita-se que avançar nos estudos de família é incorporar outras categorias analíticas derivadas da idealização ou do modelo ideal de família presente no imaginário, através do sistema de representações simbólicas. Uma dessas categorias derivadas é o casamento, categoria essa descrita nos tópicos subseqüentes.

3.3. Casamento/conjugalidade

Em qualquer sociedade, o casamento inaugura a família; ele é uma instituição através da qual se organizam as alianças num grupo social. Segundo Lévi-Strauss (1982), é uma forma de troca que não se limita à troca de parceiros, senão também à troca de serviços recíprocos de caráter social, econômico e cerimonial. Esse autor ainda comentou que, embora o casamento dê origem à família, são as famílias que produzem o casamento como principal maneira de estabelecer alianças.

No casamento estão contidos regras e costumes que definem a união entre as pessoas em casamento. Essa união implica, para cada um dos parceiros, obrigações recíprocas e restrições; une as pessoas pela convergência de interesses. E ao mesmo tempo que estabelece alianças em algumas situações, em outras as reforça e garante a reprodução da família.

O casamento dentro do código de aliança estabelece relações entre grupos através da união de seus membros. Inclusive e ao mesmo tempo produz reciprocidade

nos mais diferentes níveis da vida social. Estabelece canais de comunicação, delimita fronteira e elabora identidades (VELHO, 1986).

Segundo o historiador Vainfas (1992), a tradição ocidental judaico-cristã nunca se apresentou como homogênea e imóvel, mas, pelo contrário, sempre foi marcada por articulações e oposições de acordo com as diversas épocas. Assim, nos primórdios do Cristianismo, não se dava prioridade nem ao casamento nem à família, privilegiando-se, antes, o ascetismo, cujos valores básicos eram a virgindade e a continência. Dessa forma, estimulavam-se as mulheres ao não-casamento, a fim de que fosse garantida a virtude de uma vida continente:

Nessa tradição, o casamento e tudo que a ele estivesse vinculado foram hostilizados como fonte de angústia, inquietação e turbulência em oposição às recompensas que uma vida casta proporcionava. No entanto, apesar de todas as restrições que eram impostas e de todas as associações negativas que eram feitas ao casamento, a sexualidade era exercida por homens e mulheres, o que exigia que se normatizasse as relações existentes, na medida em que o desejo carnal era considerado um ato pecaminoso. Vêem-se aí as ambigüidades e impasses desta moral: o casamento era execrado enquanto instituição que permitia a manifestação do desejo ao mesmo tempo em que era defendido como uma alternativa ao prazer descontrolado⁹ (FLANDRIN, 1987).

Nesse período, primórdios do Cristianismo, não havia ainda a intervenção da Igreja, e o casamento era algo que dizia respeito à elite (nobreza) e à família, ficando os interesses dos cônjuges em plano secundário. Vê-se que esse modelo se opõe à idéia hoje vigente de casamento como algo que diz respeito primordialmente ao casal:

Os moralistas cristãos concebem a instituição familiar como o único espaço permitido para a procriação e consideram a atividade sexual fora do casamento como um pecado. Portanto, a união sexual legítima só poderia ocorrer dentro do casamento, cuja finalidade básica era a procriação¹⁰ (FLANDRIN, idem).

Um marco temporal importante é o século XII, a partir do qual, através da intervenção da Igreja, o casamento passa a ser um sacramento¹¹. Como conseqüência

⁹ A moral cristã se opunha, de modo geral, a todos os prazeres carnis, por considerar que estes mantêm o espírito preso ao corpo, impedindo-o de elevar-se até Deus (FLANDRIN, 1987, p. 135). Ver também Ariès (1987), Vainfas (1992) e Chauí (1984).

¹⁰ Flandrin analisou em detalhe essa questão. Ver 1994, p. 135-152.

¹¹ Antes desse período, a união dos casais e a celebração das núpcias conservavam-se como atos domésticos, nos quais o clero praticamente não intervinha. Todavia, os teólogos medievais pretendiam fazer dele uma instituição sagrada, e o passo decisivo para que isso ocorresse foi a sua inclusão no rol dos sete sacramentos (o batismo, a crisma, a eucaristia, a penitência ou confissão, a ordem, a extrema-unção e o matrimônio), o que foi feito por Pedro Lombardo, em 1150.

surge o discurso em relação ao desejo, através do qual a Igreja passou a "vigiar" e ordenar o leito conjugal¹², apoiando-se em três eixos básicos: a imposição da relação carnal como uma obrigação dos cônjuges, a condenação do ardor sexual na relação do casal e a classificação dos atos permitidos e proibidos na comunhão sexual, cuja função principal era a procriação (CHAUI, 1984; FLANDRIN, 1987; ARIÈS, 1987; VAINFAS, 1992).

Se por um lado havia a obrigatoriedade do ato sexual, com aquela finalidade, por outro se condenava todo tipo de excessos. Em nenhum momento o prazer era permitido; a paixão e o ardor transformavam a esposa em amante e o marido em adúltero¹³. Passou a vigorar um modelo conjugal monogâmico, indissolúvel¹⁴ e bastante austero, baseado em princípios de autocontrole e discrição e composto por uma rede de interdições e permissões relativas ao espaço, ao tempo e ao próprio ato¹⁵.

Segundo Vainfas (1992), os teólogos introduziram no casamento os valores da ascese, em que o amor era associado a entregar-se a Deus com a alma piedosa e o corpo imaculado. O exercício do amor se confundia com a oração e a salvação da alma. Além disso, introduziram no matrimônio os valores da caridade, estabelecendo um estado de comunhão, em que se reprovava a discórdia entre o casal e valorizava-se a eliminação da alteridade entre os esposos, salvo no tocante ao poder do marido, que era plenamente reconhecido.

Só mais tarde, a partir do final do século XVIII, é que começam a ocorrer mudanças significativas no quadro das relações afetivas, através do surgimento de outros ideais de amor, ainda que profundamente ligados aos valores da cristandade. Surge a idéia do amor romântico¹⁶, que estabelece um vínculo do amor com a liberdade,

¹² Uma das técnicas usadas para realizar a vigilância dos casais era a confissão, tornada obrigatória em 1215. Del Priore, em seu estudo sobre a mentalidade feminina durante o período Colonial, refere que a Igreja exercia *severa vigilância doutrinal e de costumes*, através da confissão, do sermão e das devassas da Inquisição (1993, p. 29).

¹³ São Jerônimo defendia que o ato sexual dever-se-ia apoiar em princípios rígidos de autocontrole e discrição. Ver Vainfas (1992, p. 42-43).

¹⁴ Ver Ariès (1987, p. 163-182).

¹⁵ O espaço reservado para o ato sexual era a casa e, dentro dela, o leito conjugal. A utilização de lugares públicos acarretava ao infrator a penitência de 40 dias de jejum a pão e água. Com relação ao tempo, eram interditados os períodos considerados sagrados como o Natal, a quaresma, os dias santificados e os domingos, cuja punição era equivalente à anterior, e o período da gravidez e da menstruação das mulheres, o que implicava em 10 dias de jejum. Por fim, o ato em si também era regulado, sendo proibidos o sexo oral e anal e determinadas posições no sexo genital, que só era aceito e considerado natural se consistisse na posição em que o homem ficava deitado por cima do ventre da mulher. Nesse caso, as penalidades variavam de acordo com a infração cometida. Ver Flandrin (1984 e 1987) e Vainfas (1992).

¹⁶ Existe muita controvérsia entre os autores no que se refere às origens do amor romântico. Segundo Macfarlane, uma das localizações mais antigas para o seu surgimento é a Europa meridional nos séculos XI e XII, vinculado às tradições do amor cortês (1986, p. 335).

ambos sendo considerados estados normativamente desejáveis. Nele, o amor sublime predomina sobre o ardor sexual; ele rompe com a sexualidade, embora a abarque; a “virtude” assume um novo sentido, não mais implicando apenas inocência, mas qualidades de caráter, que tornam a outra pessoa distinguível das demais (GIDDENS, 1992).

A partir do século XIX na Europa Ocidental e das primeiras décadas do século XX no Brasil, as ideologias individualistas (DUMONT, 2000; BENZAQUEN DE ARAUJO e VIVEIROS DE CASTRO, 1977) começam a ganhar espaço, e a escolha do parceiro de casamento torna-se, teoricamente, mais livre e passa a ter o amor como base.

A partir das idéias dumontianas cabe salientar a originalidade e consistência teórica do estudo feito por Viveiros de Castro e Benzaquen Araujo (1977), que discutiram a noção de amor na tradição cultural do Ocidente moderno e origem do Estado, tendo por base a obra "Romeu e Julieta", de Shakespeare. Na definição desses autores, o amor é uma "concepção particular das relações entre o indivíduo e a sociedade", subordinada à idéia ocidental do indivíduo liberto dos laços sociais e profundamente relacionada a um universo formado por indivíduos, em que se dá extremo valor às relações interindividuais. Assim, esses autores sinalizaram que essa noção aponta para uma concepção de mundo, que tem no indivíduo sua categoria central. Segundo eles,

O amor é uma noção que designa, na linguagem corrente, uma modalidade de 'afeto', ou 'sentimento'; designa também determinadas relações sociais em que predominaria o componente afetivo ou emocional, o qual, por sua vez, estaria associado à idéia de escolha, de opção individual. A tal tipo de relações se costuma opor as relações marcadas pela obrigatoriedade, sancionadas por códigos exteriores ao indivíduo (p. 132).

Mais modernamente, no Brasil, Vaitsman (1994) focalizou momentos distintos da trajetória de indivíduos nascidos na década de 1950 e que pelo menos um deles deveria já ter sido casado anteriormente, na tentativa de mostrar que não existem padrões dominantes de casamento e de família e que a atitude da pós-modernidade é marcada pela pluralidade e pela flexibilidade. Nesse sentido, só constitui vantagem investir em relacionamentos em que haja espaço para as realizações pessoais e coletivas dos casais, que estão sempre à procura de possibilidades e alternativas para as suas práticas afetivo-sexuais e para o desempenho de papéis no casamento e na família.

A referência aos estudos anteriormente citados remete e reforça o fato de que a decisão de casar envolve sempre reflexões e escolhas que, por sua vez, estão vinculadas ao contexto específico em que as relações – que não envolvem apenas o par – estão se dando.

Pelo menos para parte de segmentos sociais tidos como mais modernos da sociedade contemporânea, o casamento é caracterizado como sendo uma escolha recíproca, baseada em critérios afetivos, sexuais e na noção de amor. A idéia de sujeito individual atuando, operando e optando é dominante, embora mesmo nesses grupos sociais reconhecidos como mais modernos haja interferências das famílias de origem nas escolhas de parceiros, como reconhece Velho (1986). Fundado em nome do amor, o casal moderno está comprometido com a idéia de que se estrutura em função de um encontro psicológico singular, sendo-lhe estranha a idéia de transcendência e sujeição a regras sociais. Em consonância com valores do individualismo, apresenta-se ordenado internamente por um princípio de igualdade, rejeitando qualquer diferença estatutária entre os gêneros.

Heilborn (1992), em sua tese de doutorado, estudou padrões de conjugalidade entre pessoas do mesmo sexo, enfatizando que o casal igualitário adota como ideal a preservação da autonomia individual, ao mesmo tempo que se debate com a idéia de tempo e, ou, espaço compartilhado, implícita nas suas representações sobre o casamento. Isso ocorre, segundo ela, porque, ainda que inconscientemente, existe uma idéia de dependência recíproca entre os parceiros que, aliada à noção de mutualidade, dá origem a uma espécie de — nos termos da autora — “contabilidade conjugal”, que consiste num mecanismo de aferição do contrato, que freqüentemente tem por alvo a disponibilidade de cada um de seus membros de cumprir o acordo de mútua dependência que o casamento encerra (Idem, p. 95). O que implica, por vezes, em fazer uma “espécie de relatório cotidiano sobre as atividades realizadas fora das vistas do parceiro (idem)”.

O ponto de vista adotado para fins deste trabalho acolhe os pressupostos desenvolvidos por Dumont (1983, 2000), acompanhando a literatura, que utiliza desses pressupostos teóricos e cujos marcos teórico e temático giram em torno do individualismo enquanto sistemas de valores (VELHO, 1986, 1987 e 1999; HEILBORN, 1992; GONÇALVES, 1999).

A perspectiva de Dumont (2000, 1983) orienta-se pela oposição entre o holismo e o individualismo como forma de estruturação do social. Esse antropólogo de tradição

francesa identifica dois modos de configuração ideológica da sociedade: o tipo holista, que é organizado a partir de um princípio hierárquico; e o tipo moderno, moldado pelo princípio da igualdade. No primeiro modelo, a ordenação hierárquica traduz-se pela diferenciação do valor instituinte das entidades sociais, conduzindo a uma postulação dos sujeitos como diferentes, complementares e hierarquizados; nela vigoram a precedência e a transcendência da totalidade sobre as partes.

O igualitarismo, que funda a configuração individualista, sinaliza em seu nome o enfraquecimento da noção de totalidade coincidente com a afirmação da categoria indivíduo como valor estruturante. Ao contrário, o igualitarismo firma-se por uma lógica de indiferenciação, que minimiza as diferenças entre as entidades sociais. Parte da lógica do “englobamento dos contrários”, em que o par de oposição “holismo” x individualismo” norteia a construção social da pessoa nas sociedades modernas. Propõe a universalidade da hierarquia como princípio ordenador do mundo social, presente em todas as sociedades. A particularidade das sociedades modernas é que nela há um englobamento de valores individualistas, em que o indivíduo assume-se como totalidade.

Assumindo a proposição da universalidade da hierarquia como princípio de ordenamento do social, Heilborn (2000, 1992) percebeu a classificação de gênero comportando hierarquia. Assim, o valor é entendido como operador da diferença; hierarquia, então é expressa sob a fórmula da relação englobante-englobado, comportando sempre um nível superior e um nível inferior, complementaridade e contradição.

Seguindo as orientações dumontianas, a autora elabora suas análises das relações de gênero na perspectiva do feminismo como desdobramento do individualismo. Nesse sentido, a categoria gênero apresenta-se como instrumento de análise fundamental para este estudo e para entender a construção de projetos de vida pautados no doutoramento.

3.4. Projeto de vida

A noção de projeto procura dar conta da margem relativa de escolha que indivíduos e grupos têm em determinado momento histórico de uma sociedade. Todavia, procura ver a escolha individual não mais como uma categoria residual de explicação sociológica, mas sim como um elemento decisivo para a compreensão de processos globais de transformação da sociedade (VELHO, 1987). Nos termos de

Shultz, citado por Velho, 1987), projeto é a conduta organizada para atingir finalidades específicas, mas que estão circunscritas em um campo de possibilidades.

Coloca-se como problema a relação entre projetos individuais e os círculos sociais, em que a pessoa se inclui ou participa. Os projetos são elaborados e construídos em função das experiências socioculturais de um código de vivências e interações interpretadas. O projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórico e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo quanto dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes.

Um projeto coletivo não é vivenciado pelos atores sociais de forma homogênea. As diferenças são dados pelo lugar que cada indivíduo ocupa no mundo em termos de “status” social, trajetória de vida, gênero e geração. No caso específico de Viçosa, vê-se um mosaico de sotaques, expressões, festas que vão delineando e especificando grupos distintos dentro de uma cultura. Não existe uma identidade única, um jeito único de ser baiano, gaúcho ou mineiro.

É importante chamar a atenção para o aspecto consciente da noção de projeto, ou seja, é um ato consciente, por mais que se tenha a dimensão que tais escolhas não acontecem do nada, mas são dadas por possibilidades socioculturais determinadas. Por isso mesmo são complexos, e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes e até contraditórios. As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projetos com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com os projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades.

Os projetos são dinâmicos, e, como as pessoas, eles mudam, ou as pessoas mudam através de seus projetos. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente. A heterogeneidade, a globalização e a fragmentação da sociedade moderna introduzem novas dimensões que põem em xeque todas as concepções de identidade social e consistência existencial, em termos amplos. Carreira, biografia e trajetória constituem noções que fazem sentido a partir da eleição lenta e progressiva que transforma o indivíduo biológico em valor básico da sociedade moderna.

Os indivíduos modernos nascem e vivem dentro de culturas e tradições particulares, como seus antepassados de todas as épocas e áreas geográficas, mas, de

modo inédito, estão expostos, são afetados e vivenciam sistemas de valores diferenciados e heterogêneos.

O projeto e a memória de sua cultura associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos; em outros termos, à própria identidade. Ou seja, na constituição da identidade social dos indivíduos, com ênfase nas sociedades e segmentos individualistas, a memória e o projeto individuais são amarras fundamentais. São visões retrospectivas e prospectivas que situam os indivíduos, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão de etapas de sua trajetória. O projeto e a memória não só ordenam como dão significados a essa trajetória.

As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do desenho de projetos com objetivos específicos. Sua viabilidade vai depender de um jogo de interações com outros projetos individuais ou coletivos circunscritos em um campo de possibilidades de cada situação. No entanto, o projeto existe no mundo da intersubjetividade. Por mais velado ou secreto que seja, ele é expresso em conceitos, palavras, categorias que pressupõem a existência do “outro”. Mas, sobretudo, o projeto é o instrumento básico de negociação da realidade com os outros atores, indivíduos ou coletivos.

Em termos de histórias de vida, há momentos particularmente dramáticos que podem ser reconstituídos quando o indivíduo se vê diante de encruzilhadas, como mudança de cidade, fim de casamento e mudança de emprego, dentre outros. O estudo e o trabalho podem ser motivações explícitas e conscientes que justificam a mudança, podendo haver certo consenso sobre a sabedoria da decisão, mesmo que essas partidas possam ser marcadas por tristezas e lamentações. O sucesso traduzido em dinheiro ou diplomas é a ascensão social que pode conferir um tipo de prestígio. O fato de sair quando decorre de uma decisão voluntária marca e enfatiza a existência do indivíduo enquanto sujeito moral, unidade mínima que se destaca para fazer a sua vida ser um *stranger* em outro lugar.

A noção de projeto referida neste estudo remete ao próprio conceito de identidade, uma vez que tais categorias estão intrinsecamente relacionadas aos sujeitos estudados. Pela sua complexibilidade, o conceito de “identidade” é difícil de ser definido e passível de uma série de interpretações.

3.5. Identidade

A categoria identidade vem sofrendo constantes reflexões e debates acerca da construção de seu conceito. Ao falar de identidade, remete-se à ciência psicológica, uma vez que a Psicologia toma para si o estudo dessa categoria. Isso não significa dizer que ela seja objeto apenas da psicologia, mas se configura como parte central no desenvolvimento dessa ciência. Assim, os estudos de identidade no âmbito da Psicologia passam, em geral, pela Psicologia Analítica do Eu e pela Psicologia Cognitiva. Em geral, caracterizam o desenvolvimento por estágios crescentes e consideram a identidade gerada pela socialização e garantida pela individualização. Na psicologia social, a problemática da identidade ocupou lugar central nos estudos de William James (1920) e na tradição do Interacionismo Simbólico, nos trabalhos pioneiros de George Mead (1934).

Uma reflexão embasada nos pressupostos da Psicologia Social Crítica remete à idéia de “metamorfose” (CIAMPA, 1984, p. 1987), que considera a identidade uma totalidade. Uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto una. Para esse autor, a imprecisão conceitual da temática está ligada às diferentes abordagens e à sua própria complexidade. Ele acredita que seja do contexto histórico e social em que o ser humano vive que decorram as possibilidades e impossibilidades, os modos e alternativas de sua identidade (como formas histórico-sociais de individualidade). No entanto, a identidade configura-se como determinada e determinante, pois o indivíduo tem um papel ativo na construção do contexto a partir de sua inserção e na sua apropriação. Dessa forma, é possível avançar na compreensão da identidade pessoal como e ao mesmo tempo identidade social, superando a falsa dicotomia entre essas duas instâncias.

A concepção moderna de identidade tem sido marcada e fragilizada, em grande parte, pelo essencialismo e racionalismo. De modo geral, trata-se de uma concepção que recorre a idéias como essência, núcleo, imutabilidade, transparência, estabilidades e coerência, dela emergindo um sujeito centrado, coerente e, acima de tudo, racional. Dessa forma, a vertente teórica que se coloca na discussão acerca da identidade se refere àquelas(es) teóricas(os) da corrente pós-estruturalistas, como Butler (2003), Hall (2001), Haraway (1991) e Vaitsman (2001), entre outras, que vêem o sujeito da contemporaneidade com um sujeito fragmentado. Nesse sentido, não seria uma só identidade, mas identidade(s) que constituiria(m) o sujeito pós-moderno. Para essa(es) autoras(es), as identidades modernas estão entrando em colapso. Acreditam que uma

mudança estrutural está transformando as sociedades. Tal mudança está fragmentando e descentrando as identidades tidas como centradas e fixas. O resultado disso são identidades fluidas e flexíveis.

Esse argumento encontra algumas críticas entre teóricas(os) pós-estruturalistas, pois, como afirmou Bordo, citado por Costa (1998, p. 66), “negar a unidade e a estabilidade da identidade é uma coisa. A fantasia epistemológica de tornar-se multiplicidade — o sonho das incorporações ilimitadas e múltiplas, permitindo que a pessoa dance de lugar a lugar e de ‘self a self’ — é outra coisa”.

Rolnik (1997) acredita que o fenômeno da globalização intensifica as misturas e pulveriza as identidades, mas ao mesmo tempo possibilita a criação de “kits” de perfis-padrão de acordo com a órbita de mercado a serem consumidos pelas subjetividades, independentemente do contexto geográfico, nacional, cultural. Para ela, esses “kits” poderiam ser entendidos como drogas psicotrópicas, drogas oferecidas pela televisão, pelas tecnologias *diet/ligth*, “boom” evangélico e literatura de auto-ajuda. Tais “drogas” sustentam uma ilusão de identidade. Entretanto, essa nova situação não implica abandono da referência identitária. As subjetividades tendem a insistir em sua figura moderna, organizando-se em torno de uma representação de si dada *a priori*, mesmo que na atualidade não seja sempre a mesma representação. Dessa forma, essa autora afirmou:

[...] fruir da riqueza da atualidade depende de que as subjetividades enfrentem os vazios de sentido provocados pelas dissoluções das figuras em que se reconhecem a cada momento. Só assim poderão investir a rica densidade de universos que as povoam, de modo a pensar o impensável e inventar possibilidades de vida (ROLNIK, 1997).

O aprofundamento e investigação desses conceitos tanto em nível teórico quanto no trabalho de campo possibilitaram o estabelecimento de relações entre o conceito de identidade, gênero desses indivíduos, projeto de vida, conjugalidade e família, que implicam “modelos” de homem e mulher sociais e culturalmente construídos em níveis locais, inclusive. A intercessão desses modelos encontrados pelas (os) estudantes em Viçosa e aqueles de sua subcultura constituíram o mosaico de relações estabelecidas no período de deslocamento e as quais este estudo objetivou analisar.

No capítulo seguinte, as entrevistas são apresentadas e discutidas procurando estabelecer diálogos entre as categorias teóricas elencadas acima e as categorias empíricas encontradas em campo.

CAPÍTULO 4

CONSTRUÇÃO, APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS – AS ENTREVISTAS

Neste capítulo são apresentadas as 14 entrevistas realizadas com mulheres doutorandas que aconteceram no período compreendido entre os meses de agosto e dezembro de 2003. Todas as informantes estavam ligadas à UFV, apenas uma delas não estava vinculada a um programa de pós-graduação, frequentando o curso de graduação em Agronomia. Embora não esteja diretamente ligada ao programa de doutorado, sua inclusão no universo da pesquisa se configurou por ter sido submetida à entrevista-piloto do estudo. Pode-se caracterizá-la como “acompanhante do marido doutorando”, categoria que também é relevante neste estudo, e finalmente por sua entrevista ter revelado aspectos significativos sobre o tema pesquisado.

As primeiras incursões em campo ocorreram devido ao conhecimento prévio das entrevistadas, o que facilitou, sem dúvida, a sua disponibilidade para participar do trabalho. A interlocução com outras entrevistadas foi feita através de indicação das primeiras informantes e também de visitas às secretarias dos programas de pós-graduação e indicação de funcionários(as), que se colocaram à disposição quanto ao fornecimento de endereços eletrônicos ou telefones para posterior contato. Foi esclarecido que a participação das pessoas seria voluntária e atenderia à disponibilidade de cada um.

Dentre os 16 cursos de doutorado vigentes na Universidade, manteve-se contato com 12 modalidades diferentes, embora tenham sido realizadas 14 entrevistas, a saber: Genética e Melhoramento (1), Engenharia Florestal (1), Economia Aplicada (1), Fisiologia Vegetal (1), Tecnologia de Alimentos (2), Fitotecnia (1), Entomologia (1), Fitopatologia (1), Zootecnia (1), Botânica (1), Solos e Nutrição de Plantas (1) e uma estudante de graduação em Agronomia. apenas nos cursos de Microbiologia Agrícola, Meteorologia Agrícola, Engenharia Civil e Bioquímica Agrícola não se obtiveram informações sobre mulheres que se enquadrassem na amostra¹⁷. Em três ocasiões, essa informação foi obtida nas secretarias, e, no caso do programa de Meteorologia Agrícola, entrou-se em contato com a estudante, mas esta relatou estar casada a menos de um mês e, dessa forma, não se colocou à disposição para participar.

As entrevistas foram gravadas, entretanto, em duas oportunidades, o uso de gravador causou desconforto e inibição. Em uma delas, a entrevistada solicitou que fosse desligado e, no outro, ao sentir o incômodo das informantes, o gravador foi desligado. Tiveram de uma a duas horas e meia de duração, e realizaram-se nas residências das entrevistadas ou na própria Universidade. Em apenas um dos casos, entrevistou-se o casal, pois a esposa estava em licença-maternidade e preferiu marcar a entrevista em sua residência, na presença do marido. É importante mencionar as observações realizadas no decorrer das entrevistas e também em momentos de convívio social. Tais situações propiciaram reflexões fundamentais para elucidação de algumas características do grupo estudado e contribuíram para as análises.

Em termos de mapeamento regional e ciclo de vida da família, encontrou-se a seguinte configuração: três mulheres vieram de estados do Sul do país, três do Centro-Oeste, três do Sudeste e cinco do Nordeste¹⁸. Doze delas eram casadas e duas viviam em regime de união estável. Três delas não tinham filhos, embora expressassem o desejo de tê-los, as outras tinham de um a quatro filhos, possuindo a maior parte delas dois filhos.

¹⁷ Foi informado que as alunas matriculadas eram, em sua maioria, solteiras, sem vínculos afetivos duradouros, ou tinham feito toda a formação acadêmica na UFV ou mesmo eram nativas. Vale ressaltar que no curso de Engenharia Civil eram apenas duas alunas e Meteorologia Agrícola, quatro alunas. Curiosamente, nos cursos de Microbiologia Agrícola e Bioquímica Agrícola o número de estudantes do sexo feminino é maior em relação aos homens, todavia, ao que parece, isso não garante um número maior de casamentos nesses grupos.

¹⁸ Tomou-se como referência o local de origem, residência anterior e, ou, vínculo empregatício e não o local de nascimento.

Para fins deste trabalho, dividiram-se as entrevistas em três grupos diferentes, privilegiando a categoria projeto acadêmico. Essa divisão demonstra o caráter arbitrário que tal categorização pode assumir, uma vez que poderiam ter sido enfatizadas outras classificações, como tempo de casamento, número de filhos, estados de origem etc.

As informantes foram assim agrupadas: grupo “A” com sete casos. Em cinco deles, considerou-se o projeto de doutorado feminino em que o marido/companheiro/família migraram também. Nos outros dois casos, encontram-se mulheres que vieram sozinhas com suas filhas, e os maridos ficaram no local de origem. Quatro casais formaram o grupo “B”, em que foi considerado o projeto de doutoramento como expectativa e aspiração de ambos. Finalmente, o grupo “C” foi constituído por três casais, em que o projeto acadêmico era masculino.

A seguir, demonstra-se detalhadamente a história de cada participante dos grupos, e procura-se dialogar com as categorias teóricas eleitas com o intuito de fazer a análise de cada situação em particular.

4.1. Composição social das informantes do grupo A – Projeto acadêmico feminino

Nome/ marido	Idade	Curso	Nº de filhos	Estado civil	Local de origem	Vínculo empregatício
Adriana/ André	38 anos	Genética e Melhoramento	2	Casada	Mato Grosso	Sim
Ângela/ Aldo	29 anos	Economia Aplicada	1	Casada	Rio Grande do Sul	Sim
Aurora/ Álvaro	44 anos	Engenharia Florestal	2	Casada	Paraíba	Sim
Aline/ Alberto	35 anos	Fitopatologia	1	Casada	Minas Gerais	Não
Amanda/ Artur	28 anos	Ciência e Tecnologia de Alimentos	0	Casada	Goiás	Não
Amália/ Abílio	35 anos	Zootecnia	2	Casada	Bahia	Sim
Alba/ Armando	41 anos	Fisiologia Vegetal	2	Casada	Rio Grande do Sul	Sim

ADRIANA

Adriana tinha 38 anos, era casada há 22, teve três gestações, mas perdeu uma menina com 11 meses. Atualmente, tem um casal de filhos. Sua filha mais velha, de 20 anos, casou-se uma semana antes de a família mudar-se para Viçosa. O rapaz tinha 17 anos, estava terminando o ensino médio e ia prestar exame vestibular na Universidade Federal de Viçosa e em sua cidade de origem. Era professora concursada de uma universidade do Centro-Oeste do país. Veio à UFV para fazer apenas o mestrado, mas resolveu fazer em seguida o curso de doutorado, por questões práticas. Acreditava que, como já tinha deslocado a família, reorganizado a moradia, seria proveitoso terminar a formação logo. Disse que sempre teve vontade de continuar estudando, mas acreditava que, se não fosse professora universitária, não teria feito cursos de pós-graduação.

André, seu marido, veio junto, mas não estava inserido na Universidade. Ele era proprietário rural e costumava ir ao sítio no Mato Grosso pelo menos uma vez a cada dois meses. Na cidade de Viçosa, prestava alguns serviços na área de carpintaria, hidráulica e instalação de antenas, dentre outros. Ao que parece, a trajetória de ascensão social vinculada à formação acadêmica e acumulação de capital escolar, via cursos de mestrado e doutorado de Adriana, não tinha a contrapartida do marido. Entretanto, notou-se a solidariedade do marido através da cumplicidade e incentivo ao investimento na carreira profissional dela. Todavia, solidariedade baseada em relações de reciprocidade não é vivenciada de forma homogênea e constante no casamento, podendo, em certas circunstâncias, ser motivo de conflito. Ela relatou que André nunca se opôs à sua decisão, mas eventualmente reclamava da falta de tempo para cuidar dos negócios, da distância e da falta de ocupação em Viçosa. André foi seu primeiro e único namorado. Durante a entrevista, Adriana falava em um tom de resignação diante de sua condição de esposa e mãe, em contrapartida à sua condição de profissional. Disse que sempre procurou galgar outras posições.

Adriana foi selecionada para a pós-graduação em uma Universidade Federal do Centro-Oeste e na UFV. Optou por Viçosa em razão, tanto do curso, cuja área de concentração era mais ligada ao seu interesse, quanto da própria UFV, já que o conceito dos seus cursos é muito bom. A questão da “fama” da UFV no cenário universitário nacional é recorrente em vários casos e demonstra a força do “ethos” acadêmico, justificando o “sacrifício” que acompanha essa mudança nos arranjos familiares, mesmo que temporariamente. Conta que teve muito apoio imediato por parte da família em sua

decisão de vir estudar em Viçosa, e só viria se eles viessem também; disse ser muito apegada à família e que não conseguiria ficar sozinha. Em seu discurso, remetia à necessidade constante de ter a família perto de si, reforçando a idéia de família como constituidora da identidade social do sujeito.

Quanto à sua adaptação à nova condição de residente em Viçosa, relatou não ter sentido muita diferença em relação à cidade e à forma de vida. Gostava da cidade, mas enfrentava dificuldades em relação ao fato de sua filha ter ficado lá e a família ter tido que se separar. Para ela:

Se a gente tivesse vindo a família inteira, e ela (a filha) também tivesse vindo não teria problema nenhum, mas ela preferiu casar... porque eu gosto muito daqui, me adaptei com os vizinhos. . . eu acho o pessoal daqui muito bom. . . o que você precisa o pessoal está pronto para te ajudar. . . na Universidade não tive problemas com os professores dos cursos do mestrado, e por enquanto do doutorado, assim sabe todo mundo trata assim de igual para igual, e sempre assim sempre muito o que fazer então você não tem muito o que ficar pensado em outras coisas sempre muito apurados com trabalhos com muita coisa, então eu não tive muito tempo vazio então acho que isto preencheu um pouco a falta dela.

Adriana remeteu às dificuldades encontradas diante da nova situação pela falta que sentia de sua filha. É possível notar a importância atribuída à família unida como legitimadora da tranquilidade de seus membros. Mas, ao mesmo tempo, relatou com um certo ar de resignação a distância e a opção da filha pelo casamento. Deixou transparecer, de maneira velada, que não achava que o casamento tenha sido a melhor opção para a filha, embora deixasse claro que o genro seja um “bom moço”. O sentimento de saudade e da possível insatisfação com a situação era compensado pelo mergulho em atividades acadêmicas. A necessidade de empenho e dedicação ao curso era sempre mencionada como merecedora de toda atenção e, dessa maneira, minimizando possíveis problemas. As exigências acadêmicas funcionavam como antídoto à saudade e ao fato de a família ter se separado. Ela contou com o auxílio de uma colega de universidade, que já estava fazendo curso de pós-graduação, e foi seu primeiro contacto em Viçosa, tendo, inclusive, hospedado-se em sua casa até encontrar casa para alugar e se estabelecer. Foi por seu intermédio também que ela entrou em contacto com professores para orientação na UFV. Essa parece ser uma prática bastante difundida entre “as(os) alunas(os) migrantes” de Viçosa. Acionam redes bem articuladas, possibilitando, dessa forma, certa tranquilidade aos que chegam, prestando auxílios tanto de moradia quanto de trocas de informações sobre cursos. As redes se

constituem principalmente a partir de laços de afinidade feitos em contextos de origem ou a partir de conhecidos que já tenham passado pelos bancos acadêmicos da UFV.

Quanto a vínculos de amizade, ela citou os vizinhos, mas principalmente várias famílias de sua cidade, que também vieram acompanhando estudantes de pós-graduação. Costumam se reunir para almoços, jantares e encontros sociais. Em relação aos colegas de curso, disse que, embora o relacionamento seja bom, não tem muitos vínculos com eles. Em seu relato, Adriana demonstrou a dificuldade em estabelecer outros laços, senão aqueles entre os “colegas da cidade de origem” e colegas das disciplinas, porém em um nível bastante superficial. Creditava essa dificuldade às exigências da vida acadêmica e à atenção dispensada ao filho e ao marido. Não achava justo que o pouco tempo livre não seja dedicado à família. No relato de Adriana, percebeu-se o quanto o investimento na carreira acadêmica é acompanhado por cobranças e autocobrança em relação ao tempo disponibilizado para a família. Essa é uma “queixa” recorrente nas informantes desta pesquisa, ou seja, o dilema entre a formação acadêmica e o papel socialmente atribuído às mulheres como cuidadoras e responsáveis pela integridade afetiva dos membros da família.

Em relação ao significado desse período em Viçosa para sua vida profissional e pessoal, Adriana comentou que:

Além do profissional a gente tem uma realização individual e essa realização individual que acaba não sendo só minha,... então a gente acaba. . . e o meu marido faz parte disso aqui ,então das minhas coletas, minhas provas, eu acabo dividindo um pouco com ele, então essa é a questão de realização, ampliar os horizontes. . . Outra coisa que foi muito importante também é a questão do meu filho também, esse incentivo eu até percebo, ele já fala da universidade como uma coisa que já fosse normal pra ele, então isso foi muito importante, não sei porque agora por conta da idade também mas eu não sei porque talvez meninas são diferentes, porque a minha filha não teve muito isso, ela disse – ah mãe eu vou casar e não quero estudar. Agora ele, eu já vejo nele essa prioridade de estudar.

O estudo ocupa um lugar importante na vida de Adriana. O investimento na carreira suplanta a dimensão individual e procura agregar valor significativo a todos os membros da família imediata, aparecendo como um símbolo de distinção perante a família de origem. Sua família é de origem rural, e ela sempre valorizou o estudo: fez a graduação na primeira turma do curso em sua universidade; prestou concurso e iniciou carreira docente. Disse que sempre quis ser professora, embora nunca houvesse pensado em chegar até a universidade, mas se disse muito satisfeita. Tem um casal de irmãos que não estudaram. Adriana parecia ser referência para os (as) sobrinhos (as), ou melhor,

para as gerações seguintes que, provavelmente, não viverão do campo, como seus pais, marido e irmão. Segundo Adriana, até mesmo sua filha, depois de viver dois anos de casamento, já demonstrava interesse em estudar. Em sua fala, puderam-se perceber a desqualificação da vida da mulher unicamente vinculada ao casamento e o incentivo ao retorno de sua filha aos estudos.

No relato de Adriana, pode-se pensar na ascensão social via carreira acadêmica como forma de realização pessoal.

Acreditava que, por Viçosa ser uma cidade que congrega um enorme número de estudantes, existe muito auxílio mútuo na comunidade discente; sempre teve a ajuda necessária quando necessário. Não vivenciou um clima de competição acirrado tanto com colegas ou com professores do departamento. Seu relato diferiu do de outras informantes, que perceberam um clima de competição muito mais aberto. Pode-se pensar que o fato de Adriana ter migrado com a família possa minimizar essas dificuldades, diluindo os possíveis problemas entre as exigências da UFV e a vida privada.

ÂNGELA

Ângela, 30 anos, era casada há cinco anos e veio para Viçosa e para UFV com o marido e o filho de quatro anos. Era professora concursada de uma universidade federal do Sul do país. Disse que a decisão de vir para Viçosa foi por causa de sua área de atuação e da referência da UFV na área agrária. As referências à qualidade do ensino da UFV eram recorrentes em todas as entrevistas, denotando, dessa maneira, a força formadora de um “ethos” acadêmico. Segundo Bourdieu (2001, p. 1966), a escola propicia aos que estão direta ou indiretamente ligados a ela uma disposição geral geradora de esquemas particulares que podem ser entendidos como *habitus* cultivado. Dessa forma, a “fama” da UFV é valorizada dentro do universo acadêmico e atua como símbolo de distinção entre aqueles que dela fazem parte. Todo o empenho e sacrifício pessoal e familiar passam a valer a pena e a representar um caminho possível para a consagração nas diversas áreas de atuação. Assim, deixa claro que a cidade não teve nenhuma influência em sua decisão, e que a opção diz respeito à possibilidade de realizar um curso reconhecido.

Relatou que os primeiros tempos em Viçosa foram muito difíceis para a família. Seu filho teve problemas de adaptação na escola, apresentando sinais de agressividade.

As duas primeiras semanas foram vividas com muitas dificuldades e desânimo. O estabelecimento na cidade e o impacto com o visual e infra-estrutura também foram bastante difíceis. Pontuou o contraste entre a cidade de Viçosa e a Universidade. Ficaram hospedados em um hotel, e a impessoalidade do alojamento, aliada à ausência da *casa*, do espaço da intimidade, marcou esse momento de ruptura com vínculos afetivos e dificultou a adaptação. Diferentemente de outros casos, não contaram com nenhuma rede previamente estabelecida.

A ausência da família de origem foi sentida como um dos maiores impedimentos para a adaptação à nova vida. No decorrer de toda a entrevista, afirmou ter sido difícil ficar longe da família de origem. É possível pensar a família como valor englobante e que impõe suas marcas na experiência dessas pessoas. A experiência assume conotação de drama e ameaça à integridade emocional de seus membros. Salientou o desânimo e a vontade de desistir, porém a força do projeto de ascensão social, via doutorado, suplantava esses problemas e fazia com que encontrasse meios de ultrapassar as adversidades. Uma das maneiras encontradas foi via religião. Relatou a dificuldade diante da adaptação do filho à escola infantil:

Liguei para minha mãe e minha mãe foi rezar, foi à Igreja, fez um monte de coisas assim (promessa), eu também fui à Igreja, rezei muito, e parece que foi uma luz que aconteceu, que o pessoal fechou a escolinha por duas semanas e então foi a desculpa para tirar ele de lá (...). Na outra escolinha ele adorou desde o primeiro dia e não queria ir embora.

Encontra na religiosidade um alento para suas dificuldades. Frequenta a Igreja Católica, porém não enfatiza essa relação. Ao longo de sua fala, Ângela ratificou a importância de a família estar sempre unida para passar as adversidades e também atribui uma importância fundamental ao retorno para perto de seus familiares. Para ela, é impensável se estabelecer fora dos limites eleitos pela família. Enfatizou que esse período é passageiro e que o retorno é inevitável:

A gente não abre mão de família, é muito importante para a gente...qualidade de vida, próximo das pessoas que a gente ama, pai e mãe, isso é insubstituível.

Ângela falou em tom bastante formal, demonstrando certa discrepância entre a forma de apresentação e sua idade. Sua opção foi realizar a entrevista na sala de alunos de pós-graduação na Universidade e, assim, contou-se com a presença de um colega, embora não tenha participado ativamente. O local escolhido para a entrevista pode ser

entendido como forma de impor certo distanciamento e um não-envolvimento na entrevista. Como já foi mencionado, Ângela era muito formal em suas colocações, e a presença daquele colega parece ter contribuído para a formalidade do encontro. Sua postura durante a entrevista e a forma com que falava de sua trajetória possibilitou pensar-se na necessidade de mulheres demonstrarem objetividade, ocupando um lugar específico no discurso racional da ciência.

Quanto à inserção na UFV, disse ter feito um nivelamento em disciplinas básicas. Como sua graduação foi não exatamente na mesma área do doutorado, optou por fazer um curso preparatório, o que considerou bastante produtivo. Para ela, alunos de fora da área sofriam um certo preconceito por parte de alguns professores do seu departamento. Apesar disso, minimizava a experiência de discriminação do departamento, mostrando certa contradição, uma vez que assinalava a discriminação para, logo em seguida, desqualificá-la. Acredita-se que a situação da entrevista e até mesmo a presença do "colega" contribuíram para essa situação.

Durante a entrevista, colocava-se, em um primeiro momento, em posição reservada sobre suas experiências em Viçosa. À medida que percebeu algumas características na entrevistadora, como o fato de também ser casada, não ser natural de Viçosa e principalmente ter vindo do seu mesmo estado de origem, isso fez que ela se colocasse em uma posição mais confortável e menos defensiva. Cabe salientar que dias após a entrevista ter acontecido houve um encontro entre "os gaúchos"¹⁹. Nessa ocasião, a entrevistadora e autora desta dissertação pode encontrar com ela, o marido e o filho. A seguir, uma "fala" de Aldo bastante significativa ao ser apresentado: – *Ah! Então é você que sabe tudo de nossa vida aqui em Viçosa?!*

Ressalta-se o significado de sua expressão, que apontou para sentimentos contraditórios perante a situação vivenciada, como desconfiança, exposição da vida privada e, ao mesmo tempo, cumplicidade e semelhança.

Aldo não possuía vínculo empregatício no Sul. Tinha mestrado e veio com a intenção de concorrer ao doutorado na área de Engenharia Agrícola, mas ao chegar surgiu-lhe a oportunidade de concorrer a uma vaga para professor em uma escola federal de ensino médio, sendo aprovado. Trabalhava também como professor em uma

¹⁹ É hábito entre as pessoas oriundas dos estados do Sul do país e, especialmente do Rio Grande do Sul, encontrarem-se nas proximidades do dia 20 de setembro, com o intuito de "comemorar" os festejos farroupilhas. No decorrer do período que estive em Viçosa, tive a oportunidade de participar de três desses encontros, constituindo importantes momentos de observação e reflexão sobre a condição de "estrangeiros" na cidade e das eventuais dificuldades encontradas por todos e por todas.

faculdade particular da redondeza. Aldo pensava em fazer concurso para professor efetivo e pedir transferência para o Sul, entretanto, segundo relato de Ângela, se a transferência não for possível, ele pedirá demissão do cargo. Ângela sempre frisou a necessidade de voltar ao convívio da família, pois aqui se sentiam muito sozinhos.

Atribuía ao aumento no círculo de amizades à mudança no relacionamento com a cidade. Valorizava o grupo de amigos do marido e suas conquistas profissionais, que deram mais autoconfiança para ele. Durante algum tempo, ela foi responsável pelo sustento da casa. Percebeu-se, assim, que no momento as conquistas profissionais do marido e o conseqüente papel de provedor a ele atribuído eram muito valorizados, legitimando e reforçando atributos da família nuclear pautada por modelos tradicionais de masculino e feminino. Tinha dois irmãos e uma irmã. Os homens eram casados; um deles morava há 40 km de distância de sua cidade natal, e o outro morava na mesma cidade de seus pais. O sentimento de proximidade com a família de origem parece ser compartilhado por todos, menos pela irmã, que fez mestrado e estava terminando o doutorado em Viçosa. Ângela, entretanto, relatou ter um relacionamento pouco amistoso com ela, não querendo expor os motivos. Ela contou que sempre trabalhou fora para se sustentar e que por essa razão não teve oportunidade de fazer muitos cursos de aperfeiçoamento. Sempre auxiliou os irmãos e os pais. Cabe ressaltar a importância atribuída ao projeto de ascensão social, a origem “humilde” das famílias anteriores e a “ajuda” aos parentes, estabelecendo um valor distintivo e merecedor de reconhecimento e gratidão por parte da família.

Quanto à vida afetiva, Ângela relatou que Aldo foi seu único namorado e que o ano de 1998 foi muito importante para a sua vida, tendo sido aprovada como professora, ingressado no mestrado, casada e engravidado. Procurava deixar as etapas desse processo bem claras, assinalando o casamento em maio e a gravidez em novembro, assegurando a ordem “esperada” do matrimônio. Relembra esse período como muito difícil e trabalhoso, pois ganhava pouco, tinha um bebê, dava aulas e fazia mestrado. Na ocasião, Aldo trancou a faculdade e ficou tomando conta do filho para que ela pudesse terminar a tempo o mestrado e aumentar os rendimentos. Período em que os papéis tradicionais de pai e mãe foram vivenciados de forma “invertida”, causando dificuldades de relacionamento. Depois do término do mestrado, Aldo retomou a faculdade e fez mestrado também. Cabe salientar que para esse casal a prioridade foi a formação acadêmica e profissional da esposa e contrariando a idéia de que o projeto masculino se sobrepõe à carreira feminina.

Segundo ela, dividiam o tempo entre os estudos e atenção ao filho. O menino passava o dia na escola e a noite ficava com eles até dormir; as tarefas de casa também eram divididas. Embora referia à divisão de tarefas, notou-se que as atribuições de manutenção da casa e resolução de problemas com adaptação do filho na escola ficavam a cargo das mulheres. Embora com projetos bem definidos no âmbito profissional, essa tarefa era mais um encargo que cabia às mulheres, reforçando a condição naturalizada do papel feminino, enquanto mãe e esposa.

AURORA

Aurora, 44 anos, era casada há 12 anos, tinha dois filhos, um de 11 e outro de 9 anos. Era professora concursada da Universidade Federal da Paraíba. Mineira, fez mestrado na UFV em 1987 e logo se tornou professora. Nunca tinha pensado em morar tão longe da família de origem, mas não teve coragem de recusar um emprego público. Notou-se a importância que a garantia do emprego público assumiu nesse caso. Álvaro já era professor na Paraíba, e o casamento aconteceu algum tempo depois da mudança para o Nordeste.

Retardou sua qualificação em razão da escala de saída do departamento da sua universidade de origem, do casamento e do nascimento dos filhos. Considerava-se uma pessoa muito precavida, e dessa forma começou a organizar a vida nova pela internet desde lá; os filhos já estavam matriculados na escola, e ela também já tinha alugado um apartamento. Uma das reclamações de Aurora a respeito das dificuldades encontradas aqui foi em relação aos preços abusivos. Fez muitas críticas ao valor exagerado dos preços dos aluguéis na cidade.

Novamente a opção pela UFV estava atrelada ao conceito positivo da Universidade no cenário nacional, além do conhecimento prévio da cidade/universidade e do contato prévio com um possível orientador para seu trabalho. Rejeitava a opção de estudar no exterior por causa dos filhos e do marido, pois acreditava que a adaptação seria muito penosa para eles. Percebeu-se em seu depoimento a busca por equacionar a sua formação com o menor impacto na organização da família.

Em princípio, veio com os dois filhos. Álvaro é professor também e estava prestes a terminar o mestrado no Nordeste e, dessa forma, não poderia ter liberação da universidade para acompanhá-los.

Ao chegar, estabeleceu-se em uma região bem próxima à Universidade, contratou uma empregada doméstica e matriculou as crianças na escola. Relatou que esse período foi muito duro, pois o curso tinha muitas exigências. Criticou o sistema de ensino da UFV com relação à necessidade de dedicação exclusiva e exaustiva, aliada à adaptação na cidade nova e à condição de estudante, além das atribuições de mãe. Percebeu-se o investimento “dobrado” das mulheres que almejam qualificação profissional, já que suas atribuições “naturais” de mãe e esposa não podem ser negligenciadas, sob pena de verem recair sobre elas pesadas sanções. Seu marido veio um ano depois para fazer o doutorado. Relatou que não havia perspectiva de ele vir fazer o curso, apenas desenvolver uma pesquisa. Aurora, assim que chegou à UFV, procurou estabelecer contatos com professores conhecidos, e a partir daí começaram a vislumbrar possibilidades de curso para o marido. As tentativas começaram em meados do ano de 2000, e no início do ano seguinte ingressou no doutorado. Entretanto, referiu-se a esse período como tendo sido vivenciado com muita ansiedade. Aurora atribuiu o desfecho favorável à percepção da universidade de origem em deixar a família unida, porém em nenhum momento qualificou a sua participação nesse processo. Novamente apareceu a força da família atuando como integradora de seus membros.

Outro fato que chamou atenção foi que essa família foi a única que deixou a casa montada e fechada. Mantiveram a empregada tomando conta da casa e do cachorro da família. Embora gostassem de Viçosa, ficaram claro o desejo e a necessidade de voltar. A casa da família parece ficar em suspenso, ou seja, Viçosa demarca o espaço da qualificação como temporário, transitório e com retorno garantido. São pessoas que já alcançaram certa estabilidade profissional e, agora, procuravam estabilidade pessoal.

Aurora terminou o curso no final de 2003, e Álvaro tinha mais um tempo até o final de seu curso, mas faria uma parte do experimento em Recife. Sua qualificação foi um pouco mais demorada. Começou o curso de mestrado na USP, mas não conseguiu ficar longe da família e morar em cidade grande. Optou por Recife, e retornava a cada 15 dias para casa. Teve um problema de saúde, que fez com que ele se atrasasse um pouco mais.

A decisão de fazer o doutorado foi bem difícil, pois ela sofria pressão do departamento, não havia a possibilidade de Álvaro acompanhá-los, mas ela disse que ele sempre lhe deu muita força, o que ela atribuía isso ao fato de ele também ser da área de ensino e saber o que representa o doutorado na construção da carreira acadêmica:

[...] eu fiquei muito apreensiva pelo fato de vir só com os filhos, né. E ter que enfrentar tudo aqui, eu acho que, apesar de que, sempre tive minhas responsabilidades com os meninos, de tarefa, de olhar quando tá doente, mas você ficar longe do pai, aí sua responsabilidade dobra né, e você fica “ai meu Deus, eu tomei essa decisão eu vim e agora, se acontece isso” e você começa a imaginar situações que vão te colocam em cheque, mas tinha que tomar uma decisão.

É evidente que o incentivo de Álvaro foi fundamental para Aurora, porém a nova condição de estudante aliada à falta do marido e necessidade de suprir todas as necessidades dos filhos foram percebidas como um desafio que causou apreensão e ansiedade. Mesmo que ela relate ter responsabilidades anteriores, o fato de estar “sozinha” acarreta numa série de questionamentos em relação à sua própria capacidade de êxito.

Aurora veio de uma família de sete filhos, de origem popular, seu pai é aposentado e sua mãe sempre trabalhou em casa. Alguns de seus irmãos estudaram, mas ela é a única que seguiu carreira docente. Fez sua graduação em escola particular e teve crédito educativo. Quando se formou, recebeu um convite para dar aulas na faculdade, mas não aceitou e veio fazer mestrado aqui na UFV. Depois de um tempo ficou sabendo por um colega que os diretores da faculdade já estavam contando com ela para trabalhar, inclusive estavam fazendo o horário de aulas de Aurora sem consultá-la. Alegaram que achavam que, por ela ser mulher, ter a família na cidade, ela aceitaria qualquer coisa, porém nessa época surgiu o concurso, que ela decidiu fazê-lo. Aurora não aceitou o destino traçado para ela e mudou de cidade, causando estranheza em familiares e amigos e, em certo sentido, transgredindo a norma esperada para mulheres solteiras.

Aurora reconheceu o esforço de seus pais para que os filhos estudassem e sabia das dificuldades que enfrentou para alcançar seus objetivos:

Eu falo que eu nunca consegui as coisas fáceis, sempre foram difíceis, mas eu me acho uma pessoa de muita sorte, porque tudo foi conseguido com muita luta mas eu posso me considerar privilegiada né. Porque pensa bem, estudar numa particular sendo pobre. Terminar e conseguir um mestrado em Viçosa e inclusive eu concorri até com uma sobrinha do Aureliano Chaves que é minha amiga, e não é pra falar por exemplo que o currículo dela seria menor que o meu não. Ela era uma pessoa estudiosa era no mesmo nível, quer dizer (deve sempre dar uma ajuda né) quer dizer tive essa sorte, tive essas oportunidades de vir fazer o mestrado e fiz e logo em seguida surgia essa oportunidade lá, e cê vê, é difícil né, surgir oportunidades assim, você vê, quantas pessoas hoje em dia desempregadas, fazendo doutorado até, e sem emprego.

É possível refletir sobre alguns pontos significativos em seu relato. Enfatizou a origem “pobre” e a possibilidade de ascensão social via acúmulo de capital escolar e simbólico viabilizados pelos cursos de pós-graduação e emprego público em universidades federais, assegurando meios de aquisição de símbolos de distinção valorizados pelo grupo social, além de remeterem a transposição na hierarquia de classe que faz parte de seu discurso e de todas as informantes desta pesquisa. Sua fala se caracterizou pela oposição e embate entre sacrifício e luta *versus* sorte e privilégio.

ALINE

Aline, 35 anos, era casada e tinha uma filha de 7 anos. Chegou a Viçosa em 2001. Alberto veio em 2002 fazer mestrado. Viçosa sempre esteve em seus planos; quando era adolescente, gostaria de ter feito Coluni²⁰, mas a mãe não deixou que ela viesse morar longe de casa. Na época, nenhuma filha saía para estudar na família de Aline.

Prestou vestibular aqui, mas não obteve êxito. Estudou numa cidade do Sul de Minas e, posteriormente, conseguiu vaga para o mestrado na UFV, mas desistiu por causa do namorado, que não achava uma boa idéia eles ficarem longe. Assim como já estava casada na época, fez o mestrado naquela mesma instituição. Aline falou sempre que a questão do casamento/vida amorosa e a ciência ficaram em lados opostos em sua vida. Nesse momento da vida de Aline, a vida afetiva teve papel preponderante em suas escolhas, fazendo com que abrisse mão de suas ambições na carreira profissional. Seu discurso, entretanto, foi permeado por dúvidas e contradições, apontando para as dificuldades envolvidas nessas escolhas.

Ela relatou que sua única opção de doutorado seria Viçosa, pois não tinha interesse em ir para uma cidade maior como São Paulo. Atribuiu ao ritmo de vida atribulado ao fato de ela ter uma filha e, ainda, querer preservar “o estilo de vida mineiro”, pois acha as pessoas mais acessíveis. Nessa entrevista, delineou-se a referência a atributos identitários de uma ou outra região do país, e estes funcionam como definidores de um estilo de vida carregado de valor simbólico. Também contou com auxílio de redes de amizade nos primeiros tempos em Viçosa, facilitando, dessa

²⁰ Coluni é o Colégio Universitário da UFV. É referência no ensino médio da região, e o ingresso é realizado por meio de disputado concurso. É percebido como símbolo de “status” para famílias da cidade e região.

forma, sua adaptação. Ficou sozinha com a filha durante um ano, e depois o marido veio estudar também. Aline apontou esse como um dos maiores diferenciais em sua vida em Viçosa, pois seu casamento sempre foi vivenciado morando cada um em uma cidade. Segundo ela, a opção por Viçosa também foi uma “tentativa de salvar o casamento”, pois seria a oportunidade deles morarem juntos. Entretanto, tal expectativa não vem se confirmando, e o relacionamento enfrenta algumas crises.

A escassez de recursos financeiros, já que ambos não têm emprego fixo e vivem de “bolsa”, é relatada como um dos pontos mais problemáticos do casamento. Quer terminar o curso e buscar um emprego fixo, com certa tranquilidade para criar a filha e viver bem. Outra vez aparece o “emprego fixo” como garantia de ascensão social, mobilidade na hierarquia de classe e reconhecimento pelo esforço empreendido.

Disse ter se arrependido de abandonar a idéia de fazer mestrado logo após a formatura para se casar. Ficou um tempo em casa, e esse período é relatado como tendo sido muito ruim e contraditório:

Casei e fui morar em J.F., e fiquei 2 anos sem trabalhar. Não fazia nada, era dona de casa e mãe.

Aline sempre reforça em seu discurso a confusão vivida pelo casamento e sua questão profissional. Para ela sempre foi motivo de muitas dúvidas sobre qual caminho seguir:

Eu sempre quis fazer mestrado, sempre quis continuar estudando, tanto que eu fazia iniciação científica, quando eu passei no mestrado aqui, vim recomendada, por pessoas que viu meu trabalho. Ai acontece nesse meio tempo essa questão de você namorar, de quere casar, ter filho. Foi ai realmente que virou uma mistura na minha cabeça, eu não sabia se deixava a ciência e casava, se eu conciliava as duas coisas, mas ai eu tinha medo de perder o namorado. Então eu acabei largando a ciência e fui atrás do namorado.

Acha que abandonou muitos sonhos em função do marido e acredita que isso foi um equívoco. Relatou que só conseguiu voltar a estudar quando Alberto foi morar em outra cidade. O casamento sempre foi vivenciado nos finais de semana e feriados. Ao mesmo tempo que considera válida a tentativa de morarem juntos, agora diz que é um período muito complicado, pois ela e a filha já estavam muito acostumadas juntas, e a presença do pai tem sido difícil:

Foi um drama, tem sido um drama. Agora que ele tá indo embora, vai voltar tudo ao normal. O nosso normal é eu e ela.

O relato de Aline é bastante significativo ao mostrar o conflito vivido entre a carreira e a vida afetiva. O casamento assumiu importância em sua vida a ponto de deixar de lado seus “sonhos” profissionais. Aponta para o fato de ter se apaixonado e aberto mão de sua vida, porém o amor e o casamento não foram suficientes para sua realização pessoal. Parece ressentida com esse fato e, ao mesmo tempo que argumenta sobre a vontade de “salvar” o casamento, assinala os sentimentos antagônicos e contraditórios em relação ao matrimônio e ao marido. A díade mãe-filha é vivenciada e percebe a família como sendo ela e a filha de forma intensa, a ponto de perceber a família como resumida às duas. Ambas têm dificuldades em abrir espaço para Alberto.

Não sabe muito bem que rumo sua vida vai tomar, mas afirma que não faz questão de ficar na mesma cidade de Alberto, a não ser que ambos estejam empregados. Mesmo essa opção acha pouco provável, pois suas profissões são bastante diferentes, e a chance de encontrarem emprego no mesmo local é mínima. Nesse momento, o futuro da relação está em suspense. Schienbinder (2001) pontuou essa dificuldade quando analisou o casal com dupla carreira quanto à mobilidade em relação ao emprego e, no caso de Aline, ela não faz questão de acompanhar o marido abrindo mão de seu projeto mais uma vez.

Sua família de origem é bastante numerosa. Tem 10 irmãos: quatro homens e seis mulheres. Aline é a filha mais nova. Seus pais foram produtores rurais, mas quando ela nasceu já não trabalhavam na roça. Alguns de seus irmãos e irmãs fizeram faculdade, mas a maioria ficou com o ensino médio. Relatou que o pai sempre fez muita questão que os filhos homens estudassem:

Enquanto meu pai era vivo, não sei se por rigor do meu pai ou por comodismo das minhas irmãs, só os homens saíram para estudar, os dois irmãos mais velhos saíram, e estudavam e trabalhavam. Sempre lá em casa, eu fui a única que só estudei graduação sem trabalhar, mas os outros todos, era trabalhando e estudando. Depois de muitos anos que o meu pai morreu, que minha irmã saiu, foi para Belo Horizonte, aí eu sai também. Foi só nós duas, das sete mulheres só duas que saíram pra estudar.

Aline sempre quis continuar estudando e trabalhar para “ganhar bem”. Toda sua fala gira muito em torno da questão financeira, demonstrando preocupações típicas de quem persegue projetos de ascensão social. Questões referentes às discussões que versam sobre classe social e gênero também aparecem. A ênfase nos estudos é vivida como exceção na família de origem, em que os homens eram incentivados a estudar e melhorar de vida. Aline consegue romper com esses preceitos após a morte do pai.

Sua adaptação à UFV foi boa, mas acha que especificamente seu departamento é muito rígido, não querendo saber se a estudante é casada e se tem filho. Segundo ela, seu departamento é muito machista, com a ciência vindo sempre em primeiro lugar. Quanto às amizades, ela fala novamente na dificuldade da vida de casada, bolsista e com filho. Acredita que o meio acadêmico é bastante rígido em relação à separação entre questões da ciência e da vida pessoal, e dessa forma sua condição pessoal restringiria suas ações dentro do departamento. Fala que talvez se fosse um curso de Pedagogia, mas em sua área as pessoas deixam para ter filhos depois. Aline reproduziu a idéia de ciência atrelada a atributos sexuais estereotipados. Crê que seu departamento é machista e que a ciência também está cindida em campos sexuais. Nesse sentido, a escolha por campos ditos masculinos tem conseqüências na vida das mulheres que optam por eles. A maternidade e a geração são percebidas como um impedimento para participação em círculos de amizades, pois considera que, como seus colegas são muito novos, não são casados e não têm filhos, a convivência seja prejudicada. Pode-se fazer uma discussão atrelando aspectos de gênero, geração e segmento de classe como impedimentos à inserção no convívio social.

Não sente muitas saudades de sua cidade de origem, pois, como Viçosa, ela também é uma cidade universitária e lá como aqui as pessoas têm consciência de que é passageiro, que essa é a rotina, pois pessoas chegam e vão embora. Viçosa aparece como um local de passagem e de aquisição de capital escolar que possibilite a ascensão social.

AMANDA

Amanda tem 28 anos, é casada há um ano e dois meses. Veio a Viçosa no ano 2000 para fazer o mestrado e, logo em seguida, ingressou no doutorado no mesmo departamento. Sempre quis fazer pós-graduação, e a opção por Viçosa mais uma vez deveu-se à fama da UFV.

Seu percurso acadêmico se inicia com uma especialização na Universidade Federal de Goiás e depois o curso de mestrado na UFV. Sua escolha causou muita tristeza à família, pois foi a primeira e única pessoa de sua família de origem a sair de sua cidade. Seus primeiros momentos em Viçosa foram muito difíceis; acredita que sua adaptação só melhorou depois que conheceu o marido. Eles se conheceram em maio de

2000 e casaram em 2002. Amanda é evangélica e conheceu o marido na igreja, entretanto ainda hoje sente muita falta da família de origem.

Assim que chegou a Viçosa procurou a igreja e entrou em contato com o pastor, sendo bem recebida por ele e por todos da igreja. Acredita que sua adaptação foi mais difícil à UFV, pois não conhecia ninguém, nem professores e colegas. Em relação à cidade foi mais fácil, pois fez vínculo com a igreja logo. A igreja aparece como possibilidade de inserção e acolhimento social. A relação afetiva com o namorado/marido também aconteceu via igreja. Percebe-se que, diferentemente das outras entrevistadas que não têm vínculos tão fortes com nenhuma religião, as redes de solidariedade estabelecidas através do contato acadêmico/social não ocorreram, e sim através do grupo da igreja.

Sua família de origem ficou um pouco preocupada com a notícia do casamento, pois eles se conheciam há dois anos, e a sua mãe achava que deveriam terminar os estudos primeiro. Quando Amanda chegou a Viçosa, Artur fazia graduação e, logo depois, ingressou no mestrado também. Ele não tem certeza se quer fazer doutorado, pois eles pretendem ir embora e trabalhar. A idéia inicial é ir para o estado de Amanda, no Centro-Oeste. Ele terminou o curso em 2004 e também pretendia fazer o doutorado em três anos e começar a trabalhar. Considera a vida de bolsista difícil e gostaria muito de dar aulas; acha que tem o dom para ensinar. Pretendem ter filhos, mas querem estar com a situação profissional e financeira mais definida. Parece recorrente naqueles grupos que não possuem colocação imediata a necessidade de definição da vida profissional, deixando de ser “bolsista”. A falta de recursos e a dificuldade de sustento, aliada ao “status” inferior do bolsista, contribuem para que essa questão seja pontuada sempre.

A escolha do curso teve influência de um ex-namorado – relacionaram-se durante cinco anos e tinham planos de casamento –, mas Amanda rompeu o relacionamento em decorrência de uma grande decepção. Credita a esse acontecimento o interesse em querer investir em si própria e crescer profissionalmente. Acha que se tivesse casado naquela época não teria conquistado tantas coisas.

Sua graduação foi em Zootecnia, mas optou em fazer o curso de pós em área mais ligada à agricultura. Segundo ela, existe muito preconceito por parte dos fazendeiros em relação à mulheres trabalhando com animais de grande porte e valorizam mais o profissional masculino. Reconhece que as mulheres são mais aceitas quando trabalham com animais de pequeno porte. Aparece a diferenciação entre áreas

de atuação para homens e mulheres atreladas a estereótipos de gênero, denotando campos hierarquizados por atribuições “próprias a cada sexo”.

Suas amizades estão localizadas na cidade de origem. Acredita que em Viçosa não tem muitos amigos, que o círculo de amizades é mais restrito, excetuando o grupo da igreja. Nota-se uma divisão acentuada entre os colegas da UFV/cidade em relação àqueles participantes da mesma crença.

Não teve problemas no departamento, entretanto também critica o sistema de ensino da UFV. É preciso muita dedicação e estudo, e isso nem sempre acarreta em acúmulo de conhecimento. Acredita que isso dificulta a criação de laços afetivos, pois a preocupação maior é com o êxito nos estudos, podendo favorecer o aumento de competição. Acredita que sua vida é motivo de orgulho para os pais. Disse que sempre incentivaram muito o estudo. Ela mesma sempre aconselha a irmã a continuar estudando. Acha que a experiência de morar longe de casa, embora difícil, tenha sido muito válida. Aparece novamente a importância do doutorado para a aquisição de “status”, do ponto de vista social e financeiro.

Quanto ao período de passagem por Viçosa, Amanda comentou:

Eu já tive uma fase assim que eu estava louca de vontade de sair daqui, cidade horrorosa, pessoal difícil, mas hoje não, eu tenho minhas amizades lá da igreja, pessoal da nossa idade, que me fizeram crescer, eu aprendi muito com eles, eu até achava que não, mas com certeza vou sentir muita falta, porque as grandes coisas da minha vida..., eu não posso reclamar de Viçosa, eu casei em Viçosa, eu sou a única pessoa que não pode reclamar.

A relação entre a cidade e a Universidade é vivenciada de maneira conflituosa. Mesmo sendo uma cidade “horrorosa”, é concebida como um espaço digno de gratidão quanto às possibilidades de construção de laços pessoais, como amizades, casamento e projeto intelectual.

Amanda pareceu ser uma pessoa muito prática, falando rápido e bastante. A entrevista foi realizada em um laboratório de seu departamento, com a presença de duas outras pessoas, mas ela não pareceu se incomodar ou ficar constrangida. A “praticidade” com que tratou a entrevista deixa transparecer certo distanciamento do tema proposto.

AMÁLIA

Amália, 35 anos, tem uma filha de sete anos de um relacionamento anterior. Seu marido tem 33 anos e também uma filha de sete anos de outro relacionamento. Amália é

professora universitária federal concursada no Nordeste do país. Mora sozinha com a filha e Abílio e a enteada vem aos fins de semana. Atualmente, eles moram no interior de Minas, pois Abílio tem um cargo de confiança na prefeitura de sua cidade. Foram namorados na adolescência e se reencontraram depois de 20 anos. Amália sempre manteve contato com a irmã de Abílio, pois elas são muito amigas, fato que facilitou o reencontro entre eles.

Fez faculdade em Juiz de Fora e mestrado no Paraná. Tem uma filha, fruto de um relacionamento com o namorado que conheceu durante o curso de mestrado, mas não se casaram e não tem contato com o pai da criança. Logo depois foi para a Bahia fazer concurso para professora e conquistou a vaga. Mudou-se com a filha e a mãe e, depois de um tempo, Abílio foi morar na mesma cidade em busca de oportunidade de emprego. Nessa época retomaram o relacionamento e resolveram morar juntos. Segundo Amália, sua mãe queria que ela se casasse logo com Abílio, pois para ela ter uma filha mãe solteira era um problema. As duas tiveram problemas de relacionamento e cortaram relações, e, segundo Amália, teve que escolher entre o marido e a mãe. Argumenta que o estremecimento das relações partiu da mãe, embora demonstre tristeza em detrimento dessa situação.

Depois de um tempo, Abílio foi convidado a assumir um cargo político em sua cidade natal no sul de Minas. Nessa época cumpriu estágio probatório no trabalho e, depois de um ano, começou o curso em Viçosa. Ao contrário das informantes anteriores, sua primeira opção não era a UFV, mas acabou preferindo vir para cá para ficar mais próxima do marido e do fato de a cidade ser mais tranquila para criar a filha.

Sua decisão acarretou em fazer algumas adaptações quanto à área de concentração, mas, como o orientador não fez nenhuma objeção, ela está satisfeita com o curso.

Sua adaptação em Viçosa foi tranquila. Já conhecia a cidade e tem bom relacionamento com colegas. Faz críticas ao sistema de ensino da UFV. Acha que ficar fazendo prova, decorando conteúdo não tem muito sentido num curso de pós-graduação. A adaptação da menina também foi boa, gosta da escola. Não tem muitos amigos fora desta, pois nos finais de semana recebem a visita da enteada e brincam muito. Amália acredita que teve maiores dificuldades de adaptação ao Nordeste, por sua visão da pobreza muito chocante, tanto em relação ao Sudeste quanto ao Sul, especificamente ao Paraná, onde viveu por dois anos.

Amália não tinha planos de ser professora e seguir carreira universitária, mas as oportunidades foram surgindo e gostou muito do trabalho docente. Acha que o curso vai lhe dar mais respaldo para melhorar a sua “performance”:

Dar mais bagagem mesmo pra você exercer esse tipo de orientação, do que faz parte do cargo de professor. E pessoalmente eu acho que é mais uma experiência de vida que a gente acaba carregando. E existe um certo orgulho nisso, claro que sim. Eu nunca imaginava chegar..., porque mestrado pra mim, eu achava que já tinha chegado longe demais pra quem não imaginava ser professora, e hoje em dia fazer mestrado, agora ta no doutorado E hoje em dia eu fazendo doutorado, eu sei que é grande coisa mesmo. Mas eu sempre via isso e : nossa! Meu Deus do céu a pessoa que chegou a fazer doutorado. A gente enxerga isso como uma coisa tão distante da gente. Então de certa forma da um certo orgulho, mas acho que também não é uma coisa de outro mundo pra ser motivo de vangloriar.

O empenho e a satisfação pessoal social provocados pelo ingresso na docência remetem novamente a questões de ascensão social via formação acadêmica, embora em determinadas situações ela as minimize.

Amália e Abílio casaram no civil aqui em Viçosa, embora já vivessem juntos. Ele pretende requerer a guarda definitiva de sua filha e, ao término do curso, retornarão todos para o Nordeste. Abílio pretendia trazer a filha para morar com Amália em 2004, pois na cidade onde residem não existe escola, então acharam melhor que a menina morasse aqui em Viçosa. Amália considera que essa é a solução mais sensata, mas sabe que será uma adaptação muito grande de todos. Atualmente, espera um bebê e está muito contente com a notícia. Ela e Abílio ficam um pouco apreensivos pela situação de terem uma situação estável, mas acham que tudo vai dar certo. Comenta que a relação deles merecia esse presente, essa possibilidade de viverem juntos uma gravidez.

Em relação ao curso, Amália já está se organizando com as disciplinas e com a qualificação. Ficou apreensiva com a reação de seu orientador e teve medo de ser prejudicada, pois conhece casos de mulheres que tiveram sérias dificuldades no curso por causa de filhos. A maternidade e a conciliação entre atribuições entre a vida acadêmica e a familiar causam sensação de insegurança e medo. Credita esse medo e desconfiança ao fato de o mundo acadêmico ser machista e pouco aberto para as mulheres, aliado ao fato de terem que conciliar as atribuições da maternidade com as exigências do curso.

Um fato importante relatado por ela diz respeito à organização da casa. Relatou que nunca teve uma casa, sempre morou em pensão, república, apartamentos mobiliados e que aqui me Viçosa, embora seja muito simples, ela sente como sendo a sua casa:

Essa é uma questão muito complicada, porque eu não tenho casa, lá na Bahia eu não tinha, quando eu fui pra lá, fui com a minha mãe, então a casa era da minha mãe.

Mas essa questão de casa é um pouco complicado, porque é uma referencia, e é uma identidade nossa. Também, pro Abílio eu não sei, ele não liga muito pra isso não, eu pelo menos sou mais apegada, a gente vai colocando detalhes, é um prazer que eu tenho de tá arrumando, limpar, ele fala que eu tenho “neura” por tapete. Tô doida pra botar um tapete aqui Então são coisas que a gente se preocupa e homem não liga pra essas coisas. Lá por exemplo, quando ele mudou pra lá, foi antes de mudar pra cá, então, é difícil, essa coisa da gente ter duas casas, é difícil, porque aquela casa não é a casa que eu me dedico, é completamente diferente daqui.

Não, não ligo lá pra quadro, nem tapete, pra nada, mas depois que eu me mudei para cá, e eu tenho essa casa como minha casa, embora saiba que lá também é a minha casa, mas aqui é a minha casa que eu cuido, então eu acabei abandonando tudo lá. É muito difícil a gente cuidar de duas casas, dividir, saber que você tem duas casas, é complicado.

O significado atribuído à casa revela sentimentos de ter uma casa para si. Em Viçosa, embora saiba que também é um período temporário, experimenta o prazer de ter um espaço seu constitutivo de uma identidade conquistada pelo casamento e pela formação acadêmica, enfim por uma mudança de “status” social.

Não tinha vínculos de amizade na Bahia, apenas colegas de trabalho. Na UFV também acha um pouco difícil, pois, devido ao fato de viajar aos finais de semana ou receber o marido em casa, não tem muita disponibilidade de tempo. Eventualmente, convida alguns colegas para irem até sua casa jantar, mas que Abílio fica um pouco arredio, além do mais acha que a diferença de idade entre os colegas e o fato de serem solteiros geralmente acabam tendo poucas afinidades. O momento de vida desse casal não possibilita a abertura para outras frentes de relacionamento além daquelas que constituem a independência financeira e a realização profissional.

Amália fala bastante de sua vida pessoal e de seus planos para quando voltarem. Quer criar raízes e poder criar os filhos de maneira mais tranqüila.

ALBA

Alba tem 41 anos, é casada e tem duas filhas, uma de 18 anos e outra de 12. Veio a Viçosa com as meninas em 2000. A decisão de vir sozinha foi sofrida, pois Armando, seu marido, ficou na cidade de origem. Trabalha na área de comércio e viram que seria muito complicado ele se ausentar por um período de quatro anos.

Veio a Viçosa em janeiro em companhia de uma colega, que decidiu acompanhá-la para passear. Nessa época conheceu a Universidade, o departamento, viu possibilidades de alugar um apartamento, escola para a filha etc. Ela e as duas filhas

voltaram em fevereiro para morar. As filhas gostaram muito da cidade, pois estavam esperando um lugar muito pior; Alba relata que exagerou na descrição dos aspectos negativos da cidade para que elas não se decepcionassem muito.

Fez mestrado no Sul e foi incentivada a fazer o doutorado em Viçosa. Alguns de seus professores concluíram a formação aqui e sempre incentivam os alunos a virem também. Em outubro, época da entrevista, Alba já estava com a tese pronta, mas aguardava o final do ano para defender. Gostaria de ter adiantado a defesa para julho, mas desistiu em razão de o seu orientador ter se aposentado. No entanto, não queria que sua filha saísse da escola no meio do semestre letivo. Acabou permanecendo mais tempo em Viçosa e, na época da entrevista, fazia um novo experimento para, nas suas palavras, *ter mais um trabalhinho para publicar*. A princípio, Alba não tinha a intenção de seguir carreira universitária:

Não, as coisas pra mim sempre foram acontecendo sem grandes planejamentos. Então, eu fiz biologia pra ser bióloga, não pra ser professora, como a maioria das pessoas acham. Na época que eu fiz o curso, biólogo era extremamente discriminado, bióloga era louca, missionário, agora tão se matando pra entrar na faculdade. Aí terminei a faculdade, e como não tinha muita coisa assim, eu fiz uma especialização em fisiologia, na Católica. Surgiu o concurso do estado eu fiz, surgiu um outro concurso do estado, eu fiz, pra outra carreira. Aí surgiu concurso na escola da universidade, que foi a primeira aula de ensino médio, uma escola agrícola. E eu fiz o concurso e entrei. Aí começou a história de que o governo poderia municipalizar o ensino fundamental, estadualizar o médio e federalizar a universidade. Então, existiam grandes ameaças assim, que a nossa escola tava sofrendo, que poderia fechar, que poderia isso, que poderia aquilo. E eu acho que a gente tem que ter noção de um senso de futuro, de segurança Bom, pra que eu possa entrar numa universidade, pelo menos mestrado, eu tenho que ter, e foi a partir daí, que eu resolvi fazer mestrado.

A busca pela qualificação aparece como necessidade e não como um bem almejado. Diz ter senso de futuro e responsabilidades financeiras em relação às filhas. A carreira de pesquisadora não parece ser prioridade na vida de Alba, embora acredite que o treinamento vai possibilitar a melhoria em sua qualificação.

Logo que terminou o mestrado já iniciou o doutorado. Escolheu o curso de mestrado por ter sido a única opção da época em sua cidade, e acabou gostando. Sentiu bastante diferença entre o mestrado e o doutorado. No mestrado eram apenas três alunos e tiveram um ótimo vínculo, e aqui achou todo mundo muito competitivo, laboratórios enormes e estudantes disputando pipetas. Nos primeiros seis meses disse ter detestado todos os mineiros, pois acha que controlam a vida de todo mundo. Relatou que aprendeu

muito aqui, mas se decepcionou muito com a UFV, achando que o clima é de muita competição e, por isso, não encontrava colegas para estudarem juntos:

Eu quando terminei a minha qualificação, um colega disse assim pra mim: parabéns, agora você pertence a outra classe de pessoas. Eu acho ridículo, e tem professores que se acham apenas o máximo, que são do ponto de vista de cultura, de conhecimento, eles são, mas o que não dá o direito a eles de menosprezarem os outros, de serem mal educados, de serem grosseiros. Isso, eu acho ridículo, eu acho que uma pessoa que é assim, ela desmerece todo o conhecimento que ela tem, ela cai assim, no conceito.

Apesar disso, acha que Viçosa oferece um ambiente muito propício para a educação, pois tudo gira em torno da UFV, tudo a favor dos estudantes e acaba influenciando o ensino fundamental e médio também.

Em relação à moradia, procurou um apartamento amplo e bem localizado. Acredita que a vida em Viçosa tenha lhe mostrado que se pode viver com pouco, poucos móveis, pouco luxo. O valor não está na boa casa, no bom gosto, mas na improvisação que se mostra criativa e possibilita a reinvenção de estilos de vida.

Relata não ter sentido muita falta de sua terra, pois sua casa estava sempre cheia de colegas das filhas e mesmo de alguns amigos seus. Como muitos se percebiam na mesma situação e, dessa forma, procuravam ultrapassar as dificuldades juntos. Essa aparente contradição se explica à medida que situa os amigos como pessoas que estão em situação semelhante à sua, não são mineiros e principalmente não são de seu departamento. Mais uma vez faz alusão a identidades localizadas, características que compõem um jeito de ser e viver vinculado à sua origem.

No período de doutoramento não retornou nenhuma vez para o Sul, apenas o marido que as visitou. Tiveram oportunidade de fazer alguns passeios por Minas, Espírito Santo e Bahia. A mudança para Viçosa proporcionou experiências novas nunca vividas, como viagens de avião e férias na Bahia. Tal fato não parece estar ligado a dificuldades financeiras unicamente. De todas as entrevistadas, Alba pareceu ser uma das que teve e tem melhores condições financeiras e sociais desde a família de origem. Seus pais eram profissionais liberais, e a importância do estudo e da profissionalização sempre esteve presente em sua casa. Em relação ao círculo de amigos e ao resto da família que não sentiu falta:

mas de resto, tirando o meu marido, não tinha uma coisa muito arraigada, porque sempre fomos mais nós. Então com as minhas filhas a ligação é muito mais forte, eu sem elas não viria de jeito nenhum, eu digo sem marido a gente fica, sem filho não.

A questão da maternidade e o vínculo com as filhas é recorrente entre a maioria das mulheres entrevistadas. Remete-se a questões de como o vínculo materno-filial é culturalmente aceito e inquestionável para o senso-comum e é incorporado pelo discurso científico.

Quanto ao fato de ficar longe do marido, acredita que foi mais difícil para ele, pois ficou com a casa vazia. Ela relatou que, se as filhas não tivessem vindo, ela não agüentaria ficar longe delas. Alba disse que sentiu saudade, mas que procurava não pensar muito sobre isso. Relatou que houve alguns comentários sobre a continuidade do casamento, mas procurou não dar importância a isso:

as pessoas pra mim nunca disseram nada, pra ele, chegavam e diziam que ta na cara que o teu casamento acabou. Perdeste a tua mulher, pode ter certeza. Pra mim, aqui em Viçosa, uma professora, bem no inicio, na primeira semana que eu cheguei aqui, ela disse: há o teu marido ficou? Pois é, eu também quando fui fazer doutorado meu marido ficou, seis meses depois ele tinha uma amante. Eu disse a é? (riu) , e era minha secretária.- Pois é , normalmente é quem ta mais perto, que ia dizer, né? Teve uma conhecida nossa, que a gente fazia churrasco, ela ia, uma semana depois ela tava ligando pro Armando, chamando ele pra sair. Assim o mulherio se atirou. Assim, se ele teve ou não, eu não sei, não ponho minha mão no fogo por ninguém, só por mim. Eu cheguei num ponto que eu respondo só por mim, por mais ninguém. Se fez, eu acho, que eu entendo, mas não aceito. Eu acho que num relacionamento seja ele qual for, ou tu confia ou não confia, não existe meio termo. Ou tu confia e pronto, ou desconfia e toma uma atitude.

Esse relato demonstra a relação de confiança que tem que ser estabelecida e os conflitos que a distância gera. A maneira que Alba escolheu para tratar do tema foi não pensar no assunto. Entretanto, é possível supor que essa situação cause dúvidas e preocupação. Talvez por isso esteja tão ansiosa com o retorno para o Rio Grande do Sul e com a possibilidade de confronto com questões que ficaram diluídas durante seu afastamento.

O retorno também estava gerando ansiedade. A filha mais velha voltou no início de 2003, e Alba pretendia voltar em julho. Contudo, ocorreram algumas alterações em datas, e ela retornaria em dezembro. Relatou ter ficado mais ansiosa agora na hora de voltar do que quando veio.

Em relação aos seus planos de trabalho, não sabe se volta para a escola ou pede para ser cedida para a Universidade. Não tem certeza de qual opção será melhor, em termos de retorno financeiro. Gosta de trabalhar com adolescentes e acha que o professor deve oferecer a mesma qualidade de ensino para todos os níveis. Acredita que a vivência foi muito importante para ela, em termos profissionais e pessoais também.

O que fica claro neste grupo é que as relações afetivas assumem um contexto mais igualitário em nome da profissão e carreira acadêmica. O projeto acadêmico feminino é acompanhado pelo parceiro/filhos (as), e as possibilidades de mobilidade são experimentadas pelos membros da família. Isso não significa dizer que tais mudanças sejam vivenciadas de forma tranqüila e livre de sentimentos contraditórios, que por vezes se apresentam como verdadeiros dramas na vida dessas pessoas.

Na próxima seção, procurou-se descrever o grupo B, onde o projeto de ascensão social é vivenciado como um desejo do casal.

4.2. Composição social das informantes do grupo B – Projeto acadêmico do casal

Nome/ Marido	Idade	Curso	Nº de Filhos	Estado Civil	Local de Origem	Vínculo Empregatício
Bianca/ Bruno	27 anos	Solos e Nutrição de Plantas	1	Casada	Rio Grande do Norte	Não
Berenice/ Boris	34 anos	Botânica	2	Casada	Minas Gerais	Não
Barbara/ Bernardo	31 anos	Engenharia Agrícola	0	União estável	Rio Grande do Sul	Não
Bruna Basílio	33 anos	Ciência e Tecnologia de Alimentos	4	Casada	Alagoas	Sim

BIANCA

Bianca, 28 anos, tem um bebê de três meses e na época da entrevista estava um pouco afastada da Universidade. Para ela estar longe da UFV significa estar distante do laboratório, para tomar conta do filho. É casada com Bruno, que também é estudante de doutorado na UFV. São colegas de profissão e de departamento. A entrevista com Bianca foi a única em que o marido Bruno participou ativamente. Ela é uma pessoa bastante calada e no decorrer da entrevista falou pouco. Bruno procura referir-se sempre em “nós”, falando sempre na primeira pessoa do plural.

A idéia de seguir carreira acadêmica foi uma opção viável para depois da formatura de ambos. Dessa forma poderiam ter uma ocupação remunerada e aliar uma melhor qualificação profissional. Acham que, se tivessem encontrado um emprego logo, não teriam vindo para Viçosa.

Conheceram-se na faculdade. São do Nordeste e fizeram faculdade na UFRN. Ambos fizeram iniciação científica²¹. Assim que terminaram a graduação se inscreveram para fazer mestrado em três universidades. Em uma delas ambos passaram, mas nenhum teria direito à bolsa. Em outra, os dois passaram com bolsa, mas a universidade não era muito conceituada, e optaram por não fazer o curso.

Apenas Bruno conseguiu a vaga na UFV. Tiveram muita dificuldade em fazer essa escolha, pois estavam pensando em ficar juntos e não seria bom e justo para o casal que apenas um estudasse. Fizeram alguns contatos com professores e resolveram vir para Viçosa assim mesmo. Bianca conseguiu através de um professor fazer disciplinas como aluna especial e montar um experimento. Depois de um semestre começou o curso também. Não se arrependem de terem escolhido esse caminho, pois consideram o curso muito bom e bastante reconhecido. A idéia da fama e reconhecimento da UFV é bastante enfatizada, além da necessidade de obtenção de bolsa. Note-se que este casal é um dos mais novos em relação à faixa etária e ao ciclo de vida, e a pós-graduação também viabilizou o início da construção da vida de casal.

Quanto ao mestrado, Bianca relatou que teve muitos problemas com o experimento e atrasou a defesa um semestre. Fica emocionada ao lembrar dessa época, pois foi uma fase muito difícil, ficou muito deprimida e sua mãe veio para Viçosa ajudá-la a ultrapassar esse período conturbado de sua vida acadêmica. Quando fez iniciação científica na graduação, trabalhava em outra área de concentração. Relatou que sempre gostou da área de solos, mas que seu currículo não era muito bom em termos de trabalhos publicados, conceitos em disciplinas e, dessa forma, nunca tinha conseguido vagas nessa área. O que chama atenção é que, ao vir a Viçosa, acaba migrando para a mesma área do marido. Talvez a pouca experiência com esse tipo de estudo tenha contribuído para as dificuldades encontradas no mestrado. A partir desse relato, foi possível refletir sobre a influência no perfil da carreira profissional relacionada com a divisão de gênero e a cultura institucional dos cursos, ou seja, será que seria possível

²¹ Iniciação científica refere-se a um período específico em que o aluno de graduação se vincula a projetos de pesquisas e desenvolve trabalhos em áreas de sua formação.

relacionar-se a maior dificuldade ou facilidade com o tipo de curso de doutorado seguido, através de separações de gênero?

Gosta do que faz, mas não tem muita vontade de ser professora; sua intenção é conseguir um emprego em alguma agência de pesquisa. Ingressou no doutorado tão logo defendeu a dissertação.

Acham o curso bem “puxado”, tem que estudar bastante. Reclamam que aqui em Viçosa o clima estudantil é de muita competição, as pessoas só conversam sobre trabalho, e isso não favorece a formação de laços de amizades:

As pessoas não são amigas apenas fazem disciplinas juntas ..e “correm o risco de ficar amigas”(ri), mas o que acontece é só ter contato na disciplina. Tem pessoas que a gente trabalha um tempo ao lado no balcão (laboratório) e não sabe nada delas [Bruno].

Ficam muito sós aqui, e isso é um motivo de descontentamento; sentem saudades dos amigos de lá. Têm poucos vínculos aqui e antes do filho nascer saíam só os dois.

O namoro de Bianca e Bruno começou na faculdade; ambos moravam em repúblicas e começaram a namorar na graduação. Estavam pensando em casar no civil e religioso, mas com a possibilidade de mudança para Viçosa isso não foi possível. Casaram aqui no cartório e na Igreja Católica. O casamento religioso foi uma cerimônia simples, só com os noivos, o padre e quatro padrinhos. O matrimônio é valorizado, e afirmam que mais importante que o civil era o casamento religioso. O casamento religioso assume a condição de sacramento e é vivenciado como condição para a vida a dois. As famílias de origem ficaram um pouco contrariadas por não estarem presentes ao casamento, mas entenderam o significado da cerimônia para eles.

A gravidez não foi planejada, embora expressassem desejo de ter filhos durante o doutorado. Bianca relatou não ter tido problemas no departamento em relação à gravidez. Estava um pouco afastada nesse momento, mas achava que conseguiria dar conta de suas atribuições de mãe e aluna de doutorado. Reforçaram a importância da experiência de serem pai e mãe aqui em Viçosa, apesar das dificuldades em lidar com um bebê recém-nascido.

O término do curso de Bruno está previsto para um ano antes de Bianca. Ele planeja conseguir uma bolsa de recém-doutor ou fazer pós-doctor para poder esperar que ela termine. Ela, por sua vez, vai tentar adiantar o máximo seu trabalho, para que se for preciso possa escrever a tese em outro lugar. Gostariam de voltar para o Nordeste

para ficar mais próximos da família e dos amigos, mas vão aonde surgirem oportunidades de emprego.

BERENICE

Berenice, 34 anos, é casada com Bóris e tem um casal de filhos. Se conheceram na UFV quando faziam mestrado. Bóris estava terminando e ela, começando o curso. Quando ele terminou, prestou concurso para professor na UFV e foi aprovado.

Berenice sempre quis seguir a carreira acadêmica. Sua idéia era fazer mestrado na UFV e doutorado na USP, mas acabou casando aqui e protelando sua formação. Nessa entrevista aparece mais explicitamente a priorização da carreira masculina em detrimento da feminina, embora ela tenha expressado o desejo de seguir carreira acadêmica “desde a quinta série do ensino fundamental”.

Quando terminou o mestrado já tinha os dois filhos. Nessa época, o marido foi fazer doutorado nos EUA, e eles o acompanharam. Por ter duas crianças pequenas, ter poucos recursos financeiros, Berenice não teve condições de seguir estudando também. Relatou ter sido um momento muito difícil:

Obviamente que não foi fácil, no 1º ano de vida, sem ser mestranda, sem ser estudante de doutorado, nem nada, foi muito difícil. Eu me senti inútil e com uma auto cobrança gigantesca. Mas com o tempo, eu li muita coisa pertinente ao assunto, com relação as mulheres que param de trabalhar um tempo, encontrei pessoas que tinham também a mesma situação que eu. A gente cria aquele grupo de apoio, e eu consegui, no final dos quatro anos eu tava achando uma maravilha. Eu falava assim, é uma benção eu poder ter essa experiência de quatro anos como mãe e me dedicar à família mesmo, porque eu tinha certeza que a partir do momento que eu voltasse a fazer uma pós-graduação, a minha vida como esposa, dona de casa e mãe seria muito mexida, e realmente foi a que aconteceu.

Berenice apresenta uma argumentação bem articulada sobre as dificuldades encontradas pelas mulheres no mundo acadêmico, principalmente as casadas. Teve contato com muitas pessoas, que também interromperam sua trajetória para acompanhar o marido no curso:

É muito complicado, então, realmente eu acho que o mundo de pós-graduação, o mundo acadêmico científico, ele é machista, ele é preconceituoso, não porque os homens são machistas, porque eu acho que até os homens nem tanto, mas a estrutura faz com que você não possa se dedicar tanto à família quanto à pesquisa.

Retornaram a Viçosa no ano passado, e Berenice disse que tiveram dificuldades de readaptação, tanto em relação à cidade quanto aos problemas que enfrentam os pesquisadores no Brasil (falta de recursos, infra-estrutura etc.). Relatou que os filhos sofreram bastante, mas que aos poucos foram superando os problemas. Pretendem fazer pós-doutorado, daqui a mais um tempo, novamente nos EUA. Porém, dessa vez, Berenice pretende fazer um curso também.

Retoma seu projeto acadêmico em 2003, ingressando no doutorado. Tem ainda muitas dúvidas em relação ao seu futuro profissional, pois, como atualmente é residente em Viçosa, acha que não terá muitas chances de ser absorvida no mercado de trabalho, que é restrito e prioriza pessoas mais jovens:

Se a mulher, se a gente quer seguir a vida acadêmica, de fazer mestrado e pós-graduação e investir na carreira acadêmica tem que ter paciência, ainda mais quando você é casada e tem filho. Às vezes eu me pego em conflito: poxa eu to tenho trinta e quatro anos e ainda to fazendo doutorado, tem menina de vinte e oito terminando o doutorado.

Sua fala tem um tom de indignação e inconformidade das “injustiças” do mundo acadêmico em relação às mulheres que optam por ter família e acompanhar o marido. Acha que em sua área existe preconceito em relação às mulheres. Acredita que é tão capaz como qualquer homem, mas as mulheres precisam ser mais flexíveis, no sentido de conciliar o papel de esposa e mãe com a carreira científica. Embora tenha muitos argumentos, em momento algum questiona a “obrigatoriedade” da maternidade. Acredita que a necessidade de flexibilização de horários, aliada à necessidade de investimento na vida familiar, pode dificultar a inserção das mulheres no meio acadêmico, mas não problematiza esse papel culturalmente construído para as mulheres.

BÁRBARA

Bárbara tem 32 anos e vive em união estável com Bernardo há quatro anos. Em 2000 vieram para Viçosa fazer o doutorado na UFV e resolveram morar juntos. Cursaram mestrado na UFSM e se inscreveram para fazer doutorado em uma universidade de São Paulo e em Viçosa. Bárbara conseguiu a vaga em São Paulo, e Bernardo não foi selecionado. Decidiram ficar na UFV porque ambos tinham a chance de fazer o curso e ficar juntos. Ela relatou ter sido uma época muito difícil, pois não tinha a garantia de vir e ter bolsa de estudos e havia ouvido alguns comentários sobre a UFV não muito satisfatórios em relação ao sistema de ensino e a dificuldade de

relacionamento entre professores e alunos. Entretanto, em sua decisão pesou o fato de terem sempre sabido do bom conceito da Universidade na Capes. Não nega a repercussão positiva de ter um diploma da UFV, mas Bárbara foi a única informante que questiona a “fama” da UFV e traz a tona aspectos negativos de forma articulada.

Relatou que o início do curso foi muito ruim, tiveram muitas dificuldades e pouco apoio do departamento em termos de orientação sobre quais disciplinas fazer e sobre procedimentos no departamento. Bárbara critica veementemente o sistema de ensino da Universidade, achando que o fato de os professores priorizarem a prova e notas não favorece o conhecimento e sim a reprodução de conteúdos.

Desde que chegaram aqui não gostaram muito da cidade, mas acabaram se acostumando. Acha que a infra-estrutura já melhorou. Tiveram algumas dificuldades com moradia, mas depois se organizaram melhor.

Seu círculo de amizades é maior entre as pessoas oriundas do Sul do país. No início costumavam se reunir, mas disse que não tinha muito tempo, pois precisavam estudar muito. No departamento sempre tiveram bons colegas, mas Bárbara reclama um pouco da falta de mulheres em seu curso, pois se sentia um pouco sozinha e com saudades das amigas do mestrado:

tinha disciplinas que só tinha eu de mulher, só colegas homens não é a mesma coisa, você se relaciona mas não é a mesma coisa, com mulher assim na intimidade você acaba tendo com uma amiga mesmo e é aquela coisa que eu falei que namoro a distância é complicado e amizade também, porque no início você acaba ligando, só que com o tempo vai esfriando, claro que a amizade continua, mas você não liga mais com aquela frequência; o telefone não substitui um diálogo.

Bárbara faz Engenharia Agrícola, e esse curso ainda é um reduto masculino significativo na Universidade. A entrada de mulheres está acontecendo de forma gradual, mas acredita que as alunas enfrentam dificuldades de inserção devido ao preconceito em relação à área de atuação. Ela não relatou ter sofrido discriminação explícita, embora se sinta um pouco isolada do resto do grupo.

Fala muito das dificuldades enfrentadas pelo sistema da UFV e, às vezes, pensa que teria sido melhor ir para São Paulo mesmo sozinha, embora achasse que a experiência com Bernardo fosse muito boa:

se alguém dissesse para mim começa de novo, eu acho que não, eu ia tentar outra cidade e universidade de repente Botucatu em SP mesmo sozinha, se você me perguntar se, e acho que vai perguntar, -te arrependeu? às vezes o pessoal pergunta – a mais ai? eu me faço esta pergunta.... será se tivesse ido para Botucatu não seria melhor? Eu tenho certeza que eu já estaria com

minha tese pronta, eu tenho certeza que lá eu teria sofrido muito menos nesse primeiro semestre que a gente sofreu aqui, já estaria com minha tese mais adiantada só que para outro lado, eu procuro não pensar assim, eu sou muito do tipo assim se você escolher o caminho você tem que seguir ele venha o que vier você tem que enfrentar até o fim, então, assim tem coisas boas aqui também, você acaba desenvolvendo outras coisas.

O relacionamento amoroso ocupa um lugar secundário em sua vida. Acha importante ter a experiência de morar junto, mas não sabe se vai ser pra sempre. Demonstra sentimentos ambíguos em relação a Bernardo. Questiona sua decisão, mas ao mesmo tempo acha importante a vivência a dois:

eu sempre falo para minhas colegas que a gente está num estágio probatório, é como emprego que tem seis meses de experiência então a gente está vendo se um aceita o outro depois do estágio, acho que todo casal deveria fazer isso, o pessoal mais religioso não concorda muito, acha que casamento é sagrado, eu não concordo, eu acho assim que é mais assim uma coisa burocrática.

Diferentemente de Bianca e de outras mulheres que colocam a necessidade do casamento religioso e o significado simbólico da cerimônia, Bárbara tem opinião oposta, sugerindo que o casamento seja apenas uma obrigação burocrática. Sempre colocou metas em sua vida, teve outros relacionamentos afetivos, mas o investimento nos estudos sempre foi priorizado. Não abre mão de trabalhar, acha que seria uma injustiça não aproveitar todo o investimento feito. Gostaria que pudessem encontrar emprego no mesmo lugar, mas vai trabalhar onde as oportunidades surgirem.

Ele vai para um lugar esta procurando emprego para você lá, só que se eu consigo um emprego para mim é ótimo, eu não sou uma pessoa que abre mão das minhas coisas para de repente ir para a mesma cidade que ele e não conseguir nada, eu acho assim tamanha injustiça tanto tempo se preparando para não produzir alguma coisa, não me sentir útil, não sei o que vai ser daqui para frente, mas eu penso assim, não dá para parar em função do outro.

Embora tenha optado pela vinda à UFV, Bárbara demonstra uma contradição em relação à vida afetiva e acadêmica. Diz priorizar a inserção profissional, mas no momento de escolha da Universidade opta por ficar na cidade onde o namorado pudesse acompanhá-la. Vive essa contradição de modo intenso, embora tente minimizar o sofrimento diante da escolha e dos caminhos a serem trilhados no futuro próximo.

Preferia voltar para a Região Sul, mas nesse momento quer ter um emprego fixo, parar de viver como bolsista. Pretende ter filhos, mas quer estar mais estabilizada profissionalmente:

eu quero ter meus filhos ,eu sonho com isso assim, mas acho que toda mulher, acho que não tem aquela que pensa em não ter, eu não quero ser daquele tipo de mulher ,a vida pessoal é muito importante mas tem hora que você tem que deixar um pouquinho de lado e investir num projeto mais pessoal.Tem algumas mulheres que a gente vê, assim principalmente professoras da universidade acaba se envolvendo tanto no negócio que os anos vão passando e quando vão ver não há mais tempo, eu não quero cometer esse erro, tem que sobrar um tempo para esse tipo de coisa.

Embora transpareça certa independência, deixa claro que a busca por qualificação profissional e com ela a estabilidade financeira não seriam completas sem a perspectiva da maternidade. Mulheres que não têm filhos e por opção investem na carreira não têm o mesmo “status”. Parece impensável que uma mulher possa não querer ter filhos. Dessa forma, a maternidade naturalizada é reproduzida e deve ser sempre mais valorizada que a carreira.

A estada em Viçosa foi marcada por mudanças significativas em suas vidas, pois ambos perderam familiares nesse período. Bárbara acha que o fato de eles estarem juntos ajudou-os a enfrentar essa fase. Durante toda a entrevista, apontou para contradições, não dá tanta importância ao relacionamento, mas ao mesmo tempo opta por permanecer na UFV por causa de Bernardo.

BRUNA

Bruna, 33 anos, é casada com Basílio e tem quatro filhos. Se conheceram quando faziam graduação. Moraram em Viçosa há 10 anos e faziam mestrado na UFV. Na época já tinham duas filhas nascidas nessa cidade. Disse que gostou muito de morar aqui, gostou do curso e das pessoas que conheceu, e essa foi uma das razões de querer retornar para o doutorado.

Depois do mestrado voltaram para o Nordeste. Tiveram alguns empregos e, depois de algum tempo, fizeram concurso para uma escola agrícola de ensino médio em Alagoas. Ambos são professores e optaram por fazer doutorado com o intuito de ampliar as possibilidades de emprego. A opção por Viçosa foi a única possível para que eles pudessem vir com a família toda, já que são de áreas diferentes e dessa forma a opção por Viçosa foi a única possível, uma vez que não abririam mão de manter a família imediata unida. A mudança foi tranquila, a adaptação dos filhos também; “as crianças sentem falta da praia e de divertimento de forma geral”. Tiveram mais uma filha no Nordeste e mais um menino aqui durante o doutorado.

Bruna acha que a competição aumentou muito nesse período, fato que não sentia no mestrado. Mudou de área de atuação e, conseqüentemente, de departamento. Acredita que a competição tornou-se maior em função da falta de emprego e do aumento de estudantes nos cursos de pós-graduação. Disse ter se adaptado bem à cidade e à vida em Viçosa, achando que a cidade oferece qualidade de vida se comparada a muitas do Nordeste. Todavia, considera que a periferia aumentou muito e que a cidade não acompanha a Universidade, não tendo políticas públicas que supram essa carência. Sente-se uma pessoa aberta a novidades e que gostou muito de morar em lugares diferentes, conhecer novas culturas, hábitos.

Se consideram caseiros com um ritmo de vida muito diferente da maioria dos colegas, que são solteiros, sem filhos. Tendem a se relacionar com pais de colegas das filhas e alguns amigos da época do mestrado que moram aqui. No lugar de origem tinham um grupo de amigos ligados à Igreja Católica.

Bruna não tinha intenção de ser professora. Sua mãe, que é proprietária de uma escola, queria que ela fizesse Pedagogia para ajudá-la, mas Bruna não quis. Depois, por circunstâncias da vida, acabou indo para a docência:

praga de mãe pega! (rindo).

Os familiares orgulham-se muito com o fato de eles estarem fazendo pós-graduação, mas fala da mãe dela em especial:

E minha mãe gosta mais ainda quando fala: minha filha faz doutorado e tem quatro filhos.

Em relação ao fato de ser doutoranda e ter quatro filhos, acha que não é tão difícil como a maioria pensa, mas tenta organizar a vida deles fazendo um pouco de cada coisa. Conta com a ajuda de uma pessoa que faz o trabalho de casa. Mais uma vez fica claro que cabe à mulher organizar a vida para poder conciliar a vida acadêmica com a vida familiar. Outra questão importante e recorrente nas entrevistadas é o lugar que o curso de doutorado e a conseqüente qualificação ocupam na estrutura de classe nesse segmento social. A importância da qualificação via curso de doutorado é recorrente nas entrevistas e confirma a influência que o saber escolarizado assume na vida das pessoas envolvidas e das famílias de origem.

Não considera o doutorado a coisa mais importante de sua vida. Dá importância ao trabalho, mas não o coloca em primeiro plano:

se você for me perguntar se o doutorado é a coisa mais importante da minha vida hoje, não é, eu faço doutorado, como eu cuido dos meus filhos, da minha casa, pra mim tem o mesmo peso. A minha religião, a minha família e o meu doutorado é a mesma importância pra mim.

Ao mesmo tempo minimiza o esforço em conciliar as exigências acadêmicas com outras questões importantes em sua vida.

Nota-se que o grupo “B” tem características em comum, entretanto apresenta um contexto menos igualitário que as integrantes do grupo anterior. Embora tenha sido categorizado como grupo de projetos de casal, é possível notar que os projetos acadêmicos dos homens ou mesmo o projeto da família se sobreponham em alguns momentos aos projetos femininos.

A seguir, apresenta-se o grupo “C” entendido como o grupo onde as mulheres acompanham e se vinculam ao projeto masculino.

4.3. Composição social das informantes grupo C – Projeto acadêmico masculino

Nome/ Marido	Idade	Curso	Nº de Filhos	Estado Civil	Local de Origem	Vínculo Empregatício
Carla/ Cesar	28 anos	Entomologia	Grávida do primeiro	União estável	Mato Grosso do Sul	Não
Camila/ Cláudio	30 anos	Fitotecnia	2	Casada	Minas Gerais	Não
Carolina/ Cristiano	26 anos	Graduação em Agronomia	0	Casada	Paraíba	Não

CARLA

Carla tem 29 anos, namorava César desde quando estava no final do ensino médio. Ele fez graduação e mestrado em Dourados. Depois de formada, Carla tentou mestrado também em Campo Grande, mas não conseguiu a vaga.

Depois de formada, trabalhou um ano como professora no ensino médio e, quando decidiram vir para Viçosa, ela trabalhava como funcionária da universidade. O casamento estava marcado para o final do ano 2000, quando surgiu a possibilidade de ele vir para Viçosa fazer doutorado na UFV:

Eu tava trabalhando, pedi demissão, a gente juntou as migalhinhas pra gente poder vir pra cá, porque é muito longe, caro pra vir, chegar aqui alugar alguma coisa, comprar que seja um colchão, um fogão e uma geladeira. E se manter no período que ele ficasse sem bolsa.

Carla descreve os primeiros tempos como tendo sido muito difíceis para ela. Largou o emprego, não tinha ocupação na cidade nova e, dessa forma, detestou viver a vida em Viçosa, bem como os lugares e pessoas:

Foi horroroso, seis meses que eu fiquei aqui naquele final de ano que eu fiquei, foi horrível pra mim, porque, eu não conhecia ninguém, mas ninguém, ninguém mesmo. Nem o vizinho do lado do apartamento, nem de cumprimentar. Então foi muito difícil, teve vezes assim, que eu chorava, queria ir embora, queria ver pessoas que eu conhecia, sentia falta. Não tem nada familiar aqui do que eu vivo lá. E o César sempre estudando, uma correria danada, não tinha muito tempo, quase não conversava, porque tava assim, uma loucura de fazer as disciplinas. Só que no final desse ano que eu conversei com um professor daqui, do departamento, que eu queria fazer um estágio com ele, pra poder trabalhar com ele no curso, se eu passasse no mestrado, e aí ele me aceitou. Então no começo do ano, já em janeiro, ele voltando das férias, eu comecei a estagiar com ele e comecei a fazer disciplina como aluna especial.

A partir de sua inserção na UFV, começou a gostar mais de Viçosa, embora tenha muitas críticas quanto à forma como os estudantes são tratados aqui. Acredita que as pessoas da cidade não dão confiança para estudante. Para ela, não estabelecem relações de confiança com eles e não procuram facilitar as coisas para quem é estudante. Crê que, pelo fato de Viçosa ser uma cidade que congregue um grande número de pessoas, os nativos não têm preocupação em tratar bem os forasteiros. Sua percepção é diferente de Alba, por exemplo, que considera a comunidade acadêmica “dona” da cidade. Apesar de a Carla ter dito que aprendeu a conviver com isso, mas não gosta daqui, em nenhum momento ela problematizou a sua inserção e o convívio com as pessoas da cidade.

Acabou. Defendeu a dissertação de mestrado em 2003 e logo iniciou o doutorado no mesmo departamento. Nessa época, ficou grávida. Já estavam planejando um filho, mas esperavam que fosse mais no final do ano. Ficou muito apreensiva com a reação de seu orientador e ainda muito preocupada com sua situação no curso quando o bebê nascesse:

Meu orientador foi a única pessoa pra quem eu contei, morrendo de medo. Foi como chegar pra um pai e dizer: pai estou grávida. Foi horrível, mas ele ficou super tranquilo, ficou super contente. Então, assim, eu fico com receio, mas eu sei que é complicado, você fazer um doutorado aí, qualquer pós-

graduação, pelo fato de tempo, vou ter que me desdobrar, já tenho minhas funções de estudante, esposa, que eu tenho a minha casa, faço tudo em casa, tenho filho. Eu sei que meu marido é 100%, ele me ajuda fazer tudo pela metade, eu não faço as coisas sozinha. Mas vai diminuir ainda mais o meu tempo, vou ficar mais sobrecarregada. Eu sei desse fato, e assim, a impressão que eu tenho é que eles podem se preocupar também com essa relação de tempo, e talvez pensar que eu possa atrasar meu curso, e eu não queria passar essa impressão.

A gravidez é experimentada com um momento repleto de conflitos e contradições. O medo de que sua situação seja apontada como causa de um possível atraso nos compromissos firmados é responsável pela idéia de não usufruir do direito assegurado por lei às mulheres lactantes. Tal receio pode ser entendido como mais uma forma de discriminação vivenciada por mulheres em espaços tipicamente masculinos, onde as relações assimétricas de gênero são fortemente marcadas. A naturalização de papéis e atribuições femininas são reproduzidos em seu discurso quando pontua a necessidade de se desdobrar para atender às demandas da casa, do filho e da carreira. O fato de seguir carreira profissional não liberta as mulheres em nada de esquemas pre-estabelecidos em relação às atribuições tidas como essencialmente femininas.

Sente falta dos amigos que ficaram em seu local de origem, pois tinham vínculos fortes de amizade e companheirismo. Assim como Aline e outras entrevistadas, acha difícil ter amigos em Viçosa, pois quando encontra algum logo vai embora; existem poucas opções de lazer, e também acha o clima estudantil muito competitivo, tendo muita dificuldade em conviver com a competição.

Ela e o marido pretendem voltar para o Centro-Oeste e se estabilizar por lá, mas têm consciência de que irão onde as oportunidades de emprego estiverem. Carla não tinha planejado seguir carreira acadêmica, mas acha que tiveram sorte de as coisas irem se encaminhando dessa maneira:

A gente batalhou mesmo, tivemos sorte, passou numa federal. Quando você é pobre, você faz tudo pra conseguir, pra estar sempre melhorando. Então assim, tanto a minha família, quanto a dele, são pessoas que trabalham pra sobreviver, não têm renda.

Mais uma vez aparece na pesquisa a importância fundamental atribuída à formação acadêmica realizada em universidade federal. Essa passagem pelos bancos escolares da UFV assume formas de distinção social valorizadas pelo grupo de referência na hierarquia de classe. Outra alusão referida nas entrevistas diz respeito à origem social das entrevistadas e à busca por ascensão social via formação acadêmica.

Valoriza muito a experiência de vida adquirida com a mudança para cá e acredita que agora poderá enfrentar qualquer outra mudança sem medo:

Eu sempre fui metida a independente, mas assim, quando eu sai de lá e vim pra cá, aí eu me senti assim, principalmente agora que estou sozinha, tem uma semana que o César ta viajando, eu nunca tinha ficado sozinha na minha vida, eu nunca tinha saído da casa dos meus pais pra morar fora. Então assim, eu sai de casa, já com vinte e sete anos nas costas, já madura, digamos assim, mas sem ter experiência de vida de nada, foi difícil, eu tive que aprender muita coisa, superar muita coisa, a falta da família e ir levando.(...) Mas se eu tiver que sair daqui hoje, eu estou extremamente tranquila, porque, eu sei que pra onde eu for, eu vou conseguir me estabelecer. Esse medo de ficar sem rumo e direção, eu não tenho mais.

A vivência fora da família de origem possibilitou à Carla a conquista de autonomia antes nunca vislumbrada.

CAMILA

Camila, 28 anos, é casada com Cláudio e tem dois filhos. Moravam na mesma cidade no interior de Minas e namoravam desde a adolescência. Cláudio fez faculdade durante um período na cidade, mas quis trocar de curso e foi para o Triângulo Mineiro fazer Zootecnia.

Camila se acha muito dependente do marido e da família de origem, às vezes chega a dizer que tem consciência de que seu comportamento é doentio. A escolha da profissão sofreu forte influência do namorado/marido; estudou na mesma universidade de Cláudio, pois não queria ficar longe dele. Tinha intenção de mudar de curso, mas nunca teve oportunidade, pois não abria mão de voltar para “casa” dos pais nas férias e, dessa maneira, nunca prestou novo vestibular.

Na época de graduação teve dificuldade em convencer os pais de deixá-la morar sozinha em outra cidade. Ficou grávida de Cláudio enquanto estava na faculdade, e o caminho “natural” foi o casamento. O marido fez mestrado na mesma universidade e depois foi trabalhar no interior, mas não se adaptou e decidiu fazer doutorado em Viçosa. A princípio, Camila e os filhos não viriam, mas depois de uma semana ela disse que não agüentava ficar longe dele e decidiu se mudar com as crianças. As mudanças de cidade sempre foram vinculadas à opção de Cláudio, e Camila sempre o acompanha.

Trabalhava na prefeitura de sua cidade, pediu demissão e veio para Viçosa. Disse que detestou ficar aqui; os filhos iam para a escola e ela não tinha o que fazer. Durante a entrevista sempre reforça a sua ligação com o marido e a família de origem.

Nota-se que em momento algum Camila questiona a decisão de abandonar o emprego para acompanhar o cônjuge. A literatura aponta para o fato de as mulheres serem muito mais propensas a abandonar suas atividades em detrimento do projeto de seus maridos.

No final de um semestre em Viçosa e por insistência de Cláudio, ela decide procurar um professor, e este ficou interessado em orientá-la caso fosse aprovada no mestrado. Começou a fazer o curso e melhorou um pouco da depressão de que disse ter sido acometida, inclusive com a ajuda de antidepressivos.

Acha o clima da UFV muito competitivo e se incomoda com isso. Depois do término do mestrado pensou em parar, mas seu pai e Cláudio aconselharam-na a continuar, e ela se inscreveu para o doutorado, embora sempre questione essa decisão.

Ainda agora eu questiono a carreira de fazer mestrado, doutorado, não sei se é isso que eu deveria fazer...é muito sofrimento...meus filhos ficam muito sozinhos.

Novamente é possível notar a influência das figuras masculinas em suas escolhas. Camila mostra-se com dificuldade de tomar atitudes que busquem autonomia em suas decisões. Até certo ponto, pode-se pensar que ela seja imatura.

Na época da entrevista, Camila estava sozinha com os filhos e muito ansiosa com essa situação. Cláudio passaria o segundo semestre em sua cidade fazendo o experimento relativo à sua tese de doutorado. Esse fato causou muito desconforto para Camila, pois não tolera ficar longe do marido e da família. Nunca conseguiu ficar sozinha, e estava sendo muito difícil, inclusive assumindo que suas respostas poderiam ser diferentes se o contexto fosse outro:

Se você viesse aqui fazer a entrevista na época e que o Cláudio estivesse talvez minhas respostas seriam outras.

Relatou que agora no doutorado não quer estudar tanto, pois acha que não vale a pena. Refere-se ao fato de sempre querer tirar notas boas e que agora no doutorado não dará mais importância a essa questão. Acredita ter ficado um pouco doente de tanto estudar; sua vida era de casa para a UFV e vice-versa. Agora quer se dedicar um pouco mais aos filhos e a ela mesma. Ao longo da entrevista, Camila questiona a validade do investimento em sua carreira em detrimento dos cuidados aos filhos. Parece viver o dilema típico entre a maternidade e o investimento em si mesma, confirmando, dessa

maneira, o sofrimento entendido como doença ao ter atitudes que desviam do modelo de mulher e de mãe naturalizados e reproduzidos na sociedade .

Contou que não tem muitos amigos e que teve uma grande amizade no departamento, mas essa colega já foi embora. Outra vez aparece a dificuldade em estabelecer vínculos duradouros na cidade. Tudo parece ser passageiro, e tal dificuldade não é incomum em muitas pessoas, por terem a percepção e o entendimento de Viçosa como um lugar de passagem; não procuram estabelecer vínculos além da família imediata. Sente muita saudade de sua cidade e seus familiares. Comentou que o momento mais feliz dela aqui em Viçosa é quando entra no carro para ir embora. A experiência em Viçosa é repleta de conflitos, e na maioria das vezes não consegue ver aspectos positivos em nenhuma situação. E percebe-se que sua relação com a cidade e as exigências da carreira acadêmica são expressas por sofrimento e doença, que estão presentes em seu relato, aumentando o drama vivido por ela.

Camila quando veio para Viçosa trouxe uma pessoa que trabalhava na casa de sua mãe para auxiliá-la na casa e com as crianças. Essa pessoa morava com eles, casou, ficou grávida e estava de licença na época da entrevista. Disse que trouxe outra pessoa para ficar no lugar dela, pois não confia em ninguém da cidade.

Seus filhos já se adaptaram à escola, mas sentem muita falta dos avós. Camila disse que, se ela está ansiosa, eles ficam ansiosos também, por isso tenta se controlar. O vínculo entre os filhos e ela é percebido de forma visceral. As crianças solicitam bastante sua presença. Moram em um apartamento pequeno e o computador de trabalho fica no quarto de casal:

Quando o Cláudio tinha que estudar, ele se fechava nesse quarto e tchau..., os meninos batiam na porta e ele não respondia, então era tudo comigo eu procurava suprir essa carência...mas quando era eu que tinha que estudar, não adiantava o pai...ele até tentava, mas a casa caía, eles botavam o apartamento de cabeça pra baixo. Menino quando quer a mãe...não adianta...pode vir o bispo que tem que ser a mãe.

A importância da relação entre mãe e filho se remete a aspectos entendidos como inerentes da condição feminina e assume proporções dramáticas na vida de cada uma das entrevistadas que vivenciam tal situação. No caso especificamente de Camila, aparece a necessidade de a mãe cuidar para que o andamento das rotinas familiares e domésticas não atrapalhe o desempenho acadêmico do marido.

Está tentando adiantar seu trabalho para poder acompanhar o marido, já que ele termina o doutorado bem antes dela. Não pensa na possibilidade de ficar sozinha aqui.

Demonstra certa ambigüidade em relação ao período que está longe do marido. Acredita que está aprendendo a reconhecer sua capacidade de se ver independente da presença de Cláudio, embora ainda com muitos conflitos:

Eu rezo muito, peço perdão a Deus por ter pensamentos ruins de querer embora. Me acho privilegiada em poder estudar... mas peço perdão sempre por querer desisti, ser fraca e achar as coisas difíceis.

Diante desse relato, é possível perceber a gama de situações contraditórias experimentadas por Camila. Busca, através da religiosidade, um alento para suas dúvidas e sentimentos antagônicos em relação a suas escolhas e à sua pretensa fraqueza. É possível pensar que essas situações são vivenciadas de maneira diferente em cada um dos casos relatados, mas o que fica claro é que as mulheres parecem estar mais propensas a questões referentes à conciliação entre família e carreira. Assumem para si a “obrigação” com os filhos. Espera-se das mulheres essa atitude protetora, sendo esta constitutiva na construção do sujeito social, não o sujeito para si, mas o sujeito para o outro.

CAROLINA

Carolina tem 26 anos, é casada com Cristiano há três anos e meio, embora tenham sido namorados mais de seis anos. É a mais nova entre as informantes. Sua inserção na pesquisa deveu-se ao fato de ter sido a “entrevista-piloto” e por seu relato ter trazido alguns pontos significativos para o trabalho em questão.

A vinda do casal para Viçosa está relacionada ao projeto de doutorado de Cristiano. Ela fazia graduação no Nordeste na mesma universidade que ele fez graduação e mestrado.

Quando eram adolescentes, moravam na mesma cidade, tiveram um rápido namoro e depois de certo tempo de separação voltaram a se relacionar, porém dessa vez estabelecendo um vínculo mais sério e duradouro. Cristiano fez vestibular e foi morar em outra cidade. Ela fez vestibular para Psicologia na capital do estado, mas não obteve a vaga. Gostaria de ter tentado novamente, mas teria que morar com um tio muito rígido e então preferiu não ir. Na época pensou em fazer Agronomia na cidade em que Cristiano morava, mas o pai não concordou com o fato de ela morar sozinha e, ainda por cima, na mesma cidade do namorado.

Meu pai ficou cheio de coisa, criação, criação do interior mais rígida, muito embora eu também não queria passar por cima da palavra de meu pai, não era minha intenção ...e fiquei esperando. Acomodei, acho que é comodismo, porque quando a gente quer, a gente corre atrás, aí entrei na faculdade um pouco mais tarde.

Mostra obediência e resignação diante da opinião do pai abrindo mão de sua vontade. É possível perceber a dificuldade de algumas filhas mulheres se contraporem à vontade paterna tida como legítima e inquestionável.

Após a formatura, Cristiano ingressou no mestrado, e então resolveram se casar. Nessa época, Carolina entrou na faculdade e frequentou o curso durante um período de tempo na cidade onde moravam. Depois vem para Viçosa acompanhar o marido, na condição de esposa, que estava fazendo doutorado. Cristiano ficou nove meses sozinho antes de ela vir para Viçosa. Argumentou que tiveram que esperar um tempo em função da greve ocorrida na UFV, além do término do período letivo e, principalmente, da falta de recursos financeiros para que ambos pudessem se estabelecer na cidade, já que Cristiano ficou alguns meses aguardando a bolsa de estudos.

Carolina gosta da cidade, embora tenha sofrido muito no início, não conhecia ninguém, sentia muita falta da família e dos amigos. Às vezes, questiona sua decisão de mudar de curso e mudar a vida de forma geral:

Eu fiz isso pelo mesmo motivo de ter vindo pra aqui, pra Viçosa. Eu sou muito apegada com a minha família, até dos meus cachorros eu sinto falta. Foi por causa do Cristiano, acho que foi o amor mesmo, assim... e as vezes, eu até me arrependo uma raivinha que eu tenho dentro de mim mesmo, eu arrependo, porque eu penso assim, eu devia estar fazendo alguma coisa que eu goste... eu gosto de agronomia, mas uma coisa que eu tinha vontade de fazer é psicologia, mas futuramente, eu ainda posso partir pra esse lado, mas eu gosto de agronomia também. Então foi por isso, o melhor que tinha pra gente ficar junto, só tinha agronomia, lá na cidade.

Carolina mostrou certa ambigüidade ao falar de suas escolhas. Atribui ao amor que sente por Cristiano às opções tomadas, mas logo em seguida minimiza a raiva que sente. A escolha amorosa suplanta as aspirações pessoais, e em alguns momentos surgem sentimentos antagônicos diante dessa escolha. O casamento e o amor baseados na escolha individual são englobados do sentimento e aspiração pessoal.

Ao chegar a Viçosa, fez disciplinas como “aluna especial” e depois conseguiu ingressar formalmente na Universidade. Faz iniciação científica e pretende cursar o mestrado aqui. Não sabe como será sua vida depois da formatura, pois se sente vinculada às opções oferecidas à carreira do marido.

Valoriza a experiência obtida na pesquisa de iniciação científica em razão de “gostar de ter uma independenzinha” financeira, aliada à possibilidade de melhorar o currículo e aumentar a auto-estima, que não é muito alta – será proporcionada pela aprovação no processo seletivo. A escolha da área dentro do curso também foi direcionada por influência do marido, uma vez que atua na mesma área de concentração em que Cristiano faz o curso de pós-graduação.

Considera-se uma pessoa muito comunicativa, que conversa bastante com todos e diz que a vida está boa em Viçosa, pois ela é conformada com as coisas que são postas em sua vida.

Acha que o marido é muito diferente dela, mas acredita que as diferenças entre eles completam o casal. Tem auxílio de uma faxineira uma vez por semana e nos outros dias é responsável pela rotina da casa. Diz que o marido ajuda sempre que possível:

Pra ajudar é tranquilo, a gente decide na medida do possível, assim bem democrático. A gente decide tudo, um consultando o outro, só quando eu quero comprar uma coisa que ele não gosta, eu vou e compro sozinha. Cristiano tem isso, às vezes, ele acha que o que é prioritário é o que ele pensa, às vezes, eu tenho uma coisa que é bem... assim, super necessário pra gente e eu às vezes faço. Ele diz: porque você fez isso? Não me pergunta as vezes fica aborrecido ele diz que eu quero ser muito independente, eu sempre digo assim: comprei com o meu dinheiro.

Percebe-se certa contradição no relato de Carolina, pois, ao mesmo tempo que diz ter uma relação democrática com o marido, apresenta fatos que indicam exatamente o contrário, ou seja, uma relação hierárquica e fundamentada em padrões estereotipados de masculino e feminino. Carolina gosta da vida de casada, valoriza o vínculo afetivo, mas gostaria de ter mais independência financeira e, conseqüentemente, mais autonomia:

Eu gosto de ser presa a ele, mas pro lado financeiro eu não gosto mesmo, se eu pudesse assim, até um grão de feijão que comesse dentro de casa, eu dividiria. Acho que eu li demais, li muita revista, muito livro de mulher independente, essas coisas, mas não totalmente, esse lado de relacionamento eu gosto, da coisa do casal. Eu queria que Cristiano tivesse a cabeça mais aberta pra esse tipo de coisa. Às vezes, eu to precisando de alguma coisa, ele diz: o que é que custa você me pedir? Eu digo: não quero, quando eu puder, eu compro. Porque eu sei também que, às vezes, ele não tem, não pode, e eu não gosto de ficar exigindo muito dele.

Carolina e Cristiano parecem ter um casamento baseado em valores da família tradicional apresentando padrões fixos. O papel de provedor financeiro é delegado à figura masculina. Carolina comenta que ele gostaria muito de ter filhos, mas que ela

prefere engravidar após o término da graduação e do mestrado, pois conhece a exigência da UFV e, dessa forma, não poderia se dedicar ao filho como acha que deve ser.

Os depoimentos categorizados neste grupo apontam para vivências desses casais mais aproximadas a padrões tradicionais de casamento, com papéis mais rigidamente definidos.

Após a descrição dos grupos e análise dos relatos, procurou-se, na próxima parte do capítulo, fazer conexões entre aos depoimentos das informantes e as categorias teóricas elencadas.

DISCUSSÕES E ANÁLISES

Com base nos relatos é possível perceber algumas categorias de análise que perpassam os discursos das informantes. A escolha da Universidade está relacionada ao lugar que esta ocupa no mundo acadêmico nacional e internacional. Alusões à fama da UFV são recorrentes nos relatos dessas mulheres e fundamentais nas opções de formação acadêmica. A dimensão simbólica que esse fato evoca tem relação com a superação dos obstáculos enfrentados nos itinerários pessoais e familiares. A origem social dessas mulheres em segmentos populares da estrutura de classe aponta para a busca da qualificação como atributo para ascensão social e minimiza o sofrimento em relação ao deslocamento. Elas se revestem do manto da neutralidade acadêmica para conseguirem sobreviver no mundo científico, pois, para corresponderem às exigências da carreira acadêmica, minimizam as dificuldades enfrentadas no decorrer do curso.

Na gramática das informantes, pode-se perceber pontos que as aproximam, entretanto as subjetividades possuem matizes que dão a dimensão de suas singularidades. Nas entrevistas do grupo “A”, nota-se a existência da busca de qualificação individual que suplanta o casamento, ou melhor, embora todas elas coloquem que só tiveram condições de realizar o treinamento por terem o apoio do marido e dos filhos, o seu projeto acadêmico mobilizou toda a mudança do ponto de vista dos arranjos familiares, seja com mudança física da família, seja por afastamento espacial e temporal do marido. Pode-se pensar que o investimento na carreira acadêmica e profissional delas assume uma importância fundamental em suas vidas, e suas identidades estão vinculadas à vida profissional.

Esses relacionamentos podem estar inseridos em contextos mais igualitários, onde as exigências da formação acadêmica são negociadas de forma menos rígidas em relação a questões de gênero.

A prioridade de investimento no projeto individual de crescimento profissional é acompanhado e compartilhado pelo marido/companheiro, bem como pelos filhos, não acarretando necessariamente num rompimento do projeto de casal e da família. Percebe-se que no grupo estudado o projeto de ascensão social está vinculado a aspectos da vida da família. Entretanto, percebe-se também uma preponderância do projeto familiar em relação à conjugalidade.

Em termos de projeto de ascensão profissional, fica a incômoda sensação de que essa busca passa por questões meramente individuais/familiares. As preocupações com os desdobramentos sociais da formação aparecem de forma isolada e assistemática. Seria possível pensar que os trabalhos de pós-graduação em nosso país estejam tomando uma direção perigosa, no sentido de falta de compromisso com a dimensão política da aquisição de conhecimento em prol do bem-estar pessoal.

No grupo “B” foram agrupadas as mulheres cuja mudança para Viçosa fez parte de um projeto de aperfeiçoamento do casal. Nesse grupo, encontrou-se também uma diversidade de situações muito grande, em termos de ciclo de vida da família: lugar do doutorado em suas vidas, bem como encaminhamentos da vida profissional e pessoal/familiar após o término do período de doutoramento.

Nesse grupo aparecem com mais força a dificuldade encontrada por casais que não possuem vínculos profissionais definidos e a incerteza de colocação profissional para ambos como uma vivência futura possivelmente repleta de dificuldades, uma vez que isso poderia levar a que um deles tenha que abrir mão de sua carreira, ainda que momentaneamente, e que dessa forma estão mais propensos à continuidade de deslocamento em busca de estabilidade. A literatura aponta que essa situação é colocada muito mais frequentemente para as mulheres (TABAK, 2002; SCHIENBINGER, 2001; CITELLI, 2000; LOPES, 1998).

Já as entrevistadas do grupo “C” (projeto acadêmico masculino) indicaram que o casamento e a carreira afetiva são mais valorizados, e a decisão de fazer pós-graduação e seguir a carreira acadêmica aconteceu de forma circunstancial e diretamente vinculada ao marido/companheiro.

Com base nas entrevistas, é possível notar que as que migram por causa do casamento apresentam características em comum. Camila e Carolina tiveram a escolha

profissional vinculada à escolha afetiva. Ao se casarem, essas mulheres associaram suas aspirações pessoais ao próprio casamento, o que ao mesmo tempo coincidiu com a subordinação ao projeto profissional do marido. Nisso não parecem diferenciar muito do papel da esposa para quem o casamento é o principal projeto. Ambas tencionavam seguir outra carreira profissional, com áreas bem diferentes daquelas cursadas. Carla não tinha a formação acadêmica como projeto, mas como meio de alcançar uma vida melhor e constituir família. Seu depoimento acentua a mobilidade social via aquisição de capital escolar.

A importância dada à família fica evidente nos relatos. Todas as mulheres colocam que a decisão de fazer o doutorado com as mudanças envolvidas foi vivenciada como um período cheio de contradições e sentimentos antagônicos, com elevado nível de estresse de todos os membros da família e questionamentos de sua própria identidade. Apesar disso, esse período é vivido como um momento de crescimento pessoal, profissional e de experiência de vida para as pessoas envolvidas nesse processo, sejam elas filhos ou maridos.

Nos grupos B e C, a carreira dos maridos estava mais adiantada do que a das mulheres no momento do casamento, fazendo com que elas adaptassem seus próprios projetos pessoais à carreira do marido, pelo menos nos primeiros anos do casamento. Isso não significa que esse momento seja tranquilo; muito pelo contrário, pode-se configurar como vivências repletas de dificuldades, dúvidas e alguns momentos de revolta. Nota-se certo encopassamento do discurso do casal em razão de suas singularidades.

Quanto ao ciclo de vida familiar, também é possível notar que em cada fase e momento da vida dessas famílias as dificuldades são diversas: famílias sem filhos, com filhos pequenos, adolescentes e adultos, e as barreiras são decorrentes de cada fase vivenciada pelo grupo.

Outra situação bastante comum diz respeito aos cuidados com as crianças. Para um homem é completamente aceitável que se diga: vá com a sua mãe, estou trabalhando ou fazendo tese – sendo essa uma situação bastante comum, mas, se a mulher tiver a mesma atitude, ela corre um sério risco de ser acusada de negligenciar o papel de mãe e de esposa. Camila relatou uma situação muito elucidativa sobre essa questão, salientando que, quando o marido tinha que estudar, fechava-se no quarto e não se importava com mais nada; o contrário era mais difícil, e ela se obrigava a passar noites em claro para poder dar conta de seus compromissos. Nota-se que o envolvimento com

questões domésticas e com o cuidado com os filhos ocupa um espaço fundamental no gerenciamento de tempo e investimento femininos. Assim, seria possível questionar as relações supostamente mais igualitárias entre os gêneros. Embora o discurso seja esse, o que se vê na prática são atribuições específicas que remetem à hierarquia de papéis de gênero e uma sobreposição de identidades.

A relação com a cidade é marcada por momentos distintos. Nos primeiros tempos são relatadas muitas dificuldades quanto a adaptação à cidade e saudade de casa e dos amigos. É importante salientar que para as entrevistadas a “casa” simboliza o seu lugar de origem, sua família, amigos, ou seja, vínculos afetivos. Viçosa aparece como um lugar de passagem, lugar onde as amizades não são permanentes, lugar do efêmero, lugar sem raízes e onde raízes não podem ser fixadas. Algumas delas contaram com o auxílio de uma rede de amizades, seja de colegas de trabalho ou conhecidos, ao chegar e, dessa forma, tiveram maior facilidade de inserção na cidade. Essas redes são descritas como fundamentais nesse momento, porém nem sempre são mantidas, seja pelo fato do vai-e-vem de pessoas em Viçosa, ou seja, a dificuldade de estabelecer vínculos na cidade por apresentar um fluxo constante de pessoas ou, mesmo, pela falta de tempo relatada pelas estudantes. É importante ressaltar que essas redes vão se reorganizando, e aquelas pessoas que já são consideradas como inseridas no contexto da UFV e da cidade servem como ponte de contato para novos (as) estudantes que migram, estabelecendo, dessa forma, um fluxo contínuo de ajuda mútua. Ainda, pode-se pensar em um movimento que busque congregar sentimentos comuns na situação de exílio vivenciada por esse grupo.

Chama atenção o fato de as três informantes provenientes dos estados do Sul do Brasil terem uma adaptação difícil, e foram as que relataram ter maior impacto com a cidade. Referiram-se à entrada de Viçosa como uma “favela”. É possível pensar essa situação em termos de uma diferenciação regional quanto a infra-estrutura e índice de desenvolvimento humano? As identidades seriam regionalizadas e ao mesmo tempo únicas? Será que é possível admitir que exista uma identidade homogênea, um jeito de ser “mineiro”, “gaúcho” ou “baiano”? Em alguns depoimentos, as entrevistadas fazem menção a características tipicamente regionalizadas:

nos primeiros seis meses detestei todos os mineiros (Alba); escolhi vir pra cá pelo ritmo de vida, pelo estilo de vida mineiro, eu acho as pessoas mais acessíveis, não posso afirmar dizendo que paulista não seja, mas pelo que eu convivi com paulista é diferente (Aline).

A partir desses depoimentos, poder-se-ia pensar em identidades regionais que englobem outras, mesmo que de forma situacional. Ao afirmar determinada identidade regional, busca-se legitimá-la por algumas referências a características comuns e unificadoras. Nesse sentido, vê-se que a identidade é relacional; uma identidade necessita do outro para existir, e assim ela é marcada pela diferença e esta, sustentada pela exclusão. Stuart Hall, analisando o conceito de “identidade cultural”, sugeriu que, embora seja construída por meio da diferença, seu significado não é fixo ou completo. A posição desse autor enfatiza a fluidez da identidade, entretanto essas identidades possuem marcadores que as informam (HALL, 2001; SILVA, 2003).

A formação da identidade ocorre também nos níveis “local e pessoal”. Os deslocamentos produzem identidades plurais, não existindo apenas uma força determinante que molde às relações sociais, a exemplo do conceito marxista de classe social. Dessa forma, os itinerários de vida de cada uma das informantes vão dar o tom das escolhas realizadas circunscritas no campo de possibilidades colocadas a cada uma delas e levando em consideração as diferenças de gênero, etnia, escolhas sexuais e geração, além de serem profundamente marcadas pela classe social.

Ainda sobre essa questão da necessidade de marcar o lugar de origem como referência identitária, teve-se a oportunidade de observar alguns encontros “regionais” ao longo desse período. Foram dois encontros comemorativos do grupo dos oriundos de estados do Sul e outra ocasião comemorativa de uma festa tipicamente nordestina. Nesses eventos festivos havia um esforço em recriar situações conhecidas para aquele grupo, mostrando um apelo grande pela tradição que nem sempre tem visibilidade no contexto estudado. Embora tenham sido situações em que a tônica era marcar o “lugar de estrangeiros” expresso por comidas, músicas, expressões lingüísticas que só os iniciados entendiam (embora muitas vezes traduzidas aos outros com certo “ar jocoso”), não havia uma homogeneidade nesses grupos marcando a impossibilidade de uma identidade única regionalizada. Pelo fato de serem todos da mesma região, teriam que ter necessariamente afinidades e aspectos da sua trajetória em comum. A observação apontou para uma diferenciação que se estabelece de forma hierarquizada, recriando pólos particulares e “guetos” dentro desses grupos. Existe uma diferenciação marcada pela hierarquização entre universos feminino e masculino e entre campos determinados de atuação, ou seja, valorada de acordo com o “status” que cada programa de pós-graduação ocupa no universo da UFV. Uma das informantes teve a oportunidade de participar de um desses eventos e fez alguns comentários na entrevista:

(...) Gaúcho, eu vi naquele churrasco, aí me apavorei, porque achei antipaticíssimo, achei um horror aquele churrasco (...) Quer dizer, eu achei uma coisa horrorosa, lá o pessoal formou uma panela e ninguém conversou com ninguém, chegou em ponto que eu me afastei, lá pra um canto (Alba).

Considera-se que, muito mais do que cristalizar uma identidade *de gaúchos ou baianos*, esses momentos funcionam como forma de demarcar um lugar, uma posição ocupada pelos sujeitos no contexto de mudanças expresso nesse período de afastamento. Nos termos de Max Auge, Viçosa poderia ser considerada como “um não lugar”, um lugar de passagem, onde não se criam vínculos e onde as identidades estão diluídas e ao mesmo tempo são permeadas por novas experiências, que vão dar um colorido singular a cada pessoa envolvida nesse contexto de mudanças e vivências possibilitadas pela experiência de deslocamento durante um período do doutoramento.

Os indivíduos vivem no interior de um grande número de instituições exercendo graus variados de escolha e autonomia, mas cada um dentro de um campo de possibilidades. Em todas essas situações, o sentimento é de “somos” a mesma pessoa, mas a diferença se dá na maneira que “estamos” posicionados diante das diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada situação diversa.

O lugar que a formação acadêmica assume na família de origem é sempre positivado. Muitas entrevistadas relataram que se consideravam vitoriosas por sua origem pobre, enfatizando a necessidade de trabalhar e se sacrificar muito para conquistar um lugar no mercado de trabalho e ascensão social via qualificação. Assim, para muitas desse grupo a educação formal foi um canal não só de aquisição de novos valores e acúmulo de capital escolar e social, mas de possibilidade de mobilidade social. O projeto de ascensão social passa pela educação superior.

A construção da carreira acadêmica aparece como uma possibilidade de ascensão social para essas mulheres. Para algumas delas, a escolha profissional e a construção da carreira acadêmica estiveram em conflito com as escolhas afetivas. A conciliação entre esses aspectos de suas vidas é vivenciada como momentos de muita reflexão e questionamento sobre as escolhas feitas. Esse período de treinamento, além de proporcionar melhoria de formação, era visto como um momento ímpar de reflexão e aprendizado sobre si mesma, questionamentos sobre suas escolhas e sobre o rumo de suas vidas após o término do curso.

Também é possível problematizar o discurso instrumental com que a carreira docente se apresentou para algumas mulheres. Foi recorrente, no grupo pesquisado, a

dimensão ocasional da opção pelo magistério superior, apenas como forma de ascensão social.

O conceito de carreira assumido neste trabalho é aquele que Ângela Neves (1980) definiu em seu artigo “Trabalhar fora ou fazer carreira: um problema de mulher”, em que define carreira como “uma série de ocupações sucessivas, hierarquicamente ordenadas, dentro de uma frequência programada no tempo, cuja trajetória ascendente se faz em função do reconhecimento dos méritos e talentos demonstrados pelo profissional em questão”. Nessa definição ainda estariam implícitas certas exigências, como: a) aquisição de uma formação especializada, obtida através de uma educação formal; b) obtenção de uma ocupação inicial adequada a essa formação; c) decisão consciente e assumida por parte do indivíduo de construir essa trajetória ascendente; d) idéia de planificação, de programação no tempo, em que cada atividade tem sua hora e sua vez; e) experiência profissional sistemática, em que cada ocupação deverá constituir-se em trampolim para a seguinte, hierarquicamente superior.

Tendo em vista essa definição, a referida autora apontou que seria necessário problematizar esse próprio conceito de carreira, tentando um equilíbrio entre competição e cooperação. É preciso ter em mente que esse caminho constituiu uma empreitada bastante difícil e tortuosa, principalmente em relação às mulheres foco desta pesquisa. Não se pode mudar a posição das mulheres na trajetória de uma carreira sem alterar o próprio sistema de competição que informa e forma o conceito de carreira, e não se podem mudar os mecanismos implicados nessa situação se não forem alteradas as estruturas sociais que valorizam e cobram determinadas ações e comportamentos tipicamente atribuídos a elas e que se apresentam como verdadeiros dilemas a serem enfrentados por todas aquelas que almejam alçar vôos. Essas questões são evidenciadas quando se referem à diferença de tratamentos dado a mulheres e homens dentro dos departamentos, a impossibilidade de buscar melhor colocação profissional e até a própria escolha de áreas dentro do curso.

A maternidade é outro ponto de reflexão importante dentro do contexto estudado. O fato de estar esperando um filho, ter que contar ao orientador, interromper o projeto de aperfeiçoamento ou mesmo prorrogar a decisão de ter filhos poderia ser entendida como transgressão a um espaço/modelo masculino consagrado dentro da academia e da Ciência. Apesar de prerrogativas institucionais do feminino permitirem esse afastamento, esse momento é vivenciado de forma bastante conflituosa e contraditória.

As representações sobre o casamento são descritas e facilmente observadas em diferentes visões nas falas dessas mulheres. Para elas, os vínculos afetivos têm um lugar especial em suas vidas, acreditam que se não tivessem o apoio dos maridos não teriam vindo. Todavia, algumas diferenças se apresentam de acordo com suas singularidades e trajetórias de vida.

Doze das entrevistadas eram casadas formalmente; as outras duas viviam em união estável e questionaram a segurança que “um papel” poderia assegurar em suas experiências afetivas. O casamento enquanto sacramento assume para alguns, no grupo, um lugar de extrema importância, inclusive fazendo questão de relatar a importância em suas vidas. Já para uma das entrevistadas é percebido como apenas uma burocracia, funcionando como um estágio probatório para uma relação mais igualitária.

A religiosidade é constituinte do grupo e fornece suporte para ultrapassar períodos de estresse. A busca por auxílio espiritual também aparece em outros depoimentos, ora como pedido de bênçãos para enfrentar as dificuldades, ora como busca de entendimento para situações de dúvidas e questionamentos diante de suas escolhas. Em outras situações, a religiosidade assume tanta importância na vida quanto o doutorado, a família e o trabalho.

A vivência dessas mulheres que compõem este estudo é muito diversificada, e a relação que elas estabelecem com a Universidade e a cidade e com a experiência do deslocamento está diretamente ligada às possibilidades de negociação entre suas posições identitárias e é acionada à medida que solicitada. O período de treinamento exige uma adaptação não só das estudantes, como também da família inteira. O rompimento com uma situação a qual estavam acostumadas exige a reconstrução de laços afetivos e profissionais capazes de dar suporte para os envolvidos ultrapassarem esse período. Essa vivência foi percebida diferentemente por todas as pessoas, dependendo de suas histórias de vida e de como foram renegociadas as mudanças ocorridas ao longo do tempo, ou seja, de acordo com suas singularidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das primeiras questões que se colocaram para esta pesquisa pode ser explicitada nos seguintes termos: Existe *uma* identidade de mulheres que migram para Viçosa para realizar aperfeiçoamento? O presente estudo indicou que não. As entrevistas e observações realizadas apontaram em direção contrária, pois o grupo pesquisado apresentou características diferenciadas entre si, embora com alguns traços comuns. Essa questão aparece contemplada nos discursos, mas assumem posições diversas em cada situação. Nesse sentido, pode-se crer que a identidade dessas pessoas é plural e não está vinculada a um papel único. A opção por investimento na carreira acadêmica traz para essas mulheres a necessidade de negociação constante com prerrogativas definidas culturalmente como essencialmente femininas, como o cuidado com filhos e a manutenção emocional da família.

O casamento e a família tipicamente modernos – que se constroem no séc. XIX – como um modelo ideal e que na prática não se realiza, com o homem provedor financeiro e a mulher dona de casa, em que as individualidades são delimitadas pelo desempenho de papéis atribuídos segundo estereótipos de gênero – não parecem estar homoganeamente contempladas nesse grupo de mulheres. Entretanto, podem-se perceber algumas características desse modelo nos casos explicitados ao longo da apresentação do grupo de informantes.

Embora na sociedade contemporânea as identidades sejam complexas e fragmentadas e sua análise não possa basear-se unicamente em categorias analíticas gerais, como classe e gênero, pois estas não dão conta da multiplicidade dos

determinantes das identidades sociais, elas não devem ser excluídas da análise. Constituem pontos de referência para estabelecer vínculos entre narrativas locais os problemas contextuais e as transformações macro-históricas.

Práticas que em diferentes contextos e situações da vida cotidiana desafiam as relações de gênero hierárquicas contribuem para problematizar papéis cristalizados. São, contudo, práticas que se afirmam como fenômenos situados historicamente, ocorrendo dentro de determinado espaço de tempo e produzidos por sujeitos que se localizam numa rede de relações sociais e culturais. Assim, torna-se fundamental problematizar as situações apresentadas pelas informantes em relação a suas próprias trajetórias, enquanto *locus* de resistência e questionamento perante imposições baseadas em relações de gênero estereotipadas e cristalizadas.

A negativa diante da questão inicial posta se evidencia através da análise do grupo estudado. Nele foi possível perceber uma clara diversidade entre as mulheres pesquisadas, demonstrando a impossibilidade de generalizações que não levem em conta aspectos da singularidade e das marcas das relações subjetivas das informantes.

No caso específico deste trabalho, a identidade sexual e de gênero conformam carreiras femininas dentro da UFV. Carreiras culturalmente definidas como masculinas e femininas dentro da ciência encontram solo fértil para discussões nas particularidades históricas de construção de universos femininos e masculinos na Universidade, demarcando campos de atuação específicos para homens e mulheres. A subversão desses campos não acontecem sem deixar marcas profundas nas subjetividades femininas, elas apontam para a necessidade de constantes negociações, que são vivenciadas como verdadeiros dramas sociais.

Espera-se que o presente trabalho possibilite uma reflexão sobre questões que parecem, a princípio, não estar contempladas nos discursos referentes às famílias que se deslocam para estudar, mesmo porque esse não é um tema comum no campo investigativo dos estudos de família. Fica claro que, além do esforço e investimento intelectual que um curso no nível de um doutorado exige, é importante ficar atento às repercussões que essas mudanças causam nas famílias envolvidas e nas subjetividades femininas especificamente.

É preciso relativizar conceitos consagrados como casamento, família e identidade para que seja possível acompanhar as mudanças que vêm ocorrendo na sociedade. Especificamente no caso de mulheres estudantes, é importante salientar que o investimento na carreira quase sempre é acompanhado de muitas dúvidas e

questionamentos. A escolha em centrar as discussões sobre o prisma feminino contribui para dar visibilidade a fatos que em um passado não muito distante era impensáveis. Embora contraditórios, demonstram uma opção por relacionamentos mais igualitários, em que a busca de satisfação individual e as de casal precisam ser constantemente renegociadas.

O casamento e a família em um contexto de mudanças contínuas estão longe de desaparecer, como alguns setores da sociedade apregoam. Elas vem assumindo novas formas, tornando-se plásticas e flexíveis, renegociando limites à medida que situações de conflito aparecem.

A identidade, assim como o casamento e a família, também assume posições híbridas e plurais, mas isso não quer dizer que as individualidades tenham desaparecido. O movimento dessas mulheres que negociam suas posições de esposas, mães e profissionais faz com que valores atribuídos ao feminino sejam problematizados, mesmo que no nível micro (suas relações imediatas), abrindo espaços para novas ou diferentes formas de estabelecer vínculos.

As trajetórias femininas e de casal marcadas por deslocamentos e, conseqüentemente, por mudanças nas rotinas familiares apontam para a riqueza de experiências vivenciadas por essas famílias e constituem um campo promissor de busca por relacionamentos pautados pelo respeito às individualidades.

A importância de um trabalho desta natureza está em desvelar aspectos da construção social de identidades de gênero e problematizar as assimetrias que marcam e definem essas relações. A elucidação e análise de aspectos do processo de construção de subjetividades atravessadas por relações de gênero possibilitam a problematização de conceitos e verdades arbitrárias e absolutizadas como identidade, comportamentos e padrões de casamento e da família e, dessa forma, contribuem para a construção de relações mais justas e igualitárias entre as pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGE, M. **Não lugares** – Introdução a uma antropologia da super-modernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994. 111 p. (Coleção Travessia do Século).

ABREU FILHO, O. **Raça, sangue e luta**: Identidade e parentesco em uma cidade do interior. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, 1980. (Dissertação de Mestrado).

AGUIAR, N. A observação participante e “survey”: uma experiência de conjugação. In: NUNES, E. O. (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978. p. 23-35.

AMARAL, T. **E o casamento como vai?** Um estudo sobre a conjugalidade em camadas médias urbanas. Belém do Pará: UFPA/PPGAS, 1999. (Dissertação de Mestrado).

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Guanabara, RJ: [s. n.], 1973. cap. 3.

ARIÈS, P. "O amor no casamento". In: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (Orgs.). **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987a (1982). p. 153-162.

ARIÈS, P. "O casamento indissolúvel". In: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (Orgs.). **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987b (1982). p. 163-182.

ARIÈS, P. A vida sexual dos casados na sociedade antiga. In: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (Orgs.). **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987c (1982). p. 135-152.

BECKER, H. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1994. 178 p.

BOURDIEU, P. A propôs, de la famille comme categorie réalisé. In: —. **Actes de la recherche em sciences sociales**. Paris: Maison de Sciences de L’ Homme, 1993.

BOURDIEU, P. **Introdução a uma sociologia reflexiva**. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001; 1989.

BOURDIEU, P. Condição de classe e posição de classe. In: —. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001; 1966. p. 4-25.

BRUSCHINI, C.; RIDENTI, S. Família, casa e trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 88, p -, fev. 1994.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

CANEVACCI, M. (Org.). **Dialética da família**: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 281 p.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 3. ed. Trad. Klaus Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2001; 1942. 524 p.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual essa nossa (des) conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CIAMPA, A. C. **A história de Severino e a estória da Severina** – Ensaio Psicologia Social. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001; 1987. 242 p.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S.; CODO, W. **Psicologia social**: O homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CITELI, M.T. Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudos. In: LOPES, M.M. (Org.). **Cadernos de Pagu**. [S. l.: s. n.], 2000. p. 15-38. (Gênero, ciências, história, n. 15).

COSTA, C.L. O feminismo e o pós-modernismo/pós estruturalismo (in) determinações da identidade nas (entre) linhas do (con) texto. In: PEDRO, J.; GROSSI, M. (Orgs.). **Masculino, feminino plural**: gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 57-90.

DEL PRIORE, M. **Ao sul do corpo**. Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. [S. l.]: José Olympio/Edunb, 1993.

DUMONT, L. **O individualismo**: Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, 280 p.

DURHAM, E. **Família e reprodução humana** – Perspectivas antropológicas da mulher. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. p. 13-14.

DURKHEIM, E. **As regras do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FELDMANN-BIANCO, B. Capitalismo e família: os pequenos burgueses. In: CORRÊA, M. **Colcha de retalhos** – Estudos sobre a família no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 137-159.

FONSECA, C. **Família, fofoca e honra**: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFGRS, 2000. 245 p.

FLANDRIN, J.L. **Famílias, parentesco casa e sexualidade na sociedade antiga**. Lisboa: Estampa, 1994; 1984.

GEERTZ, C. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 323 p.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1992.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997. 107 p.

GOLDENBERG, M. **A outra**: um estudo antropológico sobre a identidade da amante do homem casado. Rio de Janeiro: Revan, 1996. 82 p.

GOLDENBERG, M. **Toda mulher é meio Leila Diniz**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. 251 p.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 224 p.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A 2001. 102 p.

HARAWAY, D. **Gênero para um dicionário marxista**: a política sexual de uma palavra. Trad. Marisa Corrêa. (Mimeogr.).

HEILBORN, M. L. **Dois é par**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. Tese (Doutoramento) – PPGAS – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

HEILBORN, M. L. Gênero um olhar estruturalista. In: PEDRO, J.; GROSSI, M. (Orgs.). **Masculino, feminino plural**: gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 43-55.

HITA, M. G. Igualdade, identidade e diferença(s): feminismo na reinvenção de sujeitos. In: ALMEIDA, H.B. et al. **Gênero em matizes**. Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2002. p. 319-352.

LAGO, M.C.S. Identidade: a fragmentação do conceito. In: SILVA, A.L.; LAGO, M.C.S.; RAMOS, T.R.O. (Orgs.). **Falas de gênero**. Florianópolis: Mulheres, 1999. p. 119-129.

LÉVI-STRAUSS, C. **“Família” in SHAPIRO**: homem, cultura e sociedade. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1966.

LOBATO, J.P. **Amor, desejo e escolha**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. 194 p. (Coleção Gênero).

LOPES, M. F. **O sorriso da paineira** – Construção de gênero em Universidade Rural. [S. l.]: UFRJ, 1995. Tese (Doutorado) – PPGAS - Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LOPES, M.F.; OLIVEIRA SILVA, A. I. **A construção da modernidade**. Projeto de Pesquisa UFV/Fapemig, 2002.

LOPES, M.M. Aventureiras nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências naturais do Brasil. In: —. **Cadernos de Pagu**. [S. l.: s. n.], 1998. v. 10 (Gênero, tecnologia e ciência).

LOURO, G. Nas redes do conceito de gênero. In: **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MACFARLANE, A. **História do casamento e do amor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

MATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, E.O. (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978. p. 23-35.

MATTA, R. **Relativizando, uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1993.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. In: **Estudos feministas**, Florianópolis, CFH/CCE/UFSC, v. 8, n. 2, 2000.

OLIVEIRA SILVA, A. I. **Rendas, babados, bilros e crochês** – Construção social da mulher de prendas domésticas. Campinas, SP: Unicamp, 1985. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Campinas, Campinas.

ROLNYC, S. Toxicômanos da identidade. In: LINS, D. (Org.). **Cultura e subjetividade**: saberes nômades. Campinas, SP: Papirus, 1997. p. 19-24.

RUBIN, G. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a “Economia Política do Sexo”. Trade Dab at, C. Recife: Ed. SOS Corpo, 1993.

SARTI, C. Família e individualidade. In: CARVALHO, M.C. (Orgs.). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC, 1995. p. 39-50.

SARTI, C. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas, SP: Autores Associados, 1996. 128 p.

SARTI, C. A sedução da igualdade: trabalho, gênero e classe. In: SCHPUN, M. (Orgs.). **Gênero sem fronteiras**: oito olhares sobre mulheres e gênero. Florianópolis: Mulheres, 1997. 208 p.

SCHIENBINDER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru, SP: Edusc, 2001.

SCOTT, J. Gender and the politics of history. In: NICHOLSON, L. **Estudos feministas**. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, 2000. v. 8, n. 2.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez. 1990.

SILVA, G.P.F. **Mulheres-comunitárias, personae-viajantes**: Classe, gênero, identidade e participação popular. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. Tese (Doutorado) – IFCS – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença-a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: [s. n.], 2003. p. 133.

STREY, M.N. Gênero. In: STREY, M.N. et al. **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TABAK, F. **O laboratório de Pandora** – Estudos sobre a ciência no feminino. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

VAINFAS, R. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992. (Série Princípios).

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais**. Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VELHO, G. **Subjetividade e sociedade**: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. 112 p.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose**: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 112 p.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 148 p.

VIVEIROS DE CASTRO, E.; BENZAQUÉM, R. Romeu e Julieta e o surgimento do estado. In: VELHO, G. (Org.). **Arte e sociedade**. [S. l.: s. n.], 1989. p. 130-169.

WEBER, M. A objetividade do conhecimento na Ciência Social. In: WEBER, M. **Metodologia em Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 107-154.

ANEXO

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

A cada entrevistada foram feitas perguntas amplas para que elas(es) falassem a respeito das questões descritas a baixo:

1. Como foi a decisão de vir para Viçosa?
2. De quem foi a decisão de vir para Viçosa? Existiam outras possibilidades de curso?
3. O que você faz aqui? Qual sua ocupação?
4. O que mudou em sua vida e da família?
5. Desde quando estão casados? Número de filhos/(se tiver)
6. Como foi a adaptação em Viçosa?
7. Como era sua vida antes de mudar para Viçosa
8. Como foi sua trajetória acadêmica?
9. O que você achou da cidade a primeira vez que chegou aqui?
10. Como você considera sua vida atualmente?
11. Quando acabar o curso, quais são seus planos?
12. O que você fazia antes de vir para cá?
13. Círculo de amizades.
14. Como é seu lazer em Viçosa?
15. Como é ficar longe de amigos/ parentes/ emprego
16. Em que aspectos você acha que o curso de pós-graduação vai mudar sua vida/ casal/ família?
17. Importância da pós-graduação na família de origem
18. Trajetória afetiva
19. Lugar do estudo na sua vida e na vida de sua família de origem.